



EDUARDO GILTO

AUTOR DE *TRAÇOS*

SUBMERSO

UM ROMANCE



Planeta



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EDUARDO GILTO

SUBMERSO

UM ROMANCE



Para todos que já temeram o futuro ou a si mesmos. Lembrem-se: a escuridão sempre se vai quando o dia recomeça.

Tento não me meter em problemas, mas tenho uma guerra em minha cabeça.

[Been trying hard not to get into trouble But I've got a war in my mind.]

Lana Del Rey, "Ride".^[1]

Copyright © Eduardo Cildo, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Pantoja

Revisão: Renata Lopes del Nero e Laura Folgueira

Diagramação: Marcela Badolatto

Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Ilustração de capa: Adams Carvalho

Adaptação para eBook: Hondana

Todas as músicas presentes neste livro são traduções livres do autor.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Cildo, Eduardo

Submerso / Eduardo Cildo. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ISBN: 978-85-422-1273-0

1. Literatura brasileira I. Título

18-0097

CDD B869

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br



CAPÍTULO UM



**Há uma casa em New Orleans,
a chamam de “Sol Nascente”**

**E tem sido a ruína de muitos pobres garotos,
E Deus, eu sei, sou um deles**

“The House of the Rising Sun”, The Animals^[2]

O cheiro forte da química penetra minhas narinas e faz com que meus olhos ardam quando o líquido azul-celeste escorre pelo meu rosto. É como se aquela velha parte de mim estivesse simbolicamente partindo, desgrudando de minha alma e descendo pelo ralo do chuveiro. Um destino infeliz para algo que havia moldado quem eu era, mas as coisas ruins sempre desciam pelo esgoto e, naquele momento, eu me considerava ruim por inteiro.

A voz de Eric Burdon, vocalista do The Animals, sai do alto-falante do celular e ricocheteia por cada canto do banheiro enquanto fecho o registro, puxo uma das toalhas no box e com ela envolvo a cintura. Caminho até o gabinete com cuidado, meus pés estão encharcados e corro o risco de escorregar, algo que causaria ainda mais drama e preocupação em casa. Mesmo uma queda no banheiro pode fazer com que a situação volte a sair do controle.

O espelho acima do gabinete está embaçado pelo vapor quente que dança ao meu redor, então, o esfrego até vislumbrar meu reflexo. O garoto do outro lado me encara com estranhamento, parecendo ter caído de cabeça em um tonel de tintura azul. É estranho, embora interessante, não reconhecer a si mesmo à primeira vista. Com o cabelo ainda molhado, deslizo os dedos pelos fios e sinto que a textura está diferente, áspera. Provavelmente, fiz alguma coisa errada enquanto tentava seguir os passos de um tutorial qualquer de tingimento com o qual esbarrei na internet. Ao menos tive a sorte de chegar ao tom desejado: safira na raiz e azul-celeste se espalhando pelo comprimento.

Nunca liguei muito para cabelo, mas, quando pensei no que estava ao meu alcance para mudar minha aparência e que pudesse fazer eu me sentir ao menos um pouco melhor, o cabelo foi o que veio à mente. Perdi as contas de quantas vezes me peguei encarando meu reflexo, inconscientemente desejando ser outra pessoa. Meu antigo eu não existia mais, e não fazia sentido permanecer com a aparência de antes.

Três batidas na porta me trazem de volta à realidade. Meu pai está me chamando e não consigo entender o que diz por causa da música alta. Espero alguns segundos até passarem meus versos favoritos de “The House of the Rising Sun”

e pauso a canção.

— O que houve, pai? — grito, ainda encarando o espelho.

— Nada de mais, Dimitri. — A resposta vem em seguida, a entonação preocupada. — Só checando se está tudo bem, você está aí há quase duas horas. *Droga*. Nem vi o tempo passar. É claro que ele ficaria preocupado, tinha vários motivos para isso.

— Já estou saindo. Eu me distraí ouvindo música.

Dou uns pulinhos em cima do tapete para que a água escorra e abro a porta. Encontro meu pai encostado na parede do corredor. A expressão se altera no exato momento em que ele me vê; seu olhar vai do meu rosto direto para meu cabelo.

— Sei que é estranho, mas juro que é uma coisa menor do que parece — tento explicar, coçando a sobancelha. — Acho que não há nada de mais em querer mudar.

Meu pai continua calado, mas através de seus olhos percebo que há milhares de perguntas borbulhando em sua mente. Eu o conheço bem o suficiente para saber que ele jamais tentaria me censurar ou diria algo que me deixasse mal.

— F-ficou bem diferente — diz, finalmente, forçando um sorriso. — *Moderno*. Acho engraçado como os adultos usam o adjetivo “moderno” para o que não conseguem compreender ou simplesmente não aprovam.

— É, eu também gostei. — Sorrio de volta.

Passo por ele e vou para o quarto, onde dou de cara com a maior quantidade de roupas sujas espalhadas pelo chão que qualquer cômodo poderia suportar. Crio uma nota mental dizendo para dar um jeito naquela bagunça, mesmo sabendo que provavelmente não farei isso tão cedo. Abro o guarda-roupa e procuro o uniforme que devo usar no trabalho. Não demoro a achar, porque é a única camiseta branca em meio a tantas peças escuras. A frase “O que quer assistir hoje?” como estampa também é um fator que auxilia na identificação.

Eu trabalho durante meio período em uma das últimas locadoras de filme de São Paulo. Há cerca de dez anos, locadoras pareciam promissoras e havia uma em cada esquina, porém, com a pirataria e a ascensão dos serviços de *streaming*, os clientes aos poucos desapareceram e os negócios despencaram, o que levou muitas à falência.

Acho que tive sorte em trabalhar em uma das que continuaram funcionando. Poderia ter sido contratado por ser apaixonado por filmes, mas a verdade é que foi só porque eu ainda não tinha completado dezoito anos e isso fazia com que não fosse tão errado me pagar menos de um salário mínimo.

Não preciso levar muita coisa para o trabalho, apenas vis-to o uniforme, pego uma jaqueta e deslizo pelos corredores de casa. Meu pai não está à vista, mas

ouço o som de água caindo e deduzo que está no banho. Grito, avisando que estou de saída, mas não há resposta.

A locadora fica a poucas quadras de casa e sempre vou caminhando. A noite ainda não caiu e as pessoas tomam conta das ruas.

Percebo olhares curiosos por causa do meu cabelo, mas não me incomodo porque o julgamento de desconhecidos não me afeta. Encaro de volta, e as pessoas logo desviam o olhar. A maioria das que encaram não consegue ser encarada. Avisto meu local de trabalho, o pequeno comércio associado a um posto de gasolina na esquina de duas avenidas. Atravesso a rua, destranco a porta e entro. O badalar do sino sobre o umbral avisa que cheguei.

Geralmente, não tenho muito o que fazer. Durante a semana, o movimento é quase inexistente. De vez em quando, uns idosos aparecem à procura de um ou dois filmes antigos e acabo trocando umas palavras ou indicando títulos recentes que eles provavelmente não conheceriam por falta de acesso àquelas informações. Então, quando termino de organizar a pilha de devoluções e atualizar a tabela de empréstimos no computador, me jogo no assento reclinado atrás do balcão e dou *play* no último filme devolvido, *Laranja mecânica*, um dos meus favoritos. A ideia de assisti-lo novamente me deixa um pouco mais animado. Adoro toda a ironia e rebeldia que o protagonista representa.

Perto da metade do filme, recebo uma ligação da minha chefe, querendo saber se as coisas estão sob controle. Ainda com o celular na mão, vejo que há mensagens não lidas no grupo dos meus amigos; os nomes Clarissa e Bernardo dançam na tela, mostrando que os dois mandam mensagens a todo vapor.

Subo a conversa para ler e entendo a agitação: estavam combinando de se encontrar com a galera. Sinto uma pontada de vontade de encontrá-los, mas lembro que não posso me meter em confusão. Escrevo a mensagem rejeitando o convite e envio.

Segundos depois, meu celular escurece e o rosto pálido de Clarissa aparece na tela. Está me ligando.

— O que você quer? — pergunto, sem enrolação. Ouço Clarissa suspirar do outro lado da linha.

— Quero você — dispara a voz rouca e recheada de sarcasmo. — No nosso passeio, claro.

Reviro os olhos, mas confesso que deixo escapar um sorriso. Provavelmente, ela percebe; dá para perceber esse tipo de coisa.

— Não dá, estou no trabalho.

— Nos encontraremos na saída do metrô daqui a uma hora — avisa, como se eu tivesse concordado com a ideia. — Esteja lá.

Antes que eu tenha a chance de argumentar, ela desliga.

Jogo o celular no balcão e observo as cenas do filme que ainda passa sem prestar muita atenção. Minha mente viaja com o que pode acontecer se eu concordar com as ideias de meus amigos. Sei que nossas saídas são sempre muito divertidas, mas também trazem o pior e o melhor de mim.

Confiro as horas e calculo a distância de onde trabalho até o centro da cidade, o ponto de encontro. Se eu sáísse naquele momento, conseguiria chegar lá. Eles esperariam por mim, mesmo que me atrasasse um pouco.

Encaro a rua através da vitrine. O céu começa a escurecer, mas ainda há pessoas caminhando pela calçada. Nenhuma delas nota a locadora. Falta pouco para o fim do meu turno e sinto vontade de sair daquele tédio e me divertir. Faz tanto tempo que não saio com eles que mal me lembro para onde fomos. Recordo apenas da sensação de independência que senti quando encostei a cabeça no travesseiro para dormir.

Que se dane!, pensei, antes de desligar a televisão, apagar as luzes e ir até o expositor de bebidas para disfarçadamente pegar uma garrafa de cerveja, escondendo-a na jaqueta. Não acredito que minha chefe sentirá falta da bebida na próxima vez que aparecer na locadora, mas tiro uma nota de cinco reais do bolso e a coloco dentro do caixa pouco antes de trancá-lo.

Assim que apago as luzes e abaixo as grades de aço que protegem a loja, digito o número do telefone de casa. Meu pai atende no segundo toque e seu tom de voz indica que acordou com a ligação. Aviso que só voltarei na manhã seguinte. Ele pergunta o motivo e acabo mentindo, dizendo que vou dormir na casa do Bernardo. Meu pai concorda e pede para que eu tome cuidado. Ele conhece bem a mim e a meu amigo e talvez saiba que estou mentindo. Sabe que não somos do tipo que dorme um na casa do outro. Desejo boa noite e o ouço dizer que me ama, então, digo o mesmo, ainda sem saber muito bem o que significa.

Desligo o celular e caminho em direção ao ponto do ônibus que me levará para o metrô.

A primeira coisa que sinto quando desembarco e caminho para a saída é a sensação de liberdade. Toda vez que venho para este lado da cidade, sinto como se fosse um pouquinho mais aceito. Não há uma explicação racional. Acho que é porque as pessoas que transitam por aqui a essa hora da noite também parecem ter uma aura meio bagunçada. Mentes bagunçadas se reconhecem com facilidade.

Uma garota magricela e desajeitada está encostada na parede encardida de uma loja qualquer à frente da saída do metrô. Seus cabelos loiros estão tão bagunçados quanto suas roupas e, quando ela me vê, abre um sorriso.

— Está atrasado, gato — diz Clarissa, colocando o cigarro na boca.

— Ou talvez você é quem esteja adiantada — respondo, indo em sua direção. —

Tudo depende do ponto de vista.

— Nem tente me enrolar com sua filosofia barata — retruca, enquanto fuma e observa a fumaça se dissipar perto do meu rosto. — Mas agradeço por aparecer.

— Acho que senti falta de sair com vocês — digo, com dificuldade.

— “Acha”? — pergunta Clarissa, com ironia. — Eu sei que você morreu de saudades de nós.

— Onde está Bernardo? — arrisco perguntar, ignorando o comentário.

Clarissa sorri, retira o cigarro da boca e o segura perto dos meus lábios, para que eu fume também. Sem pensar muito, abocanho o cigarro e percebo que é um daqueles mentolados. Puxo a fumaça e sinto o ar quente descer até os pulmões.

— Sempre tentando mudar de assunto, não é, Demo? — pergunta ela, de maneira retórica. — Bernardo estava impaciente e acabou indo direto para o bar em que trabalha enquanto eu te esperava, mas vejo que você veio preparado — acrescenta ao olhar para baixo e observar a garrafa de cerveja que eu segurava. Confirmando, sem especificar qual de suas afirmações está correta. Descarto o cigarro no intuito de deixar as mãos livres, retiro o lacre da garrafa e a entrego para Clarissa, que se mantém apática durante a maior parte do tempo. Toma um longo gole direto do gargalo e faz questão de que eu assista ela beber. Quando termina, ficamos em silêncio, observando a cidade se movimentar, como se fôssemos fantasmas urbanos.

— Sabe que você poderia ter me ligado e pedido ajuda, não é?! — Clarissa começa. Não conheço muito aquele lado frágil dela, então, fico intrigado.

Faço que sim com a cabeça, sem dizer uma palavra, pego a cerveja de sua mão e a levo à boca. O líquido ainda está gelado, apesar de estar fora do expositor há algum tempo. Sinto o gosto amargo dentro de mim e o engulo sem saborear demais. Acho que nunca me acostumarei a esse gosto.

— O mundo é um lugar complicado. — Finalmente, tenho coragem de dizer, dando alguns passos para trás e desviando o olhar para o céu escuro. — Situações complicadas nos tornam complicados.

Tomo mais um gole da cerveja e a entrego a Clarissa. Prometo que aquelas são as últimas gotas de álcool que consumirei naquela noite, mas sei que não sou muito bom em cumprir minhas próprias promessas.

Com um sorriso amarelo e ainda meio tonto, escapo daquela maré de tensão em que ela havia nos colocado e começo a andar. Minha amiga me acompanha com o olhar e entende que quero que me siga. Sinto os pulsos arderem, mas ignoro a sensação porque o álcool corre em meu organismo e faz com que me sinta como se eu fosse o dono daquele universo embaçado que gira ao meu redor. Posso ter ficado inativo por algum tempo, mas, como um animal que acorda após meses em hibernação, eu estava de volta e sabia que lideraria meus amigos naquela

noite como se nunca os tivesse abandonado. É no caos que minha mente se esvazia e meus pensamentos se encontram.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos até que sou capaz de enxergar a fachada do bar em que combinaram de se encontrar. Estou tão distraído olhando para o letreiro que não vejo uma garota vindo em minha direção e acabamos nos esbarrando. Eu a faço cair. Peço desculpas e a ajudo a se levantar.

— Está tudo bem! — diz ela, enquanto tira os fios do cabelo loiro do rosto e me encara com os olhos mais verdes que já vi na vida. — Não foi nada.

Clarissa chama minha atenção e diz para entrarmos; quando me viro para a garota, ela já está a alguns metros de mim, caminhando em direção a um hotel qualquer na rua. Dou de ombros e volto para a entrada do bar. O segurança me barra na porta, me olha dos pés à cabeça e pede para que eu mostre os documentos. Não hesito em colocar a mão no bolso traseiro da calça e puxar a carteira para encontrar o documento falso que fiz alguns meses antes para casos como este. Entrego a identidade e ele me encara. Percebo que o homem observa meu cabelo na foto e então volta o olhar na minha direção.

— Está liberado, Dimitri — diz ele, tentando ser educado ao abrir espaço para que eu pudesse passar.

Pego o documento de volta e sorrio em agradecimento. Clarissa está logo atrás de mim e é sua vez de comprovar que é maior de idade, mesmo que não seja. Assim como eu, ela não tem muitos problemas com o segurança, está acostumada a se meter em lugares nos quais não é autorizada a entrar. Meus amigos são assim, irrefreáveis.

Num piscar de olhos, Clarissa vem para o meu lado e se arrasta para perto do balcão.

Olho ao redor na esperança de encontrar Bernardo, mas não consigo reconhecer ninguém por causa da iluminação fraca do bar. Costumo reclamar quando não enxergo direito o chão, mas essa luz torna o ambiente mais aconchegante. Eu até gosto deste lugar... A primeira vez em que estive aqui foi quando Bernardo completou dezoito anos e descolou o emprego de barista. Na mesma semana, chamou todos que conhecia e serviu rodadas de drinques terríveis feitos por ele quando ainda estava em treinamento.

Deixo a nostalgia de lado e caminho na direção de minha amiga, que se aconchega no banco duro do balcão e rói ansiosamente as unhas à espera de que alguém a atenda.

— Onde está o Bernardo? — pergunta Clarissa para a garçonete quando a moça passa por nós.

— No estoque — responde ela, após piscar algumas vezes. — Quer que eu o chame?

Tento dizer que não é necessário, mas Clarissa faz que sim com a cabeça e pede para a mulher lhe dizer que ela precisa falar com ele sobre algo urgente, o que não é verdade. A garçonete dá meia-volta e desaparece ao passar pela porta. Clarissa vira na minha direção e me sopra um beijo. Apesar de revirar os olhos, não consigo conter um sorriso de lado.

— Você não tem jeito, mesmo — digo.

Saco o celular para ver se há alguma mensagem do meu pai, mas a tela de notificações está vazia, o que significa que, até agora, a noite está indo bem. Deslizo o dedo pelo aparelho e entro no Instagram. A primeira postagem que aparece quando a linha do tempo atualiza é uma foto de Bernardo. Ele encara a câmera com uma expressão pouco espontânea enquanto segura o celular de frente para o espelho. Apago a tela quando percebo certa movimentação onde momentos antes a garçonete havia desaparecido e vejo a silhueta de Bernardo emergir da porta. Clarissa se agita ao meu lado e se ajeita no banco, apoiando os braços no balcão enquanto Bernardo veste o avental escuro do uniforme. Quando o garoto se depara conosco, abre um sorriso.

— Finalmente vocês chegaram! — diz, levantando as sobrancelhas e dando um beijo na bochecha de Clarissa. — Aliás, qual é o assunto urgente que você precisa falar comigo? — pergunta para ela.

— Que assunto? — Ela começa, mas pausa ao perceber que o olhar da chefe de Bernardo paira sobre os dois. — Ah, *aquele* assunto... — e não diz mais nada, parecendo extremamente travada.

— Você deixou cair a chave de casa quando passou na locadora hoje de manhã e viemos devolver — minto sem hesitar, elevando a voz para que todos possam ouvir.

Meus dois amigos me encaram, e acho que acertei na mentira, porque a chefe se afasta segundos depois, nos deixando a sós.

— Que surpresa ver você aqui! — diz ele, se aproximando e estendendo a mão. Aperto sua mão e sorrio. — Não esperava te ver tão cedo. Você está melhor?

— Melhor do que nunca — respondo, mas não tenho muita certeza do que estou dizendo.

De relance, vejo que Clarissa assiste atentamente à cena, então, tento parecer confiante. Bernardo franze o cenho e sei que está procurando entender o que eu realmente queria dizer, mas disfarça a expressão após perceber que nossa amiga nos observa.

— Então, esta data é perfeita! — Ele comemora, esticando o braço e afagando minha cabeça por cima do balcão. O garoto me encara por alguns segundos e noto que está observando a nova cor de meus cabelos. — Não gostei muito — diz, torcendo os lábios.

— Obrigado, invejo sua sinceridade — retruco, ironicamente.

— Não é bem não gostar — começa ele —, mas acho que azul é uma cor melancólica.

— É, acho que sim... — Dou de ombros.

Sei exatamente o que o meu amigo está pensando e o que o fez não gostar da cor do meu cabelo. Atribuo a reação ao fato de que, na última vez em que nos vimos, eu estava preso a uma cama de hospital durante um dos piores momentos da minha vida e ele não podia me ajudar em nada.

— Então, querem algo para beber? — pergunta ele, tentando mudar de assunto e nos tirar do buraco de tensão em que ele mesmo nos colocou.

— Está falando sério? Perguntar isso para mim é a mesma coisa que perguntar para um peixe se ele consegue nadar — diz Clarissa, ironizando.

— O mesmo de sempre, gatinha?

— Com certeza — responde ela. Quando Bernardo vira para abrir a geladeira às suas costas, Clarissa olha em minha direção e dá uma piscadela. — Não precisa me agradecer por te livrar daquele climão! — sussurra.

— Aqui está — diz o garoto, colocando uma garrafa de cerveja na frente de Clarissa, que agarra a bebida e dá um grande gole. — Demo, peguei uma para você também!

Sorrio em agradecimento, porque, apesar de estarmos numa fase complicada da amizade, Bernardo ainda consegue tirar um ou dois sorrisos de mim. Tomo um longo gole da cerveja e percebo que já estou meio tonto. Não bebo há algum tempo e nesta noite estou na segunda cerveja. Dou de ombros. Estou em um lugar seguro e as chances de algo ruim acontecer são mínimas.

Tento prestar atenção em Clarissa e Bernardo conversando sobre alguma coisa que aconteceu no período em que eu estava fora, mas logo me distraio com a televisão no fundo do bar. Vejo que está passando *Juventude transviada* e me animo com a ideia de assistir ao filme, mas, justo quando James Dean começa a se interessar pela personagem de Natalie Wood, ouço a voz de Clarissa se elevando e mudando do tom casual para o irritado.

— Vê se me erra! — diz ela.

Deixo o filme para trás e volto a prestar atenção no que acontece perto de mim. O balcão está novamente vazio e não há sinal de Bernardo. Provavelmente, teve de voltar ao estoque e terminar o que deveria fazer, deixando minha amiga sozinha. Para Clarissa, acostumada a passar boa parte do tempo em sua própria companhia, aquilo não seria incômodo algum; o problema era que logo ao seu lado alguns homens a cercavam, tentando puxar assunto de forma meio invasiva. Acompanho a cena e aos poucos me aproximo. Clarissa não gosta que eu me intrometa em seus assuntos, mesmo que seja para ajudá-la em momentos como

este. Ela diz que sabe se cuidar muito bem sozinha e que não precisa de homem nenhum para salvá-la de outro. Então, fico por perto e apenas observo.

— Ei, princesa — diz, maliciosamente, o garoto que a cerca.— Não precisa se fazer de durona pra mim! — Ele parece ser alguns anos mais velho do que eu e, pelo modo como se veste, ostentando marcas e com um grande relógio dourado no pulso, julgo que tenha dinheiro.

Clarissa franze o cenho e levanta o dedo do meio para ele. A meia dúzia de amigos do playboy troca olhares e dá risadinhas, o que o deixa irritado.

Certamente, está acostumado a ter tudo o que quer. Clarissa lhe dá as costas e volta para a sua bebida, fingindo que eles não estão ao seu lado.

— A loirinha tá se achando demais! — diz o playboy para os amigos, forçando um riso nervoso. — Se você soubesse quem eu sou, não me esnobaria desse jeito — afirma, voltando a se aproximar e colocando uma das mãos na lateral das costas dela.

— Quem é você? — pergunta Clarissa hesitante, sem olhar para trás.

— Olha só, então você sabe começar uma conversa sem ser rude — ele ironiza, aumentando a proximidade dos dois. — Sou dono de uma das startups mais bem-sucedidas da região. — Enquanto o playboy se gaba, na certeza de que a está conquistando, Clarissa sorri de maneira gentil, mas percebo que seus punhos estão cerrados.

— Nossa! — exclama ela. — Você deve ser muito importante, mas acho que deveria desistir da sua empresa e investir no ramo de aparelhos auditivos, pois claramente precisa de um, afinal! Em momento algum falei para que se aproximasse.

Sem retrucar, o playboy retira as mãos da cintura de Clarissa e se afasta um pouco, parecendo desistir de tentar contato. Sinto a tensão se dissipar no ar. Mas, assim que dou mais alguns passos e chego perto de minha amiga, ouço o playboy dizer bem alto para os amigos, em tom de piada.

— Ela nem é tão bonita assim, deve ser uma dessas *feministas* que se acha a gostosona ou alguma merda do tipo.

Em um pulo Clarissa vai até o playboy, e é tão rápida que ele não a vê chegar por trás e meter um chute bem no meio de suas pernas. O cara se contorce de dor e, quando percebe quem o atingiu, começa a gritar vários palavrões direcionados a minha amiga. O bando de homens a encara boquiaberto, mas não faz nada para ajudar o amigo. Quando percebo, estou gargalhando com a cena.

— Ele mereceu — grito para Clarissa, que, embora não pareça acreditar no que acabou de fazer, ainda exala confiança.

— O que foi que você disse? — retruca um dos amigos do playboy, caminhando em minha direção.

— Falei que ele mereceu — repito, sem hesitar. — Não se deve sair por aí achando que o mundo é seu.

— Também não se deve sair por aí falando o que quer — diz o homem, perto o bastante para que eu veja a cor clara de seus cabelos e sinta o cheiro de álcool que exala de sua boca. — Você não tem medo?

— De quem? Você? — pergunto precipitadamente, e me arrependo assim que as palavras pulam de minha boca, porque lembro que não devia me meter em confusões. — Quero dizer, só disse que não é certo sair por aí fazendo o que ele fe... — Antes que eu seja capaz de concluir a frase, sou atingido pelo punho do homem, bem no meio do rosto.

O mundo fica escuro por alguns segundos e sinto o nariz doer. A dor logo é substituída por irritação. A adrenalina corre em minhas veias e sei que vou me arrepender do que estou prestes a fazer. Quando abro os olhos, esqueço que estou no meio do bar e recuo um pouco, reunindo forças. Assim que me recomponho, cerro os punhos e invisto contra o estômago do cara, que tenta desviar em vão. Sem intervarlo, ataco novamente, dessa vez contra seu queixo. Meus dedos doem e o sangue escorre por minha pele. Não sei se estou ferido ou se o machuquei a ponto de ele sangrar, mas estou irritado demais para parar. Quando levanto o outro braço, pronto para dar um novo golpe, minha mão congela no ar.

— Calma, Dimitri. — Bernardo está de volta ao ambiente e segura meus braços com força, me contendo para que eu não volte a brigar. — Não vale a pena — sussurra em meu ouvido.

Minha respiração está pesada e minha mente gira, mas volto ao normal em poucos segundos. O bar inteiro me encara em silêncio, e até mesmo o playboy que se contorcia de dor se colocou de pé para me observar. Então, vejo o cara com quem eu estava brigando e me dou conta do que acabei de fazer. Seu rosto está totalmente vermelho e escorre sangue de sua boca. Ele me olha assustado.

Droga.

— Vamos sair daqui antes que a coisa fique séria! — anuncia Clarissa, se aproximando e me puxando na direção da saída. Mas a chefe de Bernardo se coloca em sua frente poucos passos depois.

— Ninguém sai daqui antes de a polícia chegar — diz a chefe, irritada. — Aliás, posso checar os documentos de vocês mais uma vez?

Ouço o barulho da sirene do carro de polícia cada vez mais perto do bar e estremeço.

— Você não consegue se manter fora de confusão não é, Dimitri? — Apesar de tenso, Bernardo soa sarcástico, e posso jurar que está lutando para não sorrir.

— Na verdade, a confusão é que não consegue se manter longe de mim.



CAPÍTULO DOIS



Mas em seus sonhos, quaisquer que sejam

Sonhe um pouquinho comigo

“Dream a Little Dream of Me”, Mama Cass Eliot^[3]

— NO QUE VOCÊ ESTAVA PENSANDO?!?

Do sofá, acompanho meu pai andar histericamente de um lado para o outro na sala de estar, enquanto dispara um milhão de perguntas às quais não sei muito bem como responder.

Quando a polícia chegou e levou todos para a delegacia, senti como se levasse um balde de água fria na cara. Nunca imaginei que a situação tomaria aquela dimensão. Tentei argumentar com os policiais, explicando tudo o que havia acontecido antes, mas eles pararam de ouvir assim que descobriram que eu havia entrado no lugar portando uma identidade falsa. Então, passei o percurso inteiro dentro da viatura pensando nas consequências de meus atos, mas o que mais me incomodava era que eu não me arrependia de ter feito o que fiz. O

arrependimento geralmente vem antes de um período de maturidade, no qual você entende que o que fez foi errado e decide não seguir mais com as atitudes recriminadas, mas eu não conseguia me sentir desse jeito justamente porque não achava que o que eu tinha feito era errado. O cara havia começado a briga, eu apenas me defendi. A partir daí, o resto era história.

Quando percebi, meu pai já estava sentado ao meu lado no banco de uma delegacia às quatro da manhã, esperando, totalmente apreensivo, para saber o que os policiais decidiriam sobre a minha situação.

Depois de algumas horas, fomos informados de que o playboy e os amigos tinham desistido de prestar queixa sobre a agressão. Se fizessem BO, provavelmente, parte da culpa recairia sobre eles, então, pegaram seus egos feridos e foram embora, me deixando sozinho para lidar com os problemas dos documentos falsos. Meus amigos também partiram bem antes de mim. Bernardo deu um rápido depoimento sobre o que viu naquela noite, mas logo foi liberado; Clarissa se safou das consequências quando alegou que tinha perdido a identidade, fazendo com que a culpa ficasse com o segurança, que a deixou entrar. Não faço ideia de onde a garota enfiou o documento falso, mas ninguém conseguiu encontrá-lo.

No fim das contas, meu pai conseguiu convencer os policiais de que eu era “apenas uma criança” e que não sabia o que estava fazendo, do que eu não discordava totalmente, uma vez que minha cabeça era uma confusão na maior

parte do tempo. Os policiais concordaram em me liberar com a condição de que meu pai me vigiasse vinte e quatro horas por dia para que eu não me metesse mais em confusão. Isso nos traz de volta à cena atual, na sala de estar de nossa casa, onde meu pai me encara esperando resposta para sua pergunta

— Aquele idiota foi quem começou a briga — digo, tentando usar o fato como desculpa. — Eu não queria machucá-lo... — Pauso. — Tanto.

Meu pai me observa em silêncio, mas continua dando alguns passos e balançando o corpo de um lado para o outro. Percebo que alguma coisa o incomoda, além da irritação e da preocupação comigo, porque ele congela em alguns momentos, com uma das mãos nos cabelos escuros, como se aquilo fosse ajudá-lo a pensar com mais clareza.

— Me desculpe. — Fico meio envergonhado e mantenho o olhar fixo no chão.

— Não era minha intenção.

— Nunca é sua intenção, não é, Dimitri? — Quando as palavras saem de sua boca, não consigo distinguir se ele quis ser grosseiro ou se apenas lamenta a situação. — Sei que é difícil, mas você precisa se esforçar mais para lutar contra isso.

Sinto como se um elefante subisse em meus ombros. Aquele era um dos meus pontos mais sensíveis, porque era difícil que as pessoas entendessem ou simplesmente acreditassem que era impossível equilibrar algumas coisas com tanta facilidade. O meu “defeito” estava em um lugar muito mais distante, onde eu não tinha controle.

Só havia uma pessoa capaz de compreender o que acontecia comigo nesses momentos, e esse alguém já não estava mais ao meu alcance para me dar conselhos.

— Sei que sente falta de sua mãe — continua meu pai, se aproveitando do meu silêncio. — Eu também sinto, todos os dias. Quando abro os olhos, me pego procurando por ela na cama.

— Queria que ela estivesse aqui — confesso, mordendo os lábios para não ficar muito emotivo. Já estava cansado de chorar todas as noites pela perda da minha mãe, não precisava fazer isso na frente do meu pai.

Acho que não consigo esconder muito bem as emoções, porque ele baixa a guarda, destruindo toda a máscara de irritação que havia vestido desde que saímos da delegacia, vem em minha direção, se senta ao meu lado e me envolve nos braços.

— Estou desapontado com você, mas esse sentimento não chega nem perto do quanto estou preocupado com o que está tendo de lidar sozinho. Andei conversando com seu avô...

— Desde quando você fala com o vô? — pergunto, confuso, me desvencilhando

do abraço.

— Não conversamos muito, filho. — Ele aperta os lábios. — Só em tempos especialmente difíceis.

Aquela era uma confissão que eu não esperava ouvir tão cedo. Sabia que uma hora chegaria, mas não imaginava que o contato entre meu pai e meu avô estava tão próximo. Apesar de eu não gostar muito de conversar sobre isso, acho que é necessário.

Acontece que venho de uma família que tem muita grana, e, quando digo isso, não é do tipo que dá para comprar um carro de presente quando alguém completa dezoito anos, mas sim do tipo que compra mansões e helicópteros. Meu avô imigrou da Itália quando ainda era pequeno; na época, os pais dele foram convidados a vir para o Brasil para coordenar um grande negócio automotivo. Parecia muito lucrativo, mas eles não faziam ideia de que sua administração transformaria o negócio em uma das empresas mais bem-sucedidas do país. Os anos se passaram e meu avô acabou herdando toda a fortuna, vivendo a própria vida e criando os filhos com todo o conforto que o dinheiro poderia dar. Só que meu pai nunca foi do tipo que gosta de esbanjar, sempre preferiu ser um cara simples e discreto. Minha mãe dizia que era por isso que se davam tão bem, suas almas combinavam. Quando papai anunciou que se casaria, meu avô logo propôs passar o comando da empresa para ele, para que desse continuidade ao legado. Mas meu pai queria seguir o próprio rumo, caminhar com os próprios pés, viver uma vida simples. A única coisa de que precisava era da minha mãe e do seu amor.

— Estivemos conversando... e ele acha que chegou a hora de darmos um passo à frente em relação a ajudar você.

Pisco algumas vezes à espera de uma explicação, mas meu pai continua me olhando como se eu devesse entender o que ele estava dizendo.

— É por isso que voltaram a se falar? Para falar de mim? — Meu pai não responde. — Já tenho acompanhamento profissional — afirmo. — Faço visitas ao psicólogo toda semana, lembra?

— Mesmo assim não parece adiantar muito, não é?! — Seu olhar sobe para meu cabelo e depois volta para o meu rosto. Sinto as bochechas corando, mas também sei que o que ele diz é verdade. Mesmo com o acompanhamento do psicólogo, ainda acabo tendo momentos ruins. Esta é a pior parte: não saber se você está bem até acontecer algo que o joga contra a parede e o quebra em mil pedaços.

Sem ter muito o que contestar, concordo com a cabeça.

— Seu avô me contou sobre um lugar que fica a algumas horas daqui — explica com cuidado. — Se não me engano, o nome é “Acampamento Misfit”. Eles são

qualificados para cuidar de casos como o seu.

— A algumas horas daqui? É algum tipo de reabilitação ou internato?

Meu pai coça a cabeça por alguns segundos, refletindo antes de responder.

— Reabilitação é uma palavra pesada — corrige. — Acho que preferem o termo “acampamento”.

— Não. Acampamento é um lugar aonde as pessoas vão para se divertir. — O sofá range quando salto e fico de pé no meio da sala. — Um centro de reabilitação para garotos desajustados não me parece o lugar mais feliz para passar as férias.

— Penso que um tempo longe possa lhe fazer bem — retruca. — E não é uma reabilitação.

— Não sei como me sinto sobre isso, preciso de tempo para pensar. — Caminho na direção do meu quarto, deixando meu pai para trás.

— Na verdade, você não tem tanto tempo para decidir... — Eu o ouço dizer meio sem jeito.

Não bato a porta nem demonstro qualquer sinal de irritação. Quando viro a chave na tranca, o mundo automaticamente para de girar, e é como se eu tivesse acabado de entrar em um buraco negro que anula qualquer coisa que eu venha a sentir, como se meus sentimentos fossem som no espaço.

Após apagar as luzes, retiro as camadas de roupa com que estou vestido e me jogo no ninho de cobertores que é minha cama. O lençol de seda entra em contato com a minha pele e isso me acalma. De certa forma, me traz conforto e ajuda a levar embora toda a exaustão daquele dia.

Em dias como aquele, não me sinto eu mesmo. É como se, de tempos em tempos, outra pessoa assumisse o controle da minha mente e eu passasse a observar a vida através de uma janela. Estou nulo, não há sentimentos bons, sequer vontades. A angústia domina meu peito e sobe até a garganta, fazendo com que meu sistema nervoso aja como se eu estivesse em uma situação de risco. Meu estômago revira e sinto as lágrimas brotando, mas me seguro para não deixar que escorram. No celular, vejo minhas fotos sorrindo e não reconheço aquela pessoa. Sou apenas uma sombra do que fui no dia anterior, como se minha personalidade se desassociasse sem motivo aparente e eu caísse num poço vazio e sem fim.

Olho para o lado e fito o velho toca-discos em cima do criado-mudo. Eu o encontrei no dia em que mamãe o retirou do sótão para jogá-lo no lixo. Ela disse que não o usava havia anos e que tinha perdido praticamente todos os discos de vinil que escutava na adolescência. Sempre admirei a beleza de coisas antigas, então, acabei arrastando a vitrola para o quarto e encontrando um lugar para ela. Depois da morte da minha mãe, passei a sentir a presença dela de diversas

maneiras. Certa vez, caminhando, senti o cheiro doce de seu perfume passeando comigo. Em outra noite, um canal da TV a cabo transmitiu um de seus filmes favoritos e parei o que estava fazendo para tentar encontrar alguma coisa dela na pequena tela. Até ouvir a melodia que saía do toca-discos era algo que me trazia aquela sensação reconfortante, como se ela nunca tivesse partido. Aperto o botão de ligar e a agulha começa a riscar o único disco que restou da coleção. Quando gira, “Dream a Little Dream of Me” sai dos alto-falantes e toca repetidamente até que eu adormeça. Sonho que estou no colo da minha mãe e que ela, enquanto acaricia meus cabelos, diz que a nova cor combina comigo.



Não presto muita atenção nas aulas que tenho no dia seguinte. Na verdade, o colégio é a coisa que menos me importo de deixar para trás. Sempre foi a parte cansativa do meu dia, e não porque tivesse de lidar com babacas praticando bullying ou problemas com notas, mas porque achava uma enorme perda de tempo ter que passar várias horas fazendo tarefas que não agregavam valor diretamente em minha vida. Digo, é sério que alguém realmente acha que forçar adolescentes a copiar várias linhas do texto de um livro fará algo além de causar calos nos dedos?

Olho para a fileira ao lado e vejo Clarissa. Seu celular está em suas mãos, estrategicamente coberto pelo caderno, e suas pernas estão esticadas sobre a cadeira da frente, numa posição que parece confortável, mas que com certeza não é adequada ao ambiente escolar. Deixo minha amiga em paz durante toda a manhã, mas, quando o alarme toca, anunciando que o período de aulas acabou, vou até ela e a convido para irmos embora juntos. Clarissa não se opõe à ideia e dá de ombros enquanto joga o único caderno dentro da mochila.

— Foi mal por ter amarelado ontem e te deixado sozinho — diz ela.

Apesar de ficar meio chateado com a atitude na hora, não sei se realmente me importo, então apenas concordo com a cabeça. Se alguma coisa aconteceu e não pude fazer nada mais para alterar o que passou, devo deixar para trás e esquecer. Sei que me agarrar a lembranças ruins só me faz mal. Clarissa foi mais esperta que eu naquele momento e soube escapar das consequências de seus atos. Se eu tivesse a chance, faria o mesmo.

— Tanto faz — respondo. — Você fez o que era melhor para você.

Clarissa me observa de canto de olho enquanto saímos da escola e andamos pela calçada.

Estávamos em meados do mês de março, então o clima era bem agradável. O calor infernal de começo do ano já havia ido embora e a brisa que nos atingia nos fins de tarde era um pouco mais fresca, o que nos permitia voltar para casa

andando e aproveitar a pequena caminhada. A cena familiar de caminhar por aquelas ruas com Clarissa me faz esquecer por alguns segundos tudo o que havia mudado em minha vida nos últimos meses, mas o farfalhar das folhas das árvores me empurra de volta à realidade e faz com que eu pense no “acampamento” em que minha família quer me trancafiar por algum tempo. Penso se devo contar para ela, mas estremeço com a ideia. Como eu mesmo mal tenho opinião formada sobre o Acampamento Misfit, decido continuar caminhando em silêncio.

Estou quase chegando quando, ao me despedir de minha amiga, a pego de surpresa, envolvendo-a em um abraço. Não tenho a intenção de fazer com que aquilo pareça uma despedida, mas é o que aparenta ser.

— Está carente, Demo? — Apesar do tom irônico, ela não me afasta, e entrelaça os braços em minha cintura para pouco depois encerrar o ato de maneira desconfortável. Clarissa me encara com seus olhos negros e as pálpebras borradas de maquiagem escura; então, franze o cenho, confusa com o que tinha acabado de acontecer. Mesmo estranhando, não diz uma palavra. Desvia o olhar para o fim da rua, como se nada tivesse saído do roteiro da nossa amizade.

— Uau — exclama. — Seu pai ganhou na loteria?

Aperto os olhos e percebo que ela está se referindo ao Porsche vermelho novinho em folha estacionado na frente da minha casa.

— Não... — interrompo-me, parecendo tão surpreso quanto ela. — Aquele é o carro do meu avô.

— Não sei o que tá rolando, mas, pela cara que fez, te desejo boa sorte! — É tudo o que diz antes de me beijar delicadamente na bochecha e se despedir com passos apressados.

Continuo imóvel, reunindo coragem para descobrir o motivo da visita do meu avô. Antes mesmo de destrancar a fechadura e empurrar a porta, ouço vozes masculinas conversando em um tom nada amigável na parte de dentro. Identifico a voz do meu pai, que é sempre a pessoa mais calma no ambiente. Ele consegue se manter pacífico mesmo quando discute com alguém. Contesta tranquilamente algum assunto que havia começado antes de eu chegar. Meu avô logo rebate, como se nem o tivesse ouvido, e passa a reclamar de sua postura em minha criação. Ele o acusa de ser liberal quanto minhas atitudes e alega que, se tivessem permitido a participação dele na vida do neto, as coisas não teriam saído do controle.

Cerro os punhos ao ouvi-lo dizer aquilo. Apesar de respeitar meu avô e de conhecer o histórico problemático que tem com o próprio filho, sabia que ele jamais deveria falar daquele jeito com meu pai. Todos havíamos passado por momentos difíceis e ainda estávamos sensíveis em relação à qualquer assunto

que pudesse envolver a família. É impossível manter um castelo de cartas de pé quando algumas peças da base estão danificadas. Você pode tentar ignorar o quanto quiser, mas, querendo ou não, uma hora a construção inteira virá abaixo. Giro a maçaneta de uma vez, propositalmente fazendo um grande barulho ao abrir a porta da frente. Os dois homens na sala trocam olhares e rapidamente me encaram, surpresos.

— O que meu avô está fazendo aqui? — pergunto desconfiado, mesmo já sabendo a resposta.

— Que recepção peculiar! — exclama meu avô, antes que meu pai pudesse responder ao que lhe perguntei. — Parece que você realmente precisa reaprender a ter boas maneiras.

— Na verdade, ele já estava de saída — diz meu pai, decidido.

Vovô o encara, franzindo a sobancelha, claramente atônito por ser expulso daquela casa de maneira tão brusca e direta, e tentando entender sua reação.

— Estou? — pergunta, criando um clima ainda mais tenso.

Meu pai assente.

— Depois, não diga que não o avisei — responde o velho, em tom de alerta.

Não consegui decifrar o significado daquelas palavras, que provavelmente se referiam a algo que os dois conversavam antes de eu chegar para ouvi-los por trás da porta.

A expressão de meu pai continua a mesma depois do alerta, visivelmente incomodado com a presença do meu avô no mesmo ambiente que eu.

— Bom, se você insiste — começa, mas interrompe a frase com um pigarro, e depois me puxa para um abraço forçado e sussurra em meu ouvido: — Se concordar com o acampamento, me ligue. — O velho estava tão próximo que o cheiro de sua colônia fez meu nariz coçar.

Antes de nos deixar sozinhos na sala, vovô disfarçadamente me entrega um cartão com seu número de telefone, o que julgo dramático demais, pois tenho seu contato salvo na agenda do celular e ele deve saber disso. Quando o velho atravessa a porta e desaparece, ouço o ronco quase imperceptível do motor de seu carro luxuoso ao ser ligado e depois ao se afastar na rua.

Meu pai respira aliviado e percebo que seus ombros, antes rígidos, relaxam, enquanto ele reclina no sofá e apoia a cabeça nas mãos.

— Quanto da conversa você ouviu? — pergunta, desanimado.

— Não muito — disfarço. — Ouvi o suficiente para não gostar do jeito com que o vô falou com você.

— Sinto muito por ter ouvido aquilo — lamenta ele, me olhando nos olhos. A imagem calma que tenho de meu pai perde força e passo a ter uma visão mais frágil.

Vê-lo envergonhado me faz ter vontade de procurar meu avô e confrontá-lo, mas o sentimento de revolta rebate em mim como um bumerangue, causando efeito contrário. Sinto uma pontada de culpa pelo que aconteceu, afinal, meu avô veio por minha causa.

— Não liguei muito, já ouvi coisas piores. — Não consigo transmitir muita verdade. — Você está bem?

— Na verdade, não muito — responde baixinho. Seus dedos tamborilam no apoio do sofá enquanto ele calcula cuidadosamente as próximas palavras. — Você quer mesmo ir para o acampamento?

Comprimo os lábios, a pergunta me faz refletir. Quando um indivíduo afirma que quer algo, a vontade corre dentro dele, queimando para conseguir o que anseia – como quando somos crianças e passeamos felizes com nossos pais até vermos um daqueles doces caros. Por algum motivo, aquele pedaço de açúcar cria dentro de nós um desejo imenso, então, agora, não sei muito bem como responder àquela pergunta, porque não sei mesmo se desejo ir para o acampamento. Sei que a ideia de finalmente não sentir mais toda aquela pressão e culpa dentro de mim me atrai, mas não tenho certeza de se aquele é o caminho que desejo. É difícil enxergar uma parede completa quando ainda mal colocamos o primeiro tijolo para construí-la.

Olho para meu pai e pela primeira vez reparo em como o tempo o estava afetando fisicamente. Os cabelos que sempre foram muito pretos agora apresentavam fiozinhos brancos saltando em todas as direções. As olheiras aparentes eram sinais claros de noites maldormidas e as roupas mal passadas indicavam que ele quase não tinha tempo para fazer as tarefas básicas da casa. Era injusto que, além de lidar com os próprios problemas, ainda tivesse de se preocupar com o filho problemático e rebelde.

— Acho que é melhor se eu for — respondo finalmente, com calma. Meu pai respira fundo.

— Tem certeza? — murmura. — Será difícil não ter você em casa.

— Sim, acho bom tirarmos um tempo para nós mesmos. — Tento acalmá-lo. Não que eu acredite cem por cento no que digo, mas, às vezes, temos de nos demonstrar otimistas para apaziguar o coração de quem é importante para nós. Vê-lo cansado daquele jeito me faz sentir como se meu peito estivesse sendo esmagado. Apesar de fisicamente insignificante, sinto o cartão do meu avô pesar em meus dedos, como se eu segurasse trezentos quilos em um dos punhos. Aperto o cartãozinho e o papel raspa em minha pele. Aquele pequeno objeto poderia virar minha vida de ponta-cabeça. Fico tentado a correr para o telefone e implorar para que meu avô me tire de casa e permita que meu pai finalmente se liberte do fardo que era cuidar de mim; por outro lado, isso só pioraria sua

situação em relação ao próprio pai. Tenho a impressão de que minha garganta começa a se fechar. Meu emocional está além dos limites e as lágrimas ameaçam cair, como se meu corpo fechasse as comportas porque sabe que as águas da represa estão prestes a ficar mais turbulentas, ameaçando levar tudo abaixo.

— Dimitri, você está bem? — A voz de meu pai me traz de volta para a realidade.

— S-sim — minto, respirando fundo e devagar, tentando controlar a tremedeira, que já começa a se espalhar pelo corpo.

Papai me conhece bem demais para saber quando não estou bem, e me observa atento, como se dissesse a si mesmo: “Agente firme!”.

Vê-lo fazer isso sem perceber quebra mais alguns cacos dentro de mim.

— Na verdade, preciso apenas me acalmar. — Tiro a mochila das costas e a jogo no tapete, perto de meus pés. — Você poderia buscar algo para eu beber? — peço.

Meu pai prontamente se levanta do sofá e caminha em direção à cozinha. Assim que some do meu campo de visão, pego o celular e disco com dificuldade o número de telefone. O mundo a minha volta gira e meu coração dispara.

— Aceito a sua ajuda. — É a primeira coisa que digo quando a voz rouca do meu avô me cumprimenta pelo alto-falante.



CAPÍTULO TRÊS



**Sonhe com a minha volta, quando eu
não vou ter que te deixar sozinha e com o
momento em que eu não vou ter que dizer adeus
“Leaving on a Jet Plane”, John Denver^[4]**

O percurso até o acampamento é confuso e quase não consigo identificar o que acontece à minha volta. Só sei que estou em um carro que cheira a baunilha e que a venda que tapa meus olhos aperta um pouco minhas orelhas. Não sei dizer qual das duas coisas me incomoda mais.

Horas depois de ligar para meu avô e dizer que eu concordava em partir, uma figura alta e robusta bateu em minha porta, identificando-se como o responsável designado a me levar até o lugar. Estranhei de início, porque não achei que seria escoltado até o acampamento como se fosse um presidiário, mas depois, enquanto meu pai assinava um dos papéis que autorizavam minha ida, passei os olhos entre as linhas e entendi que o profissional foi até minha casa para que eu não soubesse a localização do lugar, pois, uma vez que tivesse acesso à informação, poderia organizar uma fuga.

— Os pacientes costumam fugir? — pergunto para o motorista. É a primeira vez que abro a boca nas últimas horas.

Ele não responde, mas sei que consegue me escutar, afinal, ouço suas mãos deslizando pelo volante.

— Digo, deve ter algum motivo para terem escrito aquilo no contrato — continuo, tentando chamar a atenção do cara. — O lugar é tão ruim assim?

O motorista dá um longo suspiro.

— Na verdade, não é nada ruim — responde finalmente, abaixando a guarda. — A maior parte dos campistas realmente gosta de estar lá.

— Então, por que estou vendado? — Apesar da aparente simpatia do motorista, sou direto e não tento mascarar minhas dúvidas.

— Eu disse que *a maior parte* dos campistas gosta de estar lá. — Pausa. — Não falei que *todos* gostam.

Fico em silêncio refletindo sobre a resposta. Será que eu conseguiria me acostumar com a vida longe de tudo?

Pouco antes de sair de casa, fui instruído a deixar para trás qualquer aparelho eletrônico que pudesse fazer contato com o mundo. Celulares, computadores e tablets estavam fora da lista de itens permitidos nas redondezas do acampamento. Uma vez lá dentro, estaria isolado do mundo. Então, depois de

muita procura, consegui encontrar no porão o antigo toca-fitas da minha mãe e o trouxe comigo; pelo menos, não ficaria tão longe de tudo enquanto estivesse no lugar.

No momento em que fui obrigado a deixar o celular, escrevi uma mensagem rápida, de maneira instintiva, para Bernardo, dizendo que ficaria fora por algum tempo, e pedi que mantivesse os olhos em Clarissa nesse período. Também escrevi para minha chefe, explicando que não trabalharia mais na locadora, mas que havia adorado o tempo que passei lá. Não consegui visualizar a resposta de nenhuma mensagem, pois tive que pegar a mala, me despedir de meu pai e partir logo depois.

O motorista parece perceber que fiquei reflexivo após nossa pequena conversa e passa a contar algumas histórias de campistas que saíram alegando que o período em que estiveram lá tinha sido um dos melhores de suas vidas. Apesar de balançar a cabeça em concordância, não acredito muito nas palavras que saem da boca do homem. Por mais que seja necessário, é difícil acreditar em pessoas que são treinadas para fazer com que me sinta bem. Além de me levar até o acampamento, fazer eu me sentir bem é um dos deveres daquele cara. Sei que a viagem está quase no fim quando a velocidade do carro diminui e começo a ouvir o barulho dos pneus rolando com dificuldade na lama. Não faço ideia de se ainda estou em São Paulo nem quantas horas levaram para chegar até ali. A venda em meus olhos, o silêncio e a essência enjoativa de baunilha me fizeram perder a noção do tempo.

O carro para de maneira sutil e sinto que o veículo é estacionado. Levo uma das mãos até o rosto, tentando me livrar da venda, mas o motorista percebe e alerta que ainda não devo tirá-la. Ouço o cara abrir a porta da frente e descer do carro. Fico esperando dentro do automóvel e o nervosismo faz aqueles segundos parecerem mais demorados que a viagem inteira. Minhas mãos começam a suar e as limpo na calça, o frio na barriga é intenso e tenho dificuldade para controlar a respiração. Agradeço ao universo quando o motorista abre a porta para mim e me autoriza a descer. Sinto que estava prestes a enlouquecer com a espera.

— Preciso da minha mala — falo.

— Será entregue para você amanhã, precisamos verificá-la para ver se é segura — responde com firmeza, me guiando enquanto caminho às cegas em direção ao desconhecido.

Tento usar os cinco sentidos para identificar o máximo de detalhes que consigo: o canto alto dos grilos indica que já anoiteceu e que estou em um espaço aberto; sinto que o chão sob meus pés é macio e molhado, possivelmente, grama; o vento que bate em meu rosto e bagunça meus cabelos é frio e úmido, o que me faz pensar que não estou tão longe do mar ou até de algum lago.

Quando meus passos se firmam, a superfície fica rígida e o vento não sopra mais, sou liberado a tirar a venda.

Apesar de estar extremamente curioso, continuo com a faixa nos olhos. Não quero que as pessoas do acampamento pensem que têm total controle sobre mim.

— Eu disse que você já pode ver onde está — repete o motorista, sem entender.

A primeira coisa que vejo quando retiro a venda é a cara de uma senhora à minha frente, e dou um pulo de susto com sua presença.

— Está tudo bem? — pergunta ela, inclinando a cabeça e me encarando com olhos cor de mármore através dos óculos.

— S-sim — respondo, meio sem jeito.

A senhora sorri de maneira fria e profissional, apenas para passar a impressão de que está tudo bem. O cabelo dela balança pouco acima dos ombros e a franja milimetricamente cortada muda de posição quando fecha o sorriso e volta à expressão séria.

— José — chama ela, olhando para o motorista atrás de mim. — Você está liberado. Obrigada por trazer o garoto.

José assente, dá uma piscadela para mim e caminha em direção à porta.

Aproveito sua saída para dar uma olhada no cômodo em que me encontro. O lugar não é muito grande nem tem janelas. Pela mesa de madeira no centro e as estantes abarrotadas de livros nas laterais, julgo estar em uma espécie de escritório.

— Seja muito bem-vindo, Dimitri — cumprimenta a senhora, tirando minha atenção do ambiente e trazendo de volta para si mesma. — Sente-se, por favor.

— Apesar de ser um pedido, a frase soa como ordem.

Comprimo os lábios, balançando a cabeça, sinalizando que estou de acordo, e me acomodo na cadeira. Ao me sentar, tenho que me controlar para não juntar as mãos no colo, esse velho hábito passa a impressão de insegurança, e transparecer estar vulnerável perto daquela senhora tão autoritária não é algo que desejo.

— Meu nome é Laura Diamante e, além de sua anfitriã no acampamento esta noite, também faço parte da coordenação, junto com o dono, o senhor Álvaro Lafaiette — explica. A voz de Laura é rouca. — Você sabe o motivo de estar aqui?

— Sei — afirmo.

— Ótimo. Nós também! — diz ela, quase sem esperar para ouvir minha resposta inteira, o que me pega de surpresa. — Sua família nos contou tudo de que precisamos saber de início, mas o que realmente importa é o que iremos analisar durante suas primeiras semanas aqui no acampamento. Acreditamos que, com sua contribuição, conseguiremos alcançar o objetivo em conjunto e trazer qualidade de vida para você novamente.

Bom, pelo menos ela estava indo direto ao ponto e havia me poupado de todo aquele discurso meloso e dramático sobre o tratamento que a maioria dos psicólogos fazia quando eu agendava a primeira consulta. Sem contar que eu não aguentava mais ter que preencher fichas e testes que mediam como eu havia me sentido nas últimas semanas. Ponto positivo para o acampamento que não era reabilitação.

— Dito isso, temos certas regras por aqui que você é obrigado a seguir. — Laura abre uma das gavetas da mesa, retira uma folha e me entrega. — É de extrema importância que você siga fielmente e respeite tudo o que está escrito. Passo os olhos pelo papel e dou início à leitura.

REGRAS DO ACAMPAMENTO MISFIT

Proibições:

Não é permitido sair dos alojamentos designados após as vinte e duas horas.

O (a) campista não deve questionar os métodos aplicados.

Não é permitido contrariar ou se opor aos profissionais do acampamento.

O (a) campista não pode receber visitas de parentes sem autorização prévia da diretoria.

Não é permitido usar substâncias ilícitas, como álcool, drogas ou cigarros, no perímetro do acampamento.

É extremamente proibido o contato com o mundo exterior sem autorização dos conselheiros.

Obrigações:

É obrigatório frequentar as aulas nas manhãs de todos os dias da semana.

O (a) campista deve manter o alojamento no mesmo estado em que o encontrou ao chegar.

O (a) campista deve zelar pela paz do ambiente, sem prejudicar o estado de outros campistas.

É obrigatório comparecer a todas as aulas e sessões de acompanhamento durante o período no acampamento.

O (a) campista estará sujeito a punição caso não cumpra as regras.

— Sei que nossos métodos podem parecer um pouco rígidos, mas acredito que

se acostumará com o decorrer das semanas. — Sinto os olhos de Laura sobre mim, a expressão se mantém dura e difícil de ler. Aperto os braços da cadeira, ainda querendo não transparecer insegurança.

— Não preciso me acostumar — digo, de maneira ríspida. — Não estou à procura de um novo lar.

A conselheira levanta uma das sobrancelhas e dá um sorriso de canto da boca, parecendo não estar nem um pouco surpresa com a resposta. É altamente provável que a maior parte dos novos campistas chegue com a mesma atitude rebelde, tentando, assim como eu, dar a impressão de que está no controle. Faço uma nota mental para tomar cuidado com minhas atitudes nos próximos encontros com Laura e me forço a me lembrar também do motivo real por que estou no lugar. Mesmo desconfiado, é preciso encarar a situação como realmente é e, quanto mais eu relutar, mais tempo serei obrigado a permanecer no tratamento.

— Presumo que esteja cansado da viagem e com fome.

Laura está certa. A última coisa que comi foi um pedaço de maçã no almoço. Todo o estresse antes da viagem tirou meu apetite.

— Um pouco — confesso.

A senhora de cabelos grisalhos levanta com dificuldade e indica que devo fazer o mesmo. Apenas obedeço.

— Irei acompanhá-lo até o dormitório provisório para que você possa descansar.

— Ela segura a maçaneta e abre a porta. — Mandei Suzana preparar sua refeição e colocá-la no quarto.

— Suzana? — pergunto, questionando-me se deveria reconhecer o nome.

— Sim, uma senhora adorável que trabalha conosco e que também ficará responsável por acompanhá-lo durante seu tempo aqui! — responde Laura, e as marcas da idade surgem em seu rosto quando esboça um sorriso. — Você a conhecerá amanhã. Ela será responsável por te apresentar o lugar — conclui, deslizando lentamente para o lado de fora.

A caminhada até o dormitório é quieta e constrangedora, não me atrevo a falar nada. Não é fácil interagir com estranhos, ainda mais se essas pessoas forem profissionais em analisar friamente todas as minhas reações.

A parte em que caminhamos não é tão bem iluminada e não consigo enxergar muito por onde passo. Estreito os olhos, tentando focar a visão e definir o lugar onde passarei os próximos meses, mas o máximo que vejo além da trilha de pedra abaixo dos meus pés e do verde das árvores misturado ao céu escuro é o casarão de onde saímos, que fica para trás. Alguns passos depois, chegamos ao dormitório. Laura explica que, nos momentos iniciais, eu ficarei em um quarto separado dos outros campistas. Após o período de adaptação, serei obrigado a

ficar no dormitório público junto aos outros garotos. Dou de ombros, não me importo muito de ter que lidar com outras pessoas morando no mesmo ambiente que eu. Não é tão difícil assim ignorá-las e criar meu espaço pessoal.

Com pouca habilidade, a senhora destranca a porta e dá um passo para o lado para que eu possa entrar. Assim que entro no quarto, o cheiro de madeira velha alcança meu nariz e me faz espirrar. Apesar de antigo, o lugar não parece ser tão ruim. Há uma escrivaninha colada à parede e, do outro lado, uma pequena cômoda escura. No meio do quarto, está a pouco convidativa cama de solteiro, suficiente para que eu possa descansar nos primeiros dias. Vou até o meio do dormitório e finjo dar mais uma olhada nas coisas, só para enrolar e não dizer para Laura: “Já vi onde vou dormir, vá embora e me deixe sozinho”.

— Bom, agora que se encontrou, vou deixá-lo descansar — diz ela, a voz calma.

— Espero que aproveite o jantar. — Ela acrescenta, apontando para a bandeja em cima da escrivaninha.

— Obrigado. — Tento abrir um sorriso.

Ficamos nos encarando vergonhosamente por alguns segundos até que Laura recolhe os braços, se despede e fecha a porta, me deixando sozinho pela primeira vez no dia.

Ando até a escrivaninha e meu estômago ronca ao ver a comida que prepararam para mim: pedaços de carne de frango grelhada, salada de tomate e um pouco de arroz. Devoro a refeição em poucos minutos e deito na cama por falta do que fazer. Geralmente, eu escovaria os dentes ou leria alguma coisa, mas nada disso foi possível porque minha mala estava sendo inspecionada e só chegaria no outro dia. Minha visão escurece enquanto olho fixamente o teto branco do quarto, imaginando como seria o resto da semana. Acordo assustado.

Alguém bate desesperadamente na porta e só percebo que dormi porque a luz do sol entra pelas frestas da cortina e indica que já é de manhã. Saio da cama em um pulo e deslizo os dedos pelo rosto e pelos cabelos, na esperança de me ajeitar e ficar um pouco mais apresentável. Quando finalmente abro a porta, um par de olhos gigantes está a minha espera. Uma adolescente.

— Você tem sono pesado, cara. — Ela comprime os lábios.

— Que horas são? — pergunto um pouco desnortado.

— Cedo o bastante para que fique com sono durante o resto do dia — responde, simpática. — Eu sei do que estou falando! — Ela começa a bocejar.

— Seu nome é Suzana? — questiono, lembrando que na noite passada Laura disse que Suzana me apresentaria o lugar.

— Não — responde. — Ela não pôde vir porque estava ocupada. Meio que sou uma Suzana temporária.

Aproveito o silêncio para observá-la. A garota com certeza é mais nova do que

eu e ainda carrega um olhar infantil nos olhos. Seu rosto começa a ganhar um formato mais adulto, a voz é macia e delicada. Por sua aparência, julgo que tenha uns quinze anos.

— Que foi? — pergunta a garota, franzindo o cenho ao perceber que estou olhando atentamente para ela. — Droga! — exclama, rindo um pouco. — Esqueci que sou uma completa estranha para você. Resumindo, meu nome é Alma e minha missão de hoje é apresentar todas as maravilhas do acampamento para você.

— Seu nome é Alma? — Ignoro tudo o que ela havia falado sobre conhecer o acampamento. — É um nome bem legal.

— Não tão legal quanto Dimitri — retruca, piscando um dos olhos. — Vamos andando. Hoje o dia será longo e já estamos atrasados.

— Só preciso escovar os dentes. Confiscaram minha mala e não tive como escovar de manhã.

— Meu Deus, que distraída! Aqui estão suas coisas — diz, meio estabanaada, enquanto tira da bolsa uma escova de dente novinha e um tubo de creme dental e entrega em minhas mãos.

— Ah, valeu — agradeço. — Onde fica o banheiro?

— Posso te levar até lá, digo, se não for desconfortável para você.

— Tudo bem, você é a minha guia afinal, não é?! — Tento parecer amigável, a garota não parece merecer minha antipatia matinal.

Caminhamos juntos até o banheiro e finalmente consigo escovar os dentes. O espaço é comunitário, dividido por todos os garotos do acampamento. Enquanto eu me ajeito, alguns meninos entram e saem rapidamente, mas nenhum deles troca uma palavra comigo. Talvez todos acordem com o mesmo humor que eu e prefiram ficar em isolamento total, o que seria bem bacana, pois me fariam um favor.

— Está pronto?

Alma me espera encostada na parede do lado de fora, inquieta. Estala os dedos e passa as mãos no cabelo volumoso e enrolado.

Faço que sim com a cabeça e acabo dando um sorriso meio sem jeito.

Caminhamos juntos, desviando dos adolescentes de cara amassada no percurso, e encontramos a saída do corredor que nos leva para o espaço ao ar livre. É a primeira vez que visualizo a parte exterior do acampamento e a paisagem é incrível. O que mais me chama a atenção, no entanto, não são as pessoas, nem sequer as construções a minha volta, mas o grande lago no centro do terreno. Alguns campistas estão nadando, provavelmente em alguma atividade sugerida pela coordenação.

— Não vou mostrar tudo para não te entediar, acho melhor você se aventurar

pelo acampamento e descobrir sozinho, porém... — Alma pausa, virando-se para mim, e andando de costas. — Preciso te apresentar o básico.

Com os braços erguidos e voltando a andar normalmente, a garota aponta para a grande construção à direita do lago.

— Este é o dormitório dos meninos e, bem, como o próprio nome diz, é aqui que dormem.

— Isso foi esclarecedor — brinco.

— Provavelmente, vão te colocar em um quarto novo esta noite, espero que seja sortudo e tenha um colega de quarto legal — diz ela. — Cara, a primeira garota com quem dividi o quarto roncava tão alto que parecia que ela pilotava uma moto na cama.

— Temos apenas um colega de quarto? — pergunto. — Achei que ficaríamos todos juntos em um só.

— Sim. — Ela ergue uma sobrancelha. — A coordenação diz que companhia durante seu tempo aqui pode fazer toda a diferença.

Concluo que nos dão colegas de quarto justamente para supervisionarmos uns aos outros. Não pergunto mais nada para Alma e a deixo prosseguir com a apresentação. No resto do percurso, ela me apresenta alguns dos lugares essenciais que eu provavelmente terei de visitar todos os dias: banheiros espalhados pelo espaço, refeitórios, espaços de lazer e algumas das inúmeras salas, onde acontecem desde aulas normais até aulas de música.

— É bem diferente do que eu esperava! — Fico admirado.

— Sim — Alma confirma. — A metodologia aqui é bem diferente das dos outros lugares que ajudam os adolescentes a relaxar. É como se fosse um mundo novo para você esquecer o antigo e seus problemas.

Apesar do discurso positivo, sinto uma pontada de insegurança em sua voz.

— Acho que é onde o pessoal lá de fora quer que eu esteja neste momento.

Alma assente. Ninguém havia me dito nada, mas talvez seja proibido perguntar demais sobre a vida de cada um, ou talvez só não seja considerado legal, mesmo, uma vez que todos estão ali para aprender a lidar com algo do passado.

— Então, para onde vamos agora que o tour terminou? — Espero que ela me libere para voltar para meu quarto provisório e aproveitar os últimos momentos de privacidade.

— A maioria dos campistas está em aula agora, então, não tem muito para fazer — responde a garota de cabelos enrolados. — Mas como já é quase horário de almoço... — Alma para e confere o relógio. — Acho que podemos ir para o refeitório.

Meu estômago ronca em reação à palavra “almoço” e percebo que estou realmente com fome, então, balanço a cabeça e dou meu melhor sorriso.

O resto do dia passa voando, com um turbilhão de novas informações sendo jogadas em minha cara. Quase não tenho tempo de pensar sobre o que está acontecendo no mundo exterior, e esse deve ser o intuito do lugar, nos distrair tanto a ponto de esquecermos que há um universo fora dos muros. Alma me guia até o refeitório e fazemos nossa refeição, composta de grãos com salada e carne grelhada. Não é tão ruim. Depois, ela passa o restante da tarde me explicando outras regras do acampamento, apesar de não estarem no manual das regras. Alma também me conta que posso voltar para casa no meio do ano, mas que a organização havia criado um projeto para que o campista pudesse sair, e ele deveria cumprir algumas tarefas e participar de certas atividades para merecer. Fora isso, havia a avaliação das pessoas que acompanhavam a gente para saber se realmente estávamos prontos para voltar ao mundo que deixamos para trás. A ideia de ir para casa já na metade do ano me amedronta um pouco, mas acho que é só porque acabei de sair e não quero simplesmente voltar sem mudanças e fazer meu pai pensar que não há jeito para mim. Porém, queria vê-lo em breve. Não sei se aguentaria ficar tanto tempo sem contato. Depois que perdi minha mãe, ele é toda a família que me restou.

Segundo Alma, sempre que fizer uma boa ação no acampamento, participar de alguma aula que não seja obrigatória ou cooperar com certa atividade proposta, os pontos serão somados ao meu nome e, caso eu consiga chegar aos cem pontos no final do semestre, estarei pronto para voltar para casa. Isso me parece justo. Influencia os campistas a manter o sistema do acampamento funcionando e todo mundo sai ganhando.

Quando o sol vai embora e a noite chega trazendo ventos fortes e nos fazendo arrepiar com o frio típico daquela estação, as pessoas que ainda passeavam ao ar livre voltam para seus dormitórios ou se aconchegam em algum lugar fechado. Então, sem ter muito o que fazer, Alma me leva para falar com Laura, que, com a mesma cara rígida e sem expressão de antes, confirma que minhas coisas já foram transferidas para o dormitório novo. Ao me entregar o papel com as informações do quarto, a coordenadora dá o sorriso mais falso que eu já vi na vida, então, a parabenizo mentalmente pela atuação e saio para desbravar o desafio de dormir em mais um lugar desconhecido.

— Espero que eu tenha sido uma boa guia turística! — fala Alma quando estamos próximos do dormitório dos garotos.

— Foi a melhor que poderia ser — respondo. — Mas não tive tantas guias assim, então, não levaria minha opinião muito em conta — brinco.

Alma ri.

— Bom, caso precise de alguma coisa, estarei sempre por aqui para te ajudar a se encontrar no acampamento.

Alma está com frio. Ela fica se mexendo ao mesmo tempo que mantém as pernas unidas e os braços cruzados. Tem cara de quem prefere o verão.

— Posso te fazer uma pergunta? — solto, meio sem jeito.

— Com certeza — diz ela, mas franze o cenho e pausa para pensar. — Quer dizer, depende da pergunta — corrige. — Uma vez, um novato me perguntou em seu primeiro dia se era permitido ter relações com outros campistas e, logo em seguida, me veio com um “você está solteira?”.

Enrubesco.

— Não — disparo —, nada a ver com esse tipo de pergunta. — Pela primeira vez desde que cheguei, me vejo genuinamente dando uma risada. Alma também parece achar a lembrança engraçada, porque continua sorrindo.

— Então, está autorizado a me perguntar.

Retomo o fôlego e paro de rir.

— Há quanto tempo você está aqui? — questiono, sem saber se minha pergunta a ofenderia de alguma maneira.

— Certo... Estou aqui desde os dez anos.

— Nossa, é bastante tempo. — Levanto as sobrancelhas, surpreso ao ouvir aquilo. — Praticamente passou a vida inteira aqui dentro.

Alma parece um pouco desconfortável com a minha reação. Seus braços se descruzam e ela junta as mãos, com aparente insegurança.

Não dou continuidade à conversa e a deixo decidir se quer falar sobre ou se prefere deixar o assunto morrer.

— Sim, mas a verdade é que... — Alma começa a falar, mas é interrompida pelo som de uma música que, no começo, pensei estar vindo de algum dos inúmeros alto-falantes espalhados pelo acampamento, mas logo depois percebi que vinha direto de seu bolso. Pelo toque inicial, achei que fosse uma música da Taylor Swift, provavelmente “You Belong with Me”^[5].

Alma rapidamente tira um smartphone do bolso, o leva até a orelha e se afasta alguns centímetros de mim, indo para debaixo de uma das árvores próximas.

— Oi, mãe — eu a ouço dizer. Tento não prestar atenção na conversa, mas é difícil não ficar curioso para saber o que está rolando. Ao perceber meu estranhamento, ela abaixa o tom de voz e não consigo mais entender o que diz. Estranho bastante o fato de Alma ter um celular, então, passo a olhar para os lados para me certificar de que ninguém está nos observando, pronto para nos punir de alguma maneira.

A garota volta a passos lentos e não sabe muito bem onde pisar. Está um pouco constrangida e parece até incomodada com a situação que acaba de acontecer.

— O que foi isso? — pergunto, confuso.

Ainda que um pouco tensa, Alma dá de ombros e ergue o celular com uma das

mãos.

— O que rola é que, bom, tenho alguns privilégios por ser parente do pessoal que ajuda no acampamento — explica, meio desconfortável. — Você acabaria sabendo uma hora ou outra, então...

— Isso quer dizer que você não está aqui porque é como eu, tipo, psicologicamente maluca e perturbada? — retruco, direto. Sei que não foi uma maneira muito educada de reagir à situação, mas meus velhos hábitos são mais fortes do que eu. Alma morde os lábios, pensando no que responder. — Perdão. Não era minha intenção ser grosseiro — tento corrigir, me lembrando de respirar fundo e sentir o ar fluindo dentro de mim para acalmar os pensamentos.

— Estou aqui porque tenho meus motivos para estar — responde a garota de uma vez, mas evitando contato visual. — Na verdade, todos temos. Aliás, a ligação foi para me avisar de que preciso voltar para o meu quarto.

— Tudo bem — concordo, sem saber muito bem o que dizer. — Obrigado por hoje, foi bem legal!

— Não precisa agradecer, também gostei — diz, já começando a se afastar. — Até amanhã. — Pausa. — Acho que nos encontraremos novamente amanhã.

— Espero que sim — respondo. — Até!

Em silêncio, eu a acompanho se distanciar. Quando já está a algumas dezenas de metros, ela para e vira para mim.

— Aliás, adorei o seu cabelo! — grita ao longe, a voz chega quase inaudível por causa do barulho do vento nas árvores e do som das águas fluindo no lago.

Sorrio e faço sinal de saudação levando uma das mãos até a testa, como os soldados nos filmes. Se não me engano, é continência, o nome do gesto. Penso que Alma deve ter estranhado, porque nem eu sabia de onde tinha tirado a ideia de fazer aquilo, mas, para minha surpresa, ela acaba retribuindo com a mesma saudação. Nós nos encaramos por alguns milissegundos e nos viramos para fazer nossos caminhos até os quartos.

Enquanto ando, retiro do bolso o papel que Laura me entregou com as informações de onde eu iria dormir e vou até a entrada do dormitório. O lugar não está totalmente vazio, então esbarro com alguns campistas que conversam por ali. Tento não parecer um peixe fora d'água, mas é difícil me misturar com as pessoas quando ninguém me conhece e todos me encaram curiosos para saber o que estou fazendo neste território. Apenas levanto a cabeça e encaro os que me olham.

O dormitório é um espaço amplo e até um pouco aconchegante. Assim que entro, dou de cara com uma sala onde vejo algumas poltronas e prateleiras recheadas de livros. Olho ao redor e percebo que não há tomadas nas paredes, o que explica o fato de a televisão, no centro de tudo, estar desligada.

— E aí, cara. Tá tudo bem? — Ouço alguém perguntar quando saio da sala e sigo por um corredor com iluminação fraca e papel de parede parecido com os que colocam em hotéis, mas não respondo com entusiasmo, apenas concordo com a cabeça e sigo procurando o quarto: 21B.

Encontro o número após a única curva do corredor. De frente para a porta, reflito sobre o que devo fazer, mas acabo simplesmente pigarreando de maneira exagerada, sinalizando para qualquer pessoa que pudesse estar lá dentro que eu estava entrando, e viro a maçaneta.

Quando entro, sou surpreendido por uma cortina de vapor quente, e não preciso pensar muito para perceber que a pessoa que divide o quarto comigo está tomando banho. Fico admirado por saber que temos banheiro ali dentro. Achei que dividiríamos aquele em que eu havia escovado os dentes pela manhã, mas agradeço por ter pelo menos essa privacidade. Fecho a porta e reparo que o quarto em si não é tão diferente daquele em que eu havia dormido na outra noite. É de um tamanho razoável e parece abrigar duas pessoas com facilidade. O único problema é que a cama em que tenho que dormir é um beliche e o garoto no banho já ocupou a parte de cima.

Reparo que minha mala está encostada ao lado da cama e penso em abrir e verificar se a coordenação retirou alguma coisa, mas a preguiça fala mais alto e resolvo deixar para depois.

Os móveis, que ocupam boa parte do cômodo, são de madeira rústica e de grande porte. Dou de ombros até lembrar que eu provavelmente terei de dividir espaço com o cara, que naquele exato momento passa a assoviar uma melodia que me lembra “Leaving on a Jet Plane”, do John Denver. Será estranho conviver com alguém no mesmo ambiente que eu, mas, bom, tenho de me acostumar com aquela vida de uma maneira ou de outra.

Ouçó o registro do chuveiro se fechar e a água parar de escorrer, fico tenso.

Nunca liguei muito para conhecer pessoas novas. Acho que porque geralmente são passageiras em minha vida e não sou obrigado a lhes dar muita atenção, mas, desta vez, eu terei de conviver diariamente com aquela pessoa.

O cara está prestes a sair pela porta do banheiro, então, resolvo garantir que ele tenha certeza da minha presença no quarto e pigarreio novamente, desta vez, ainda mais forte. Quando finalmente sai, ele está rodeado do vapor do banho e tem cheiro de xampu de uva. O garoto não parece amedrontado por mim. Na verdade, a julgar pelo sorriso que abre em seu rosto, parece até animado em me ver.

— Cara, finalmente colocaram alguém neste quarto! — A voz é rouca e estranhamente grossa para alguém de sua idade. Eu me pergunto se ele fumava antes de vir para o acampamento. — Meu nome é Henrique, muito prazer. —

Ele se apresenta, estendendo a mão. Percebo que não é de São Paulo, pois seu sotaque é arrastado e seus “s” têm som de “x”, como os das pessoas que vivem no Rio de Janeiro. — Eu te daria um abraço de boas-vindas, como faço com a maioria dos meus amigos, mas, como não te conheço, você poderia acabar estranhando.

Estendo a mão para Henrique.

— Além de que te abraçar saindo do chuveiro seria bem esquisito, porque ainda estou vestindo a toalha — diz meu colega de quarto, enquanto ri da própria observação.

— Posso sair do quarto para você se trocar, se quiser — respondo, soltando a mão dele e já caminhando para sair.

— Não precisa — dispara, indo até a cômoda e abrindo as últimas gavetas para retirar as roupas. — Acho que vou ter que me acostumar a me trocar direto no banheiro, mas tá tudo bem!

— Beleza — digo, mas tanto faz, na verdade.

Eu o observo enquanto caminha de volta ao banheiro. O cara é um pouco mais alto do que eu e o tom de seu cabelo fica entre o loiro claro e o escuro. Sua pele é como a minha, só um pouco mais bronzeada, com algumas marcas de expressão pelo rosto.

Não espero o garoto voltar para conversar, deito na cama de baixo. O colchão não é tão macio, mas também não difere muito do que eu tinha em casa. Meu corpo relaxa e percebo que estou cansado, não apenas fisicamente, mas psicologicamente. Alma estava certa quando disse que o dia seria longo. Pensar na garota me deixa animado e me faz desejar poder conversar um pouco mais com ela.

Antes de Henrique voltar, estreito os olhos para que pense que estou dormindo. Ainda não me sinto confortável para conversar. Gosto da energia que ele transmite, e não me parece ser uma pessoa ruim ou difícil de lidar, mas, apesar de a calma ter se instalado dentro de mim, uma voz em minha cabeça ainda ecoa dizendo para tomar cuidado com as pessoas, afinal, ninguém está ali apenas para desfrutar do lugar e tirar férias: todos carregamos demônios nas costas. O ambiente parece amigável, mas eu me sinto como uma daquelas plantas carnívoras que se fecha totalmente quando algo as toca. A diferença é que as plantas tornam a se abrir, independentemente de quantas vezes se fecham; já eu, não.

Pouco tempo depois, pego no sono ouvindo a respiração suave de Henrique em sua cama.

Não faço ideia de quanto tempo fiquei desacordado, mas abro os olhos assustado ao ouvir ruídos na área externa do alojamento. A luz ainda está apagada e

Henrique se mantém deitado. Espio pela janela e percebo a movimentação. Há meninos e meninas em frente ao dormitório masculino encarando o que penso ser a entrada do lugar. Com cuidado, saio do quarto e vou ao corredor em direção à saída; alguns campistas também caminham sonolentos e curiosos para saber o que está acontecendo. Está escuro e, ao me aproximar de onde se encontra a multidão, reconheço a voz de Laura, a coordenadora.

— Está tudo sob controle! — grita, irritada, tentando espantar os campistas. — Voltem para seus quartos.

Ao seu lado, um homem alto e com presença marcante, talvez o dono do acampamento, ajuda Laura a tentar apaziguar o que quer que esteja acontecendo. Levo um tempo até conseguir me enfiar no meio dos jovens e poder visualizar o que olhavam para entender o que era aquilo tudo. Quando minha visão finalmente clareia, compreendo o discurso de Laura.

A parede lateral do dormitório havia sido utilizada como tela de pintura para um ato de rebeldia transcrito em forma de mensagem feita em tinta azul. A frase escorria com a tinta ainda fresca e prendia a atenção de cada pessoa ali presente. No meio da multidão, encontro Alma vestindo pijama de moletom. Ao lado dela, está uma mulher alta, de pele negra e com expressão firme. Parece uma versão mais velha de Alma e, pelo modo como apoia as mãos nos ombros da menina, julgo que seja sua mãe.

Laura e o dono do Misfit voltam a gritar para que todos retornem aos alojamentos, mas, desta vez, fazem algumas ameaças, então, caminho às pressas para dentro do dormitório. Encontro Henrique no meio do corredor e o puxo de volta para o quarto.

— O que aconteceu? — pergunta, confuso, enquanto fecho a porta.

— Alguém pichou a parede do dormitório — explico. — Uma mensagem ou algo do tipo.

— O que escreveram?

Respiro fundo e começo a falar o que vi.

— Estava escrito... — Pauso — “NÃO CONFIEM NELES!”



CAPÍTULO QUATRO



**É um novo amanhecer,
É um novo dia,
É uma nova vida pra mim
e estou me sentindo bem**

“Feeling Good”, Nina Simone^[6]

A primeira semana no Misfit passa mais rápido do que espero. Os dias seguintes ao acontecimento da pichação são estranhos porque ninguém sabe como reagir. Henrique disse que, durante o tempo em que esteve ali, nada como aquilo havia acontecido. Claro que a coordenação recebia milhares de reclamações de pais e campistas insatisfeitos, mas ninguém jamais tinha feito algo tão drástico ou dramático.

Devido às investigações para descobrir o autor da pichação, não tenho boa parte das aulas que deveria ter. Agradeço mentalmente, porque assim consigo mais tempo para me adaptar, conhecer o lugar e também as pessoas. Torno a ver Alma algumas vezes durante as refeições, mas não conseguimos trocar muitas palavras além de “olás” e afins. A garota parece sempre ocupada demais em suas tarefas e me sinto culpado por roubar seu tempo.

Quanto ao meu colega de quarto, geralmente, conversamos antes de dormir, cada um em sua cama, até pegarmos no sono. Nossas programações são diferentes, então, acaba sendo difícil conciliar o tempo.

Confesso que estou um pouco ansioso e apreensivo. Uma celebração de boas-vindas aos novos campistas está para acontecer. Visto uma camisa sem estampa, querendo entender um pouco mais sobre como funciona o lugar.

Demoro um tempinho para descobrir como chegar à clareira onde acontece a celebração. A festa começou e os campistas já brilham com excitação. Apesar do amontoado de pessoas, identifico Henrique facilmente no meio de seus amigos. O garoto veste uma camisa social escura e conversa animadamente com uma menina de longos cabelos negros e lisos. Penso em ficar quieto em meu canto e sondar o ambiente em vez de interagir, mas Henrique me vê e grita:

— Gente, esse é o Demo — ele me apresenta, passando os braços por cima de meu ombro. — É o cara que divide o quarto comigo.

— Demo? Tipo demônio? — pergunta a garota que conversava com Henrique.

— Quase isso. — Levanto uma das sobrancelhas. — É como meus amigos costumam me chamar.

— Interessante — responde ela, sugando pelo canudo um pouco de suco. —

Meu nome é Serena, então, entendo de nomes diferentes — conclui, enquanto dá uma piscadela.

— Eu acabei de presenciar um flerte? — pergunta o outro amigo de Henrique, em tom de brincadeira. — Você mal conhece o menino e já está dando em cima dele, Serena?

— E desde quando sou de perder tempo, Diego?! — retruca a garota, aos risos.

— Se quiser, estou totalmente disponível para perder um tempo com você — solto, entrando na brincadeira, mas com um tom de voz que deixa claro que estou apenas caçoando.

Os três me encaram, surpresos com a resposta.

— Você é saidinho, né?! — pergunta Serena, meio que afirmando. — Adorei. Dou um sorriso para ela e para Diego, negando com a cabeça e indicando que estava apenas tentando ser engraçado.

— O que vocês costumam fazer aqui para se divertir? — mudo de assunto.

O grupo demora a responder, mas, depois de pensar um pouco, Henrique sai à frente:

— Além das atividades do acampamento, acho que não faço nada.

Serena ri.

— Tipo, literalmente “nada”, mesmo, né?! — rebate ela, com ironia. — Henri passa a maior parte do tempo nas aulas de natação.

— É verdade? — pergunto a ele, surpreso. — Você pratica natação? Por que não me contou antes?

Henrique confirma meio constrangido por ser o centro das atenções.

— Você deveria aparecer por lá qualquer dia — convida.

Penso no que dizer por alguns segundos. Confessar que não sabem nadar é algo que as pessoas contam durante uma conversa amigável? Acho que não. Decido ainda não me abrir desse modo.

— Com certeza, irei — minto. Droga, se ele se lembrasse do convite, teria que inventar uma desculpa para furar o compromisso. Não sei por que, mas sinto uma pontinha de vontade de nadar com Henrique. Acho que estou realmente precisando de amigos.

Com o canto do olho, vejo Alma se aproximar.

— Ei, Dimitri, parece que fez alguns amigos por aqui — diz ela, adentrando a roda e cumprimentando as outras pessoas. Não sei se Alma as conhece ou se está apenas sendo educada.

— É o que parece. — Abro um sorriso.

— Ele fez, sim, querida! — exclama Serena, levantando uma das sobrancelhas e sorrindo de maneira intimidadora. — Ótimos amigos, na verdade.

Acho que todos percebemos a mudança repetina de clima diante da resposta

grosseira de Serena, porque ficamos em silêncio, o que deixa Alma um pouco sem jeito.

— Ah, isso é muito bom — afirma a garota, tentando manter a cabeça erguida e criando uma barreira invisível para que não pudéssemos perceber que havia sido atingida. — Acho que nos vemos por aí!

Alma se vira e caminha na direção de onde tinha vindo.

— Ei, Alma — grita Henrique. — É Alma, certo?!

— É, sim — responde intrigada, dando meia-volta para ver o que o garoto tinha a falar.

— Você deveria aparecer na aula de natação, qualquer dia desses — diz ele, simpático e transmitindo confiança na voz. — Podemos arrastar o Dimitri para dentro do lago também, acho que será divertido.

Alma demora a responder, parecendo considerar o convite. Provavelmente, se pergunta se aquilo é algum tipo de piada de mau gosto ou se Henrique está apenas a chamando para um passeio amigável.

— Estou livre nessa sexta à tarde — diz, finalmente, comprimindo os lábios.

— Então, está combinado! — Henrique finaliza.

Ótimo, agora que Alma e meu colega de quarto marcaram planos para a minha sexta sem me consultar, todas as minhas desculpas para não ir até as aulas de natação vão por água abaixo. Que ironia!

Quando Alma está longe o bastante para não ser capaz de ouvir a conversa, a primeira coisa que faço é tentar entender o que tinha acabado de acontecer.

— Por que você falou daquele jeito com ela? — pergunto, um pouco irritado. Serena não tinha o menor direito de se intrometer em minhas relações com outras pessoas daquele jeito.

Ela e Diego trocam olhares como se pedissem autorização um ao outro para conversar sobre algo que só os dois sabiam.

— Você sabe que ela é filha do coordenador do Misfit, não é? — a garota começa.

— Sei — minto. — O que isso tem a ver com a gente?

— Na verdade, não temos nada contra ela — afirma Diego, coçando o queixo com uma das mãos. — Mas, depois da pichação dizendo para não confiarmos neles, meio que passamos a tomar cuidado com esse pessoal da coordenação. Henrique está desconfortável, seu rosto cora e não sei se está se sentindo mal porque seus amigos estão sendo idiotas quanto a Alma ou se está ficando bravo.

— Isso é besteira — diz ele, firme, mas tentando não soar agressivo. — Vocês nem sabem sobre o que essa pichação está falando e, até onde sei, pode ser até um trote bobo dos campistas querendo colocar medo nos novatos.

Eu me mantenho calado porque, ao contrário de Serena e Diego, sei que devo

fechar a boca quando estou no meio de desconhecidos. Também não tinha achado nada legal assistir à ceninha de Serena contra Alma. Nunca gostei de pessoas que fazem prejulgamentos. Decido manter distância da garota, mesmo que seu veneno não tenha sido destilado em minha direção.

Henrique diz que precisa ir ao banheiro e não retorna. Depois de mais de meia hora puxando assuntos genéricos com seus “amigos”, decido inventar que vou ao banheiro também, mas acabo andando pela festa à procura de Alma, para conversar sobre o que tinha acontecido. Não a vejo em lugar algum. Quando começo a ficar entediado, resolvo voltar para o dormitório. Mesmo sem ter aproveitado muito da festa, não vejo motivos para continuar lá, já que meus dois únicos colegas desapareceram sem deixar vestígios.

Sem me despedir de Serena e Diego, faço a caminhada até o quarto em silêncio, me lembrando de cada detalhe da noite. Viro a maçaneta e espero encontrar Henrique deitado na cama de cima, mas sua cama está perfeitamente arrumada, da mesma maneira que havia deixado antes de sair de manhã. Apago as luzes, tiro o sapato e fico deitado esperando o sono chegar. Assim como Henrique, o sono só chega depois das três da manhã.



— Você está de sunga? — pergunta Henrique na sexta-feira à tarde, enquanto caminhamos na direção do lago.

— Não tenho sunga. — Dou de ombros.

— Para de inventar desculpas — retruca ele. — Tenho uma ou outra de reserva, posso te emprestar se você quiser!

— Dividir quarto é uma coisa, mas sungas... — Pauso para rir. — Isso seria bem estranho.

— Você é quem sabe, cara.

Depois do que rolou na outra noite, mal tive tempo para conversar com ele ou perguntar o motivo de ter chegado tão tarde naquele dia. Aliás, era contra as regras do acampamento ficar andando pelo lugar depois das dez da noite, então, não fazia ideia de como ele tinha burlado o sistema. No dia seguinte, acordo com o barulho do chuveiro enquanto Henrique toma banho e se prepara para suas atividades. O garoto sai num pulo e trocamos poucas palavras. Por essa razão, concordo em acompanhá-lo na natação naquela sexta-feira: quero tentar conhecer um pouco mais do meu colega de quarto e limpar a minha imagem com Alma.

Apesar de aceitar ir até o lago, não faço a menor ideia de como Henrique espera que entremos na água com o clima frio que começou a nos rondar nos últimos dias. O mês de abril está começando, mas a temperatura já está baixa o suficiente

para deixar o lago quase deserto. Cair naquela água é pedir para conseguir um resfriado. Quando chegamos perto de onde a aula acontecerá, reparo que alguns campistas, como Henri, não ligam muito para o frio e se arriscam a nadar.

O professor que acompanha a atividade é um senhor alto, robusto, com cavanhaque estilo anos 1980. Ele veste roupas vermelhas de salva-vidas, passa uma imagem de rígido e mandão, mas é totalmente o oposto, pois mal consegue dar ordens aos adolescentes. Henrique diz que é desse jeito na maior parte do tempo. Os campistas podem fazer tudo o que quiserem na natação, contanto que não passem dos limites de profundidade do lago. Meu colega de quarto aprecia essa liberdade.

— Será que Alma vem nos encontrar? — mudo de assunto.

— Acho que sim — responde ele, parecendo não se importar em deixar a conversa sobre sungas para trás. — Ela é misteriosa, sabia?!

— Como assim?

— Estou falando sério. — Ergue as sobrancelhas e passa a caminhar mais devagar, uma vez que estamos quase na beirada do lago. — Me surpreendi quando ela aceitou sair comigo. — Pausa. — Digo, com a gente. Ela quase nunca sai de perto da mãe.

— Mas vocês já se falaram antes, não é? — Acho que ele não vai se importar de responder algumas coisas sobre seu passado, então, não me sinto desconfortável ao perguntar mais.

— Algumas vezes, nada muito concreto — explica.

Alma foi tão bondosa e gentil comigo ao me apresentar o acampamento em meu primeiro dia. É estranho pensar que ela se esconde do resto dos campistas. Será que tem a ver com o fato de ela ser filha dos donos?

— Talvez ela só seja meio tímida — suponho.

— Sim, talvez... — diz Henrique, tirando a regata e a jogando no chão de madeira do píer. — Quero conhecê-la melhor.

É a segunda vez que o vejo sem camisa depois do dia em que nos conhecemos.

Sua pele é bronzeada e cobre cada parte de seu corpo como se fosse delicadamente bordada por cima dos músculos. Eu me pergunto se ele costumava fazer musculação antes de vir para o acampamento ou se alcançou aquele físico apenas nadando. Percebo que estou olhando demais para ele quando seu olhar se encontra com o meu por alguns segundos, então, desvio. Isso quase sempre acontece quando estou observando algo ou alguém. Minha tendência é continuar encarando e absorvendo cada detalhe que a cena me apresenta, mas, às vezes, esqueço que não sou invisível e que as pessoas não costumam olhar umas para as outras mais do que o necessário. Acabo sempre me colocando numa situação embaraçosa.

Não sei se foi pelo fato de Henrique ter me flagrado enquanto eu o analisava, mas ele acaba pulando no lago sem sequer tirar o short para nadar de sunga. No momento em que salta, seu corpo é engolido pela água e some de vista, afundando em meio às ondas verde-escuras com bolhas de ar que se formam depois do salto.

Quando volta à superfície, os fios de cabelo loiro estão ensopados e ganham uma coloração mais escura. Os lábios tremem, denunciando o quanto a água está fria. É quase como se estivesse sem roupa no frio europeu. Vê-lo desse jeito me lembra da cena final de *O iluminado*, quando o personagem se encontra totalmente congelado no meio de um labirinto cercado de neve.

— Sua vez de pular — diz ele, animado, batendo os braços contra a água.

— Nunca — respondo de primeira.

Henrique me lança um olhar de reprovação e revira os olhos.

— Você está morrendo de frio, por que eu deveria entrar aí também?

— Porque é fazendo besteiras que você acaba criando amizades — ele responde, mas para e pensa. — Era uma pergunta retórica?

— Era. — Sorrio. — Mas tudo bem, depois dessa sua resposta filosófica, não tem nem como argumentar contra.

Henrique comemora.

— Mas só vou colocar o pé — aviso, me dando por vencido.

Abaixo e sento no píer, me ajeitando para ficar numa posição que faça com que meus pés fiquem na água. No momento em que meus dedos tocam o lago, meu corpo inteiro se arrepia. A água está muito mais gelada do que eu esperava.

O professor apita desesperadamente e grita para que um garoto que ultrapassou o limite de profundidade volte para onde é permitido ficar. O menino demora a entender, mas acaba retornando para perto de nós. O lago novamente fica em silêncio e só o que ouço é o som da minha respiração e o barulho da água fluindo.

Henrique mergulha e eu o observo. Seus movimentos são precisos, e, cada vez que ele emerge, sua boca se abre em busca de oxigênio. Fico curioso para saber qual seria a sensação de mergulhar.

É engraçado como certos pensamentos surgem na minha mente de maneira tão natural. Afasto a possibilidade de entrar no lago, porque provavelmente afundaria para sempre no momento em que caísse na água, como uma âncora. É irônico me comparar com esse objeto porque, na minha atual situação, sou exatamente como uma âncora, indo cada vez mais fundo.

— Ei, menino azul. — Ouço. — Sobre o que está pensando?

Eu me assusto com a voz de Alma surgindo atrás de mim.

— Estava me perguntando como alguém consegue entrar na água nesse frio.

— Bom, não dizem que o frio é psicológico? — brinca. — Não que eu acredite nisso, até porque, do contrário, eu estaria vestindo maiô.

Alma usa um de seus vestidos rodados de cores claras, o que revela que ela não tem a menor intenção de entrar na água.

— Uau, ele realmente sabe nadar. — Alma se admira ao observar Henrique e depois tira as sandálias para se juntar a mim no píer.

— Quem diria que o próximo Michael Phelps estaria escondido em um acampamento para problemáticos?! — brinco, mas me arrependo da piada logo depois, porque Alma não parece achar graça. — Desculpe, não pensei muito antes de falar.

— Não, tudo bem. — Sua resposta deveria me tranquilizar, mas sua expressão neutra me faz pensar que não se sentiu muito confortável com o que eu disse. — Só é estranho vê-lo falar de si mesmo desse jeito. Você não deveria rotular as pessoas que estão aqui.

Peço desculpas novamente e fico em silêncio, pois sei que ela está certa.

Droga, Dimitri, por que você tem de ser tão sem papas na língua às vezes?

— Alma, você está aqui! — Meu colega de quarto comemora ao ver a garota ao meu lado. Agradeço mentalmente por ele não ter ouvido o que eu tinha acabado de dizer sobre as pessoas do Misfit.

— Claro que vim — responde entusiasmada. — Você achou que eu furaria um compromisso? Jamais.

— Parece que também não vai entrar no lago, não é?! — Henrique nos olha com a sobrancelha levantada, julgando de uma maneira extremamente engraçada. — Mas não culpo vocês, estou congelando! — confessa, nadando até o píer e saindo da água.

As gotas escorrem de seu corpo e nos molham um pouco. Fingimos nos importar, o que o incentiva a pular e chacoalhar a cabeça em nossa direção para nos molhar ainda mais. Quando para de rir e de se mexer como um maluco, Henrique se senta ao nosso lado.

— Onde aprendeu a nadar tão bem? — pergunta Alma, curiosa. A garota desamarra um prendedor de cabelo no pulso, junta os cachos com as mãos e os prende em um coque acima da cabeça.

— Tenho uma piscina em casa e cresci dentro dela. Acho que meus pais até se surpreenderam quando virei um adolescente, e não um tritão — brinca. — Eu passava todo meu tempo livre nadando. Cheguei até a integrar um grupo de natação no Rio de Janeiro.

— Uau! — exclama Alma, erguendo as sobrancelhas. — Entendo. Também tenho meus pequenos vícios. — A garota sorri de volta. — Gosto de flores, qualquer tipo de flor! Desde rosas até petúnias, vermelhas e azuis, da mais

bonita até a mais exótica. Me perco durante horas na estufa!

— Aqui tem uma estufa? — Henrique e eu perguntamos juntos.

— Sim, é engraçado que poucos campistas saibam — confessa. Mas até que gosto que seja desconhecida, porque se tornou meu cantinho.

Espero que Alma revele a localização da estufa, mas ela não diz mais nada.

— E você, Dimitri, o que faz para matar o tempo? — Henrique me encara, curioso. Apesar de dormirmos no mesmo quarto, sabemos poucas coisas um sobre o outro.

— Gosto de música. — Faço uma pausa para pensar no que mais eu gosto de fazer. — De filmes, também, nada que demande muito talento. — Comparados ao que os dois faziam, meus hobbies parecem insignificantes.

— Vamos fazer uma brincadeira! — propõe Alma, um pouco mais animada do que estava segundos atrás. — Quando eu contar até três, cada um de nós deve dizer seu filme favorito em voz alta!

Concordamos.

— Um, dois, três...

— *A culpa é das estrelas* — diz a garota.

— *As vantagens de ser invisível* — ouço Henrique dizer, misturando a voz com as outras.

— *Laranja mecânica* — falo.

Os dois se entreolham e passam a carregar um olhar malicioso.

— Eu tinha certeza de que você era hipster! — caçoa Alma.

— Com esse cabelo azul, não tem nem como negar — completa meu colega de quarto. Reviro os olhos.

— Não é tão hipster assim. — Saio em minha defesa, mas me interrompo. — Tá bom, é sim. — Assumo, rindo. — Mas os de vocês também são filmes bem hipsters!

— Eu A-M-O *As vantagens de ser invisível*! — exclama Alma para Henri. — O livro também é incrível. Posso te emprestar se quiser.

— Obrigado, mas não sou muito de ler.

Observo os dois conversando e me pergunto se aquilo é o que consideram “flerte” ou se estão apenas sendo amigáveis um com o outro. Não me surpreenderei se vierem a ter algo no futuro. É interessante analisar as pessoas. Por um segundo, a ideia dos dois como um casal me incomoda, mas atribuo o sentimento ao fato de eu estar me sentindo desconfortável e excluído da conversa.



O escritório de Suzana é uma cópia quase idêntica do de Laura: simples, rústico

e formal. A única diferença é a decoração, que conta com objetos pessoais da mulher responsável por me acompanhar durante meu tempo no acampamento. Olho ao redor reparando com mais atenção e percebi que, sobre a mesa, há uma fotografia antiga de Alma, segurando um buquê de rosas nas mãos, apontando-o para a câmera. Ao lado dela, está um homem alto e elegante, trajando um terno cinza e com cabelos bem cortados. Apesar de estar diferente nos dias atuais, reconheço que é Álvaro. Ele sorri e tem os braços ao redor da menina. Abaixo da mensagem, talhado na moldura, lê-se “Feliz Dia das Mães!”.

— São meu marido e minha filha — explica Suzana, percebendo meu interesse na foto.

Não sei se ela tem ideia de que andei conversando com Alma, além daquele primeiro dia no acampamento.

— Sua família é linda! — elogio, sorrindo para ela.

— Obrigada — responde. Sua voz é calma e macia. Sinto uma pontada no peito porque reconheço que lembra um pouco a de minha mãe. — Dimitri, está se adaptando bem ao acampamento?

— Estou — digo, procurando palavras para descrever minha experiência até o momento. — É um lugar muito bacana.

— Isso é bom — observa. — Sente falta de casa?

Reflico sobre a pergunta. Eu não definiria o que estou sentindo como saudade, está mais para certa curiosidade em saber como meus amigos e minha família estão lidando com as coisas uma vez que eu não estou por perto. Com certeza, sinto falta de meu pai, de Clarissa e de Bernardo, mas o sentimento não é forte e não o deixo aflorar.

— Um pouquinho, mas é ótimo descobrir as coisas em um lugar novo — respondo, enfim. Confesso que estou um pouco tímido, calculando cada palavra antes de falar, pois tenho medo das reações e interpretações da acompanhadora. Suzana assente.

— Sinto que está inseguro enquanto conversa comigo. Vamos lá, Dimitri, preciso conhecer mais você! — Ela me incentiva a falar. — É bom ter alguém para conversar, garanto que se sentirá alguns quilos mais leve.

Eu me mantenho em silêncio, fitando o chão. A frase pichada na parede durante a semana anterior é tudo em que consigo pensar: não confiem neles. Começo a transpirar e minha respiração fica irregular.

— Por que você está aqui?

Suzana me encara, a expressão é amigável e ela parece ser compreensiva. Não deve ser uma pessoa ruim. Afinal, ela criou Alma, e a garota é uma das pessoas mais gentis e incríveis que eu conheço. Então, quais são os motivos para que eu me esconda tanto atrás desta máscara? Estou aqui para ter acompanhamento para

superar o que me aflige e me impede de ser feliz. Será que não seria capaz de colocar tudo para fora e me permitir ser ajudado?

Apesar de querer desabafar e contar minha história para a mulher, não me sinto pronto. Sei que terei de falar, mais cedo ou mais tarde, mas não será agora.

— Preciso ir — anuncio, pulando da cadeira e correndo em direção à porta.

Quando estou saindo, ouço Suzana dizer:

— Tudo no seu tempo, não há motivos para forçá-lo. Volte quando quiser, é sempre bem-vindo aqui!

Chego ao alojamento pouco antes de o sol se pôr. Minha cabeça gira com os acontecimentos do dia. Estava muito feliz por ter ido ao lago de manhã, mas a sensação de que devia ter contado tudo para Suzana me indomoda.

No corredor, a caminho do quarto, esbarro em Diego, que derruba os cadernos que carrega. Eu não o via desde o dia da festa, então, agacho para ajudá-lo e reparo no pequeno envelope preto entre as folhas de um dos cadernos. Ele me agradece, mas evita puxar conversa, apenas acena com a cabeça e corre para o quarto, batendo a porta com força e fazendo um grande barulho. *O dia não está fácil para ninguém*, penso.

— O que aconteceu? — Henrique se espanta quando entro em nosso quarto. — Você está com uma cara horrível!

Não respondo e continuo parado na porta. Ele se aproxima, com seu andar todo desajeitado, e, para a minha surpresa, me envolve em um abraço. Fico sem saber o que fazer e mantenho as mãos junto ao meu corpo, sem abraçá-lo de volta.

Quando o garoto se afasta, está rindo da minha reação.

— Você com certeza precisava desse abraço — brinca. — O primeiro acompanhamento é sempre difícil.

Acho que deve ser verdade. Vou até a cômoda e bebo um pouco de água da garrafa que fica sobre o móvel. Retiro o toca-fitas da mochila e aperto play, me aconchegando no edredom da cama.

— Já vai dormir? — pergunta Henrique, me acompanhando com os olhos. Ele está realmente me estranhando naquela noite.

— Foi um dia longo.

A música “Feeling Good”, de Nina Simone, ressoa nos fones de ouvido e fecho os olhos, tentando acalmar a tempestade que começa dentro de mim.

“It’s a new dawn/ It’s a new day / It’s a new life/ For me / And I’m feeling good.”

Acho que também me sinto assim, Nina, penso, pouco antes de dormir.

Já adormecendo, pergunto-me se Henrique esqueceu a janela aberta antes de ir para a cama, porque começo a sentir o corpo frio durante o sono. Estico o braço à procura do edredom, mas estranho quando minha mão volta totalmente

molhada. Abro os olhos e meu coração para: estou no centro do lago. Não faço a menor ideia de como cheguei até ali, mas flutuo sobre a água em cima de um colchão inflável. Está escuro e não vejo ninguém no píer, a alguns metros de mim. Penso em mergulhar e ir até a terra firme, mas desisto porque provavelmente acabaria me afogando. Retiro os fones de ouvido e começo a gritar por ajuda. Faço aquilo por alguns minutos, mas ninguém aparece. Perco o controle do meu corpo e ele passa a tremer exageradamente, não sei se de frio ou de medo.

Temo que eu seja forçado a entrar na água e começo a pensar em maneiras de mover o colchão. Tento remar com as mãos, mas não parece adiantar muito, serve apenas para me deixar cada vez mais molhado. Xingo em voz alta. Volto a pedir ajuda, estou ficando desesperado e sinto a garganta arranhar. Finalmente, começo a ver a penumbra de pessoas chegando ao longe, tento balançar os braços para que me vejam, mas não tenho certeza de que é suficiente para que me identifiquem ali no meio do nada. Então, me levanto com dificuldade e o colchão treme embaixo de mim. Ouço gritarem por meu nome, mas não consigo identificar de quem é a voz.

Cerro os olhos para tentar enxergar e balanço mais os braços. Com um passo em falso, acabo desequilibrando o corpo e caindo do colchão. A água me engole e é como se eu tivesse caído em um buraco negro, gelado e profundo. Tento me manter na superfície, mas é impossível, afundo ainda mais. Respiro e meus pulmões ardem, está tudo tão frio que mal sinto as pernas. Não serei capaz de aguentar por muito tempo, não importa quanto eu tente, estou cada vez mais cansado e continuo sendo puxado para baixo. Fecho os olhos e deixo que meu corpo afunde.

Quando minha cabeça submerge e o mundo escurece, penso em meus pais.

— Estou com ele. — Estou tonto quando ouço as palavras do garoto. Ele segura em minha cintura e tenta com dificuldade me puxar de volta para a superfície.

Quando ele me arrasta para o píer, as pessoas que nos esperam me puxam para cima e perguntam se estou bem. Não consigo responder, até porque não faço a menor ideia de como estou me sentindo, sou um poço de confusão.

— Eu acordei lá. — Solto em meio à respiração. — Não foi de propósito.

— Não se preocupe com isso, sabemos que não. — Vejo o rosto de Henrique se acender no meio de outros rostos desconhecidos. Ele está ensopado e claramente em choque. Por que está tão molhado? Foi ele quem me tirou da água? Agradeço mentalmente por suas habilidades na natação.

— Sabem? — pergunto, sem entender.

— Sim — responde, tenso. — A pessoa que te colocou lá nos deixou um bilhete assumindo o feito.



CAPÍTULO CINCO



Estive pensando demais,

Me ajude

“Ride”, Twenty One Pilots^[7]

— Do que você se lembra? — Ouço.

Um breve eco de realidade chega até mim. Mal reconheço a pergunta, de tão distante que parece vir.

— Apenas o que já contei — respondo. — Nada mais. — Eu me encolho, sentindo-me inútil.

Suzana me chamou em sua sala para conversar, sabendo que eu precisaria de ajuda depois do ocorrido. Os dias passam a ser mais longos na minha cabeça e por algumas noites retiro os cadarços do tênis pouco antes de dormir e amarro um dos pulsos à cama, com medo de acordar novamente no lago.

Eu estou quebrado.

— Não faço ideia de como fui parar na água. — Não aguento mais responder a essa pergunta.

— Não há necessidade de reforçar isso, sabemos que não foi ideia sua.

Eles realmente sabem. A pessoa que me colocou para flutuar naquele colchão deixou um bilhete para a coordenação dizendo o local exato onde eu estaria naquela noite. Apesar de ter coragem de alertá-los sobre mim, não foi capaz de se identificar.

— Posso ver o bilhete? — peço, mas meu tom sai como uma ordem. É meu direito entender o que está acontecendo.

Suzana parece um pouco relutante, mas acaba cedendo. Abre uma das gavetas de sua mesa, retira o que pedi e me entrega.

No exato momento em que meus olhos encaram o papel, vejo os dizeres pintados com a mesma tinta azul que havia manchado a parede de meu dormitório. Não há dúvida de que a pessoa que fez a pichação semanas atrás foi a mesma que me colocou no lago.



Devolvo o papel, tremendo.

Começo a transpirar pelas mãos e o mundo a minha volta parece um pouco mais turvo. A preocupação se instala no fundo da minha mente, porque faz tempo que não me sinto daquele jeito. O que aconteceu no lago e o bilhete acabam sendo um gatilho. Não posso deixar aquela sensação me dominar de novo, preciso de ajuda, e o jeito mais fácil para começar a buscar é abrir o jogo com Suzana. Ao mesmo tempo, estou cansado de me expor e de vomitar um milhão de palavras ao vento sem conseguir entender o que acontece comigo. Quero gritar meus sentimentos, colocá-los para fora de maneira física, como se fossem fumaça escura se dissipando pelo ambiente, tornando negro e denso o lugar todo. Talvez, se eu despejasse meus demônios, eles desaparecessem com o confronto. Quero sangrar metaforicamente, sujar todas as paredes à volta com a dor, ser capaz de visualizar o que está dentro de mim para tentar entender e interpretar como se fosse uma obra de arte nojenta, só para depois aprender a limpar tudo da maneira correta. Fecho os olhos, respiro fundo e me ajeito na cadeira, pouco confortável. — Minha mãe se foi há alguns meses — conto, a voz trêmula. — Eu era

apegado demais a ela. Sua morte me deixou devastado, e parei de comer, de sair de casa e até levantar da cama parecia a tarefa mais difícil do mundo naquela época. — Desvio o olhar para não encarar Suzana. — Vivía com os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar, me corroendo e apagando quem eu era, até o dia em que cansei de sofrer. Passei a sair com meus amigos quase todas as noites, fiz da rua uma extensão da minha casa e do trabalho. Bebia sempre que podia, fumava alguns cigarros e arrumava confusão com qualquer um que ousasse me criticar. Tudo isso para preencher o vazio que se instalou dentro de mim após a morte da minha mãe. Em uma manhã, ao chegar em casa depois de uma dessas noites, desabei no chão do banheiro, o mármore frio me fazia tremer enquanto eu me debruçava enjoado e enojado diante da privada tentando tirar o álcool do meu corpo. Não adiantava nada tentar fugir da tristeza se aquilo era tudo o que restava em mim. Coloquei na cabeça que eu era o problema e, enquanto vivesse naquele corpo, naquela vida, as coisas sempre seriam daquele jeito.

— E o que aconteceu depois? — pergunta ela, com a voz cheia de empatia.

— Tentei cortar os pulsos.



Alma me leva para conhecer a estufa do acampamento, a que chamei carinhosamente de “Estufa da Alma”, porque ninguém mais fala sobre esse lugar. A estufa fica no meio das árvores, atrás das quadras de esporte, bem afastada de todo o resto.

Descobri que o lugar era usado antigamente como sala de aula para uma das matérias escolares. Depois, foi desabilitado porque os campistas não tinham tanto interesse no que lhes era ensinado. Reparo primeiro nas paredes de vidro cobertas por uma porção de trepadeiras, que correm pelas laterais e pelo teto quase formando um tipo de “ninho verde”. Não consigo deixar de pensar que, se o acampamento fosse uma escola de bruxaria, como em *Harry Potter*, as aulas de herbologia com certeza aconteceriam aqui. Também noto as fileiras de flores diante de mim, o caminho repleto de rosas, petúnias, girassóis e diversas outras flores que eu não fazia a menor ideia de como se chamavam.

— É lindo aqui! — falo, admirado.

Alma concorda. Ela está poucos metros à minha frente e anda de costas, analisando minhas reações.

Respiro fundo e sinto o aroma da combinação das flores. É suave, doce e refrescante. Me lembra um pouco o cheiro de quando costumava trocar os lençóis da cama e eles sempre estavam perfumados com um produto de limpeza que simulava aquele odor.

Alma vai até uma fileira recheada de rosas cor-de-rosa e, com cuidado, corta o

Alma vai até uma mesa recheada de rosas cor-de-rosa e, com cuidado, corta o caule de uma e a estende para mim.

— Amizade — fala, sorrindo. O sol reluz através dos vidros e ilumina suas costas. — Digo, algumas pessoas dizem que a rosa cor-de-rosa significa amizade.

— Rosas têm significado?

— Todas as flores têm, na verdade.

Eu me aproximo, pego a rosa da mão dela e a levo até o nariz, mas acabo espirrando. Alma ri e eu também.

— E como você sabe de tudo isso?

— Tenho muito tempo livre, já que fico trancafiada no acampamento a maior parte dos meus dias. — Apesar de ela parecer tratar o assunto de maneira cômica, percebo que há certa melancolia em sua fala. — Então, acabo lendo o que posso sobre o que tenho interesse.

— O que significa essa aqui? — Aponto para uma flor perto de mim.

Alma faz uma careta e torce os lábios, como se estivesse abrindo as gavetas de arquivos em sua cabeça para encontrar o nome.

— É uma violeta. Simboliza lealdade e simpatia.

— UAU, você já pode trabalhar para a National Geographic — brinco.

Ela ri.

— Imagine só? Seria meu sonho trabalhar com uma coisa que amo tanto.

— Aposto que você seria a melhor do ramo.

Alma fica com as bochechas coradas ao ouvir o elogio, mas logo volta ao normal. Então, pega as ferramentas e começa a cuidar das plantas. Ela as apara, rega e semeia os espaços vagos de algumas fileiras. Eu apenas a observo, encostado em uma pilastra.

— Você está bem? — pergunta ela, depois de um tempo, quebrando o silêncio.

— Depois daquela confusão no lago e tudo mais?

Dou de ombros.

— Acho que sim, um pouquinho curioso e quebrado ao mesmo tempo — confesso. — Mas só preciso de um tempo para me recuperar.

Alma assente e continua o que fazia antes.

Era estranho e ao mesmo tempo gostoso responder àquela pergunta de modo tão sincero.

— Como é ter minha mãe como sua conselheira?

— É interessante. Ela não insiste muito para que eu fale demais, gosto disso.

— Mamãe valoriza confiança antes de qualquer outra coisa — reflete Alma. Ela lembra um pouco a mãe, não só na aparência física, mas no modo suave de conversar comigo.

— Ela me prescreveu alguns comprimidos também — confesso, sem ter muita certeza de que deveria falar sobre aquilo com minha amiga. Mas desejava poder conversar abertamente com alguém, e queria que Alma fosse a pessoa. — Para que me ajude a não sair surtando por aí.

Alma desvia o olhar para mim e me encara com empatia.

— Isso é bom, Demo! — Sorri. — Muito bom.

Quando Suzana me passou os comprimidos, depois de analisar meu histórico com os outros profissionais com quem eu já havia me consultado, fiquei um pouco envergonhado, porque achava que, uma vez que os tomasse, estaria assumindo que o que eu tinha era realmente um problema e que não conseguiria exterminar os sentimentos ruins sozinho. Temi que a química apagasse parte de quem eu era, mas então olhei para os pulsos, me lembrei do que tinha acontecido na última vez que recusei os medicamentos e aceitei que aquele era o jeito correto de lidar com as coisas.

— Ei, não queria que você fosse embora, mas acho que vai se atrasar para a aula — diz Alma, conferindo o horário no único celular do acampamento.

Droga, eu esqueci que a aula começaria em poucos minutos.

— Obrigado por ter me trazido aqui. — Dou uma piscadela para minha amiga e levo comigo a rosa cor-de-rosa que havia me dado. — E por me lembrar da aula — brinco.

— Volte sempre que quiser!

Deixo Alma para trás e sigo para a aula. Odeio cálculos e me considero a pessoa mais leiga quando o assunto é matemática, por isso, o professor mandou que eu me juntasse a Henrique caso não conseguisse realizar o exercício que passou. Nem preciso dizer que foi o que aconteceu.

— Sabia que uma hora ou outra seu defeito apareceria! — diz Henri, quando coloco a cadeira perto dele.

— O quê?

— Seu defeito — explica ele. — O motivo de você estar aqui nesse acampamento.

— Você acha que meu motivo para estar aqui é não ser bom em matemática? — pergunto baixinho e franzindo o cenho.

— Até agora não vi nada de estranho em você, então, isso é tudo o que tenho para acreditar. — Ao contrário de mim, Henri não tenta falar baixo, e o professor nos lança um olhar de reprovação.

Reviro os olhos com a brincadeira do garoto. Eu me pergunto se ele chegou a ver o frasco de comprimidos na minha mala. Provavelmente, nem imagina que tomo aqueles medicamentos. Eu me encolho de constrangimento ao pensar em Henrique descobrindo sobre meu passado, mas depois lembro que todos estamos

aqui por algum motivo. Qual seria o motivo de Henri?

— No que você tem dificuldade nesse exercício? — pergunta ele.

— Em tudo, os números dançam em minha cabeça cada vez que tento fazer uma equação.

Ele ri.

— Dançam tipo axé, samba ou... já sei! — brinca Henri. — Dançam Lorde, né?! Você tem muita cara de quem ouve Lorde.

— Idiota — eu o xingo, em tom de brincadeira.

Henrique tenta me explicar como fazer os exercícios e, mesmo que eu me distraia facilmente a cada segundo, ele não desiste até que minha atividade esteja completa.

— Muito obrigado! — agradeço, enquanto escrevo meu nome na folha. — Você é um ótimo tutor, mesmo que eu continue odiando exatas.

— E você é um péssimo aluno, mas continuo gostando de você.

Não sei o motivo, mas sinto meu estômago congelar ao ouvir aquela frase:

“Continuo gostando de você”. Isso queria dizer que ele gostava de mim?

Era bom saber que as pessoas estavam se acostumando com a minha presença.

— Você precisa de pontos para conseguir a visita no fim do semestre, não é?! —

Henrique me pergunta e eu faço que sim com a cabeça. — Meu treinador perguntou se não conheço ninguém que ajude a limpar as laterais do lago.

Alguns campistas costumam poluir o lugar e sempre precisamos de uma limpeza por lá.

— Eu topo! — digo de primeira.

— Legal, podemos ir juntos depois da aula — comemora.

A ideia de acompanhar Henrique naquele dia me anima, e, de quebra, eu ainda ganhei pontos para conseguir a quantidade necessária para a visita semestral.

Alma disse que eu precisaria de cem pontos, e eu tinha acumulado vinte por concordar em tomar os medicamentos que Suzana havia passado, então, não faltava muito para alcançar meu objetivo.

— Antes que eu me esqueça, alguém te falou mais alguma coisa sobre a pessoa que anda aprontando pelo acampamento? — pergunto ao meu colega, que ele fica meio receoso ao entrar no assunto.

— Nada ainda.

Todos estão um pouco curiosos para descobrir quem é a pessoa que me colocou no meio do lago. O problema é que, quem quer que seja, foi esperto o suficiente para cobrir a lente das câmeras de vigilância durante as estripulias, ficando invisível diante da coordenação, quase como um fantasma. Aliás, foi assim que as pessoas passaram a chamá-lo: Fantasma.

— Bom, espero que logo descubram a identidade dele. — Fecho o caderno e

seguro o estojo. — Laura e Alvaro mal conseguem dormir por causa desse problema, é inadmissível para eles que isso aconteça no acampamento.

— Ouvi dizer, mesmo. Enfim. — Henrique se levanta da cadeira. Ele é apenas alguns centímetros mais alto, mas sinto como se fosse muito maior do que eu. Talvez os músculos definidos pela natação passem essa impressão. — Vamos? — Sim — concordo e começo a arrumar minhas coisas também.

Limpar os arredores do lago não é tão difícil, é até mais fácil do que fazer as coisas na locadora em que costumava trabalhar. Na maior parte dos dias, tudo fica limpo, e acabo observando os outros campistas em suas atividades. Às vezes, paro para ver Henrique nadando e para bater papo com ele, em outras, assisto aos grupos jogando futebol nas quadras, mas na maior parte do tempo fico recostado sob as árvores, terminando os deveres que os professores passam. Estudar no acampamento é diferente de estudar no meio do caos que é minha vida em casa. O tempo parece não existir, tudo é mais calmo e não tenho tantas coisas em que pensar. Claro que ainda há preocupações em minha cabeça, como os ataques do Fantasma e as minhas crises quando me deparo com um de meus gatilhos, mas as sessões de acompanhamento com Suzana e os comprimidos que ela prescreveu estão me ajudando a aprender a lidar com as coisas.



Estou no dormitório e acaba de escurecer. As gotas de chuva batem na janela. Henri chegou há pouco tempo da natação e está no chuveiro. Estou quebrando a cabeça para resolver as equações da tarefa de matemática, mas é quase impossível que eu consiga concluir os exercícios. Eu me pergunto quanto tempo Henrique ainda vai demorar para sair do banho para que eu possa pedir ajuda, mas também penso que posso incomodá-lo, porque ninguém gosta de ficar bancando o professor.

Sem pensar mais, vou até a mochila dele e abro o zíper, atento ao barulho do chuveiro. Encontro o caderno e vou passando as páginas à procura da tarefa que quero copiar. Sei que é errado fazer isso, mas Henrique não se importaria se descobrisse e eu acabarei contando para ele.

Em meio às divisórias, encontro o mesmo envelope preto que vi nas coisas de Diego no outro dia. Estremeço.

O que vocês estão fazendo?, me pergunto em pensamento.

Abro o envelope e encontro um papel em branco. No verso, descubro o que julgo ser um horário e também um local.

3h – Sob a terra

A água do chuveiro para de cair e devolvo o cartão ao lugar. Então, guardo com cuidado o caderno de Henri na bolsa.

Meu colega de quarto aparece quando já estou de volta à cama, fingindo tentar resolver as equações de matemática. Ele pergunta amigavelmente se preciso de ajuda e minto dizendo que estou quase terminando. Henri vai até a mochila, permanece mexendo nela por alguns segundos, pega o caderno e o joga perto de mim.

— Compare as respostas para ver se você fez da maneira certa! — diz, sorrindo. Sinto uma pontada de culpa por ter invadido a privacidade dele, mas dói ainda mais quando abro a página em que o cartão estava escondido e percebo que não está mais ali.

Henrique está escondendo alguma coisa, e descobrirei o que é.

Desde os primeiros dias, me acostumei a colocar os fones no ouvido e dormir escutando música. De alguma maneira, conseguia me sentir perto de casa e todo aquele ritual acalmava meu corpo. Esta noite, infelizmente, estou tão cansado que acabo adormecendo sem música alguma. No meio da madrugada e com sono frágil, ouço Henrique descer da cama e passar pela porta do quarto, quase tão silenciosamente que eu poderia jurar que seus pés eram feitos de plumas.

Quando ele desaparece, me coloco de pé, calço os sapatos, visto o moletom e me esgueiro atrás dele. Minha mente dispara quando lembro que deixei passar o horário em que deveria tomar meus medicamentos, mas tento não pensar nisso. Temendo ser visto, me distancio alguns metros de Henri, tomando cuidado para que ele não perceba que o sigo. Mesmo que esteja escuro e as chances de me ver sejam quase inexistentes, o medo ainda me acompanha.

Observando Henrique passar por vários lugares do acampamento e seguir em direção à floresta, começo a estranhar seu caminho. Sei que o lugar não é muito visitado pelos campistas e que até os coordenadores evitam ir para lá. Não há nada para ver ou fazer.

Apesar de confuso com o percurso, decido continuar seguindo os passos dele. O acampamento está quieto. Sei que todos devem estar dormindo ou sufocando os pensamentos em seus dormitórios. Eu me pergunto até que ponto os limites do lugar permitem que os campistas cheguem. Sei que há muros, mas não sei exatamente a extensão do local. Por um segundo, Henrique olha para trás, e sinto meu corpo congelar. Por sorte, estou perto das árvores e consigo me misturar ao ambiente. Prendo a respiração e só solto quando ele dá de ombros e volta a caminhar, adentrando a floresta.

Piso na mata e meus sapatos afundam na lama. Ignoro e me mantenho atento às mudanças do percurso de Henrique. Está escuro e me guio apenas pelas sombras, que me enganam e brincam com meus sentidos. Posso ouvir ruídos de animais ou talvez apenas insetos escondidos em meio às árvores. Eu me pergunto se há motivo para temê-los ou se faço bem ao ignorá-los. No meio desse pensamento,

percebo que meu colega parou de se mover e olha fixamente em outra direção. Ele solta um palavrão baixinho e se joga no chão, sujando todo o corpo de lama. Não demoro a entender o motivo, pois logo em seguida ouço passos cada vez mais perto e, mesmo à distância, reconheço José, o moço que havia me levado até o acampamento. Ele segura a lanterna em uma das mãos e parece saber que algumas pessoas estavam fora de seus dormitórios naquela noite. Sem pensar duas vezes, faço a mesma coisa que Henrique e me jogo no chão, um pouco enojado ao sentir a lama tocar minha pele.

Começo a me sujar, cubro praticamente o corpo inteiro e percebo que fico cada vez menos visível, me camuflando e sumindo no chão escuro. José vai caminhando e chega bem perto de onde Henri está deitado. A tensão do garoto paira no ar e sinto como se meu coração fosse sair pela boca. O que aconteceria se nos pegassem fora do dormitório após o toque de recolher? Será que seríamos expulsos? Talvez, quem sabe, proibidos de voltar para casa durante o tempo de visita? Se sáísse ileso daquela situação, teria de lembrar de perguntar para Alma se alguém já foi pego quebrando as regras do lugar.

Aos poucos, José se afasta de Henrique, que corre para outro lugar, dando sequência a sua jornada. Xingo baixinho, porque o vigia agora está perto de mim e, apesar de provavelmente estar apenas fazendo uma ronda no acampamento, fico com medo de que esteja à minha procura. Afasto a preocupação assim que José some de vista no meio da escuridão e me coloco de pé, ignorando toda a sujeira colada ao corpo. Tento localizar Henrique, mas não o encontro de maneira alguma.

Volto a caminhar com cautela. Sei que estou indo cada vez mais fundo na floresta e tenho noção dos perigos que posso encontrar caso continue. Confesso que a dúvida sobre a minha segurança me deixa animado, como quando costumava sair com meus amigos pelas ruas de São Paulo em busca de confusão. Sinto as veias do corpo pulsarem, ouço o palpitar do coração em meu ouvido, fecho os olhos e me misturo à floresta. Esqueço o que estava fazendo e viajo de volta para meus dias obscuros, poucos meses antes. Em minha cabeça, ouço a voz de Clarissa me chamando para beber. Ela não faz por mal, está tão perdida quanto eu, procurando solução para curar todas as feridas de sua alma, buscando a felicidade em coisas infelizes. Vejo os olhos de meu pai pairando nas sombras, cheios de lágrimas após o enterro da esposa. Ele tenta me trazer para perto. Sou tudo o que restou para ele, mas o afasto porque machuca demais estar com ele e não ter minha mãe ao meu lado. Recordo de lábios em meu pescoço, mãos em minha cintura e ouço promessas feitas ao vento, as lembranças me chacoalham, assustam, confundem e me jogam de volta para a realidade.

Caio de joelhos na grama molhada, sinto o corpo tremer e sei que se não voltar

ao dormitório para me aquecer vou acabar adoecendo. Percebo que estou chorando quando as lágrimas se fundem com a garoa fraca que começou a cair, me sinto idiota por ter me enfiado no meio da mata sozinho e me penalizo por ter me esquecido de tomar os comprimidos que Suzana havia me dado. Será que ela havia feito o certo ao me confiar aquele frasco de remédio? Não deveria ter dado a mim, deveria ter me forçado a ir ao seu consultório todos os dias para tomá-los. Não sou capaz de manter meus pensamentos em ordem, quem dirá manter uma rotina. Fico parado por tempo indeterminado, não faço ideia se passam segundos ou vários minutos, e só levanto quando me dou conta de que não estou mais sozinho.

Henrique está ao meu lado, os cabelos molhados pela chuva. A luz do luar finalmente passa pela copa das árvores e ilumina suas costas. Ele me olha e em sua expressão vejo um misto de pena e confusão. Ele hesita, mas se aproxima e toca meu rosto, limpando minhas lágrimas. Viro o rosto, envergonhado.

— Você me seguiu, não é?! — pergunta ele, sabendo a resposta.

Fico calado, penso em negar, mas sei o quanto seria inútil tentar mentir após ser pego naquela situação. Henrique franze o cenho e coloca as mãos em minha testa, seu semblante tomado por preocupação.

— Demo, você está fervendo de febre! — exclama, assustado. Ele tira a jaqueta jeans suja de lama e a coloca em mim. Eu lhe agradeço, mantendo o olhar baixo.

— Vou te levar para o dormitório. — Noto um pouco de irritação em seu tom; sei que está frustrado por descobrir que eu o seguia.

— Por que você estava com o aquele envelope no caderno? — A frase sai direto de meus lábios e o choca. — O que você veio fazer aqui?

Henrique treme, vejo com clareza através de seus olhos que seu cérebro trabalha para encontrar uma resposta, mas não tenho certeza de que o que ele dirá será a verdade.

— É complicado — afirma.

— Me explique.

Ele abre os lábios como se fosse me dizer, mas os fecha logo em seguida, pensativo.

— Era um convite — revela.

Estou prestes a fazer mais perguntas quando o som estridente de sirenes irrompe quebrando o silêncio ensurdecedor do acampamento.

O primeiro pensamento que passa por minha cabeça é que fomos descobertos pela coordenação e que o alarme toca para sinalizar nossa queda. A próxima coisa que faço é correr. Minhas pernas se movem tão rapidamente que mal sinto o chão embaixo de mim e, no caminho, esbarro com alguma coisa pendurada entre as árvores que vem de encontro ao meu rosto. Não identifico o que é por

conta da escuridão, mas sei que me machuca. Quando levo a mão ao rosto, sinto gotas de sangue entre os dedos. Volto a correr, com dificuldade: a mesma coisa que me atingiu acabou se enroscando em um de meus pés. Henrique está às minhas costas e correndo junto comigo. Ele chama baixinho por meu nome em meio à respiração entrecortada. Quando me alcança, segura um de meus braços e gentilmente me puxa para os limites do acampamento, fora da floresta, nos levando para os fundos de um dos dormitórios. Escondidos e em segurança, ele coloca as duas mãos sobre meus ombros.

— Não estão procurando por nós! — afirma Henri. Os olhos estão arregalados, mas, mesmo assustado, percebo que ele não está mentindo. — Olhe — ele aponta.

Respiro fundo e olho na direção que ele indica.

A primeira coisa que vejo são os postes de luz piscando, fazendo com que o centro do acampamento fique parecendo um pisca-pisca gigante. A segunda coisa que percebo é que a coordenação já está andando pelo lugar. Eu os enxergo em vários pontos, indo na direção de onde eu e Henrique havíamos acabado de sair. Os campistas também parecem ter acordado com a confusão. Muitos saíram dos dormitórios e se espalharam, eufóricos.

Retomando o fôlego, olho para Henrique e pergunto se devemos nos esconder, ele ignora a pergunta ao perceber o corte em meu rosto.

— Você está sangrando.

— Não foi nada — respondo.

Lembro como me machuquei e tento ver se o que me atingiu ainda está enroscado em meus pés. Para a minha surpresa, encontro um cordão em meio ao cadarço do meu tênis e o puxo. Quando chega ao fim, vejo uma espécie de boneco de palha amarrado a ele. Estremeço ao perceber que é um daqueles bonecos associados ao vodu, de palha e gravetos, como os que apareciam no filme *A bruxa de Blair*.

Olho com atenção para onde acabamos de sair e percebo que aquele boneco não era um soldado em missão solitária: viera com todo o exército. Amarrados entre as árvores, na entrada da floresta, dezenas de vodus pairam sobre as cabeças das pessoas que observam curiosas a cena assustadora. Ouço gritos de pavor e também algumas risadas. Os coordenadores já nem tentam mais apaziguar o caos que se instala no acampamento.

É explícito que a situação saiu do controle. O Fantasma havia atacado novamente.

Os pelos do meu corpo se arrepiam quando aperto o boneco que me atingiu e passo a reparar em seus detalhes, buscando algum significado. Sei que vodus geralmente servem para simbolizar pessoas ou colocá-las como alvo.

Desesperado, busco algum símbolo, olhando atentamente cada detalhe do objeto até que enfim encontro o que procuro em uma das extremidades.

Especificamente onde deveria ser uma das mãos, uma pequena flor está amarrada entre os fios de palha.

Lembro do dia em que acompanhei Alma à estufa e sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Encaro Henrique esperando sua reação, e ele desvia o olhar, incomodado.

— O papel em seu caderno — começo. — Era um convite para quê?



CAPÍTULO SEIS



**Não vou chorar,
Não vou derramar uma lágrima
Enquanto você estiver comigo
“Stand by Me”, Ben E. King^[8]**

Encontro um envelope preto na minha gaveta logo após chegar da última aula do dia. Henrique não está no quarto, mas sei que foi ele quem colocou. Ele prometeu que me contaria tudo após aquela noite. O papel contém a mesma informação que li noites atrás no convite enviado para Henrique. Devo ir até a floresta durante a madrugada.

É o que tento fazer agora, enquanto evito ser pego pelos coordenadores que redobram a segurança do acampamento depois de toda a bagunça com os vodus.

Enquanto caminho pela floresta, ouço os grilos fazendo sua serenata, cantando de maneira melancólica como se conhecessem os mais profundos segredos de cada um dos campistas. Eu me assusto quando um trovão explode nas nuvens, gerando um clarão por todo o acampamento. Estamos na época de chuva, mas, mesmo assim, fui pego de surpresa. Respiro fundo e penetro cada vez mais, indo até o ponto onde Henrique e eu fomos parar no outro dia. Desta vez, continuo. Ando até dar de cara com os muros que limitam o lugar. O muro é fino, mas se estende até pouco depois das copas das árvores. Não seria impossível escalar, mas seria perigoso cair de uma altura daquelas.

Decido dar mais umas voltas no lugar, apenas para verificar se Henrique está em algum canto. Estou tão concentrado que mal enxergo por onde ando, meus pés falham e acabo indo de encontro ao chão. Por sorte, uso os braços para me apoiar, fazendo com que a queda não me machuque. Então, me recomponho, confuso e sem entender o que aconteceu. Não costumo cair com facilidade; geralmente, meu corpo obedece a meus comandos físicos.

Meus olhos finalmente se acostumam com a escuridão e percebo certa diferença no solo em que acabei de cair. Tateio a grama e a sinto endurecer ao mesmo tempo que esfria, ficando quase tão gelada quanto um bloco de gelo. Começo a estranhar a solidez do chão e, sem enxergar muita coisa, bato algumas vezes na superfície, que produz um barulho oco.

Logo depois, ouço algo se destravar e sou surpreendido quando o chão se abre, revelando uma passagem. Debaixo da tampa de metal, emerge Serena, que me encara com olhar misterioso e parece ter todas as respostas de que preciso. É por

isso que, quando manda que eu entre pela escotilha, eu me enfio sem pensar duas vezes.

— Foi você quem colocou o convite nas minhas coisas? — Coloco os dois pés na escada de ferro e desço com a garota, logo depois de ela fechar a escotilha acima de nós.

— Não — responde, seca. — A ideia foi minha, mas foi o Henri que o colocou em suas coisas.

— Para onde estamos descendo? — tenho que perguntar, sem conseguir ver o fim da escada. Estamos indo cada vez mais para o fundo da terra.

— Estamos em um dos túneis debaixo do acampamento — explica. Eu paro de me mover por um segundo e a garota pisa em minha mão. Ela se desculpa e volto a descer. — Descobrimos esses túneis há alguns meses, parecem estar abandonados há anos.

— Uau! — Fico admirado. — Isso é totalmente *Lost*.

— Totalmente perdido?

— Não — nego, rindo de nervosismo. — A série americana.

— Ah! — exclama ela, pouco antes de sacar a lanterna presa à cintura e acionar a luz, iluminando todo o espaço e mostrando que estávamos chegando ao fundo. Quando não há mais degraus para descer, salto em direção ao chão e Serena vem logo atrás de mim. O lugar cheira a mofo e está tão frio quanto na superfície. As paredes são de concreto e me pergunto por que raios há um conjunto de túneis debaixo do Misfit. Deixo Serena tomar a frente e ela segue caminhando por um curto período até que começo a ouvir vozes de outras pessoas ecoando a nossa volta.

Na primeira curva, a passagem se ilumina e seguimos em direção à luz, “a luz no fim do túnel”, afinal. Meia dúzia de lanternas ilumina o centro da sala, umas sobrepostas às outras. Formam uma espécie de “fogueira”, acabando com a escuridão e revelando o rosto de cada pessoa presente. Identifico Henri. Ele está sozinho e se apoia na lateral da parede; seu semblante se ilumina quando me vê, mas percebo uma hesitação. Diego sai de onde está e vem me cumprimentar. Procuro o restante das pessoas e encontro mais uma campista, a adolescente tímida que andava com Serena e com quem nunca troquei uma palavra. Ela me encara com a expressão sonolenta.

Serena vai até o meio e coloca a lanterna junto com as outras.

— Podemos dar início à reunião? — pergunta ela.

Conforme ela se aproxima da luz, sombras se projetam por todo o ambiente. Não consigo deixar de pensar no que se esconde nas sombras de cada um daqueles campistas. Um pouco desconfortável, me aproximo de Henri. Por seu olhar animado, me pergunto se a ideia de me introduzir na reunião foi dele.

— Vocês são o Fantasma? — pergunto em voz alta e os túneis fazem com que a pergunta ecoe mais um pouco, mesmo depois que fecho a boca.

Serena tenta responder, mas é interrompida por Diego.

— Não — afirma ele, encarando Serena com olhar de reprovação. — Nós o apoiamos, mas não sabemos o motivo de ele estar fazendo esse caos no acampamento.

— O que precisa saber é que te convocamos porque você descobriu coisas demais para ficar de fora — corta Serena, mas recebe olhar de desaprovação de Henrique. — Também te escolhemos por acharmos que você merece saber das coisas que descobrimos sobre o acampamento.

Sinto um calafrio ao ouvir a última parte. Então, realmente há alguma coisa por trás da imagem de “paraíso perfeito”.

— Como te expliquei, descobrimos os túneis por acaso alguns meses atrás e é através deles que andamos pelo Misfit depois do toque de recolher. — A garota mantém a expressão séria. — Mas temos que tomar cuidado. Não somos os únicos a usá-los.

— Outros campistas? — indago, confuso.

— Não — nega Diego. — Dias atrás, Lorena vinha a nosso encontro quando se deparou com alguém metros a sua frente.

Demoro um pouco para perceber que Lorena é uma das amigas de Serena. A garota magricela e de cabelos ruivos que até então estava quieta passa a explicar o que viu.

— E-eu havia acabado de entrar pela escotilha e descer pela escada. Quando comecei a caminhar pelos túneis, percebi que não estava sozinha — conta, meio tímida. — Estava escuro e graças a Deus eu não trazia a lanterna comigo, senão seria descoberta, mas eu podia jurar que a pessoa que estava ali era o coordenador do acampamento.

— O pai de Alma? — Penso na fotografia em cima da mesa de Suzana, a imagem de Álvaro com os braços ao redor da filha. — O que ele estava fazendo aqui? — Lorena recua, sem saber o que responder.

— Ninguém sabe — diz Henri, em tom mais baixo do que os outros por estar ao meu lado.

— Será que não estava apenas descobrindo o lugar, como vocês?

— Ele carregava pastas, Dimitri — afirma Lorena, sem jeito. — Eu voltei correndo para a entrada do túnel e fui para o dormitório. Mas voltei ao ponto em que o encontrei no outro dia e acabei encontrando uma sala.

— E o que tinha na sala? — pergunto, espantado.

— Não sabemos — explica Serena. — Está trancada e não podemos arrombá-la ou o coordenador saberá que alguém entrou lá.

—

Ficamos em silêncio e penso no que acabei de descobrir. Só o que ouço é o som da respiração pesada de Henrique perto de mim e o gotejar de água caindo em algum lugar dos túneis.

— É por isso que dissemos a você aquele dia que não podemos confiar na coordenação — finaliza Diego. Observo a maneira como o garoto alto e robusto se comunica. Vejo que está dizendo a verdade e que confia em mim o suficiente para me informar tudo o que seu grupo descobriu, mas, ao mesmo tempo que estou digerindo as coisas, me pergunto se não estão passando dos limites e procurando defeitos onde não há nada de errado. É difícil saber em quem confiar quando sei que estou cercado de pessoas que têm motivos para serem colocadas no acampamento.

— E o que vocês vêm fazendo desde que se reuniram? — Não sei por que, mas temo um pouco a resposta.

— Nós investigamos — responde Diego de modo paciente.

— E planejamos maneiras de ajudar o Fantasma a provocar os coordenadores — complementa Serena, levando as mãos à cintura como se estivesse orgulhosa de contar aquilo.

Henrique revira os olhos.

— Sabe a pegadinha dos vodus? — pergunta Serena, carregando um sorriso malicioso no rosto. — Bom, fomos nós!

— Aquilo foi... pesado. — É o que sai de meus lábios.

Eu me lembro do boneco vodu que deveria representar Alma e cerro os punhos. Fico com um pouco de raiva por descobrir quem foram os autores daquela pegadinha e preciso de um tempo para saber o que penso sobre isso. Minha respiração começa a pesar e os pensamentos se aceleram; por um momento, temo estar perto de surtar, mas me acalmo quando sinto a mão de Henri pousar em meus ombros. Eu o encaro e me pergunto, se ele sabe que esse ato me ajuda a desestressar, ele sorri de volta e balança a cabeça negativamente, como se explicasse que não concorda com a maneira como os outros agiram. Sinto o corpo relaxar.

— Preciso de ar — digo a Henrique.

Ele assente e diz que me acompanhará até o dormitório, mas, no momento em que pegamos uma das lanternas no centro do ambiente, ouvimos a escotilha se abrir. O grupo inteiro troca olhares desesperados com a surpresa.

— Apaguem as lanternas — sussurra Serena, tentando manter a calma. — Precisamos nos esconder.

Faço o que ela pede e desligo a luz. Estremeço. Não conheço os túneis como o restante do grupo e sei que, se me perder, as chances de esbarrar com a pessoa que acabou de entrar pela escotilha são grandes. Passo a tatear as paredes à

procura de algum canto em que seja possível me enfiar, mas a busca não traz resultados. O som de meu coração batendo acelerado parece tão alto quanto o barulho do sapato de quem escorrega entre os degraus de metal da escada.

— Segure a minha mão. — Ouço Henrique sussurrar em meu ouvido, sem conseguir enxergar. — Conheço uma saída que nos levará para perto do lago. Hesito, mas decido confiar nele e tateio seu corpo à procura de sua mão. No momento em que finalmente a encontro, ele entrelaça os dedos nos meus, juntando nossas palmas com força. Enrubesco. Agradeço mentalmente por estar tão escuro, porque provavelmente me sentiria desconfortável em olhar para ele enquanto nossas mãos estão unidas. Henrique não diz mais nada e não percebo nenhum sinal de incômodo. Resolvo deixar o desconforto de lado, afinal, ele está apenas me ajudando a sair do túnel sem arrumar problemas. Meu colega de quarto anda sorrrateiramente, puxando minha mão e me guiando na escuridão. Ouço os outros caminhando atrás de nós, mas não faço ideia de se deixamos alguém para trás.

Andamos cerca de dez minutos até chegarmos à saída alternativa que Henrique disse conhecer. O ar parece ficar cada vez mais gélido e o solo abaixo de nós, um pouco lamacento. Apesar de estar muito tenso, não ouço mais barulhos da pessoa que havia entrado pela escotilha. A caminhada até ali me fez ter noção da extensão dos túneis e também me deixou curioso para saber mais sobre eles.

— Espero que todos aqui saibam nadar — diz Henrique, destrancando as fechaduras do lado de dentro da segunda escotilha. — Essa saída leva direto para baixo do píer.

Quando meu colega de quarto abre a portinhola, litros e litros de água instantaneamente invadem o túnel. Henrique grita para irmos em direção à porta e eu congelo. Diego e Serena passam correndo ao meu lado e somem pela saída; ouço o som de seus corpos indo de encontro à água do lago. Henri me encara assustado e sem entender o motivo de eu não ter saído com os outros. Ele ainda mantém a porta aberta, e sei que, se continuar desse jeito, os túneis ficarão cheios d'água.

— Não sei nadar — digo alto o suficiente para que ele consiga ouvir.

— Eu sou o próximo, não se preocupe — diz ele, decidido. — Não deixarei que nada aconteça a você.

Respiro fundo, reunindo coragem, e corro porta afora.

Caio na água gelada. O mundo novamente escurece e meu corpo flutua no vazio, mexo meus membros tentando voltar à superfície, mas sei que é inútil, nunca tive uma relação muito boa com a água. Apenas relaxo e me permito abrir os olhos dentro do lago. Durante um segundo, não vejo nada, em outro, percebo o corpo de Henrique imergir alguns metros atrás de mim. No primeiro momento,

ele mergulha de maneira desesperada, mas mantendo a mesma graciosidade que sempre teve em seus movimentos. Sua expressão se suaviza quando seu olhar cruza com o meu. Ainda prendendo a respiração, aceno para ele, formando algumas bolhas de ar ao balançar a mão. Mal termino de acenar e Henrique já está nadando à minha volta, emanando energia com sua presença. Ele aponta para a parte inferior de seu corpo e sinaliza para que eu me movimente do mesmo jeito que ele, batendo as pernas e abrindo os braços. Faço o que ele ensina e, para minha surpresa, começo a ir em direção à superfície. Henrique sorri e acabo sorrindo também, pois estou feliz de ele ter me ensinado a emergir em vez de simplesmente me carregar para cima. Porém, antes de subir totalmente e sair da água, noto algo estranho acontecendo dentro de mim. Não sei dizer se a sensação é efeito da falta de ar, mas sinto um frio na barriga, como se milhares de borboletas estivessem voando em seu interior.

Dou de ombros e subo até a superfície, ignorando o sentimento.

Fora d'água, respiro fundo e encho os pulmões de ar.

As borboletas continuam batendo as asas.



— Demo, tem alguma coisa acontecendo com você?

Alma passou o dia fazendo essa pergunta, desde que pisei na sala de aula até o momento em que a acompanhei até a estufa para ajudá-la a cuidar das flores.

— Já falei que está tudo bem. — Tento parecer convincente.

— É só que... — Ela começa hesitante. — Você está meio aéreo e com cara de quem precisa de mais algumas horas de sono. — Alma comprime os lábios, preocupada.

Procuro meu reflexo nos vidros da estufa e concluo que ela tem razão, estou um lixo. Meus olhos parecem menores que de costume e tenho olheiras gigantes, o que piora a situação.

A verdade é que mal dormi depois dos acontecimentos nos túneis. Além de ter que digerir toda a informação que os amigos de Henrique me contaram, fiquei preocupado por só ter visto Serena e Diego saindo pela escotilha. O alívio veio quando esbarrei com Lorena durante o café da manhã. Agradei mentalmente por tudo ter acabado bem, mas confesso que fiquei curioso para ouvir sobre como ela havia escapado. Teria de perguntar para Henrique depois, *bem depois*, porque, falando nele, eu o evitava desde o episódio no lago. Eu me lembro de sua mão se entrelaçando à minha com as lanternas apagadas e de um arrepio subir por minha espinha. Não sei se quero voltar a sentir o que senti debaixo d'água. Pensar nisso me amedronta.

— Você está lidando bem com as coisas por aqui? — Alma me afasta de meus

pensamentos.

— Sim — confirmo cabisbaixo, enquanto ela rega umas flores amarelas.

— Sabe, Demo, já vi muitas pessoas falhando em suas jornadas no acampamento, porque não aceitam a ajuda que é dada e se perdem mais do que já estavam perdidas antes de chegarem, então, fico feliz de você estar se encontrando. — Ela sorri.

— Eu também.

É difícil para quem está no processo de mudança perceber que está realmente melhorando e entender a pessoa que é, então, não consigo deixar de ficar feliz com o comentário. Mesmo que não seja verdade, é bom ter alguém que acredita em meu potencial e enxerga os resquícios de luz dentro de mim.

— Como você ainda não enlouqueceu se está sempre cercada de adolescentes rebeldes? — pergunto em tom de brincadeira, mas nós dois sabemos o que quero dizer.

Ela ri.

— Sabia que me sinto mais normal aqui dentro do que em qualquer outro lugar do mundo? — responde. — Não acho que as pessoas sejam ruins, só fizeram escolhas ruins quando estavam sob pressão.

— Então, você acha que o mundo é feito de pessoas boas? Mesmo as que cometeram crimes merecem um espaço no céu?

— Não. Quero dizer, estou falando sobre os adolescentes que chegam ao acampamento. São pessoas que foram mal entendidas de alguma maneira — explica Alma. — Mal interpretadas, mal ouvidas, mal educadas e mal julgadas — acrescenta. — Sei que é meio ingênuo, mas faz sentido para mim.

— É bonito. — Sorrio para ela. — Eu admiro esse seu jeito de ver o mundo.

— Acredito que todo mundo deveria ter uma chance.

Caminho até Alma e surpreendo a nós dois envolvendo-a em um abraço. Mesmo não sendo muito fã dessas coisas, senti que deveria abraçá-la depois de ela abrir o coração e me explicar sobre sua visão de mundo.

— Já se apaixonou alguma vez na vida? — Não sei por que pergunto, mas, quando vejo, a frase já saiu de meus lábios. — Prometo que é a última coisa que pergunto.

Vejo a pele negra de Alma enrubescer e percebo que questioná-la sobre paixão enquanto a abraçava pode tê-la feito pensar que eu estava mandando um tipo de indireta. Então, me afasto e dou uma risada.

— Aliás, é só uma pergunta normal, não quer dizer... você sabe... — tento me explicar.

Apesar de ainda estar um pouco vermelha, ela também começa a rir.

— Calma, Demo, eu entendi! — Ela esconde o sorriso com a mão. — Mas não,

nunca me apaixonei — confessa. — Acho que é como nos livros, sabe?!
Franzo o cenho, um pouco confuso, mas sei o que ela está tentando me dizer.

— Sabe quando o Gus vê a Hazel pela primeira vez no grupo de ajuda a pacientes com câncer e os dois automaticamente se sentem conectados sem nunca terem se visto antes? — pergunta Alma, fazendo referência aos personagens de *A culpa é das estrelas*, de John Green.

— Sei — confirmo, assisti à adaptação desse livro na locadora milhares de vezes no ano em que o filme foi lançado. — E esse primeiro contato já é o suficiente para que ela aceite visitar a casa dele, mesmo sabendo que ele pode ser um tipo de psicopata.

— SIM! — Ela se anima. — Acho que se apaixonar deve ser semelhante a isso, saltar no escuro sem saber onde vai cair, confiando na intuição e no que a pessoa te faz sentir.

— Cara, nós somos profundos — brinco.

— Total!

Volto a ajudar Alma a cuidar das flores, as rego e adubo da maneira que ela me ensinou.

Logo terminamos os afazeres no lugar e passamos a andar pelo acampamento. A caminho de nossos alojamentos, perto da margem do lago, avistamos Henri sentado no píer. Ele não está na água, resolveu apenas ficar observando os outros campistas nadarem. Alma acena para ele, que retribui. Mantenho as mãos coladas ao meu corpo.

— Por que você está fora do lago? — pergunta Alma quando nos aproximamos.

— Acho que estou ficando resfriado — responde ele, a voz um pouco rouca. Se não soubesse o que tinha acontecido na noite passada, eu provavelmente acabaria acreditando naquela mentira.

— Se precisar de analgésicos, procure minha mãe — avisa a garota, enquanto coloca as mãos no bolso da calça e pega o celular que, provavelmente, vibrava.

— Falando nela, acabou de me mandar uma mensagem dizendo que quer me encontrar neste exato momento — explica. — Henri, queria conseguir conversar mais com você, sempre somos interrompidos.

Meu colega de quarto ri e assente, mas parece pensativo.

— Então, Demo e eu estamos querendo ir até a praia no fim de semana. Quer nos acompanhar e me atualizar sobre o que anda acontecendo na sua vida? — propõe ele, coçando a cabeça com uma das mãos.

— O quê? — questiono, confuso com o que acabo de ouvir.

Quando é que havíamos discutido sobre ir até a praia? Sinto uma tensão entre nós, mas torço para que seja apenas coisa da minha cabeça. Apesar de parecer meio maluco e instintivo, passar um tempo com Henrique e Alma longe dos

outros campistas pode ser uma boa ideia para tentar entender o que está acontecendo entre nós.

Alma olha para mim e, apesar de parecer analisar minha expressão mais do que o necessário, acaba aceitando o convite.

— Vou ver se consigo autorização com a minha mãe.

Henrique se espanta.

— Você não pode contar para ela, teríamos que ir escondido!

Alma começa a gargalhar.

— Eu sei, bobo. Eu estava brincando — explica, piscando um dos olhos. — A parte legal de morar a vida toda aqui é que conheço bem o lugar e sei como sair escondido.

Fito o rosto de Henrique e nossos olhares se encontram; sei que ele está pensando a mesma coisa que eu. Chegava a ser até um pouco irônico ouvi-la dizer aquilo depois que descobri sobre os túneis que se escondiam por debaixo de todo o Misfit.

Ela se despede com um abraço e me deixa a sós com Henrique. Não sei se a tensão que sinto é real ou imaginária, mas estar ao lado dele já não é mais como antes.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu ontem! — diz ele, finalmente.

Meu coração dispara e posso senti-lo pulsar por cada canto do meu corpo.

— Alma sabe dos túneis — afirma em voz baixa, convicto do que está dizendo. Levo alguns segundos para entender sobre o que ele está falando e percebo que não estava se referindo ao contato de nossas mãos. Fico aliviado e ao mesmo tempo meio frustrado.

— Claro que não sabe — retruco. — Ela me contaria.

— Será?

Não sei o que responder. Sei que confio em Alma, e não acredito que saiba da existência dos túneis, mas também confio em Henrique, e sei que ela está envolvida na organização do lugar, que esconde algo de seus campistas.

— Ontem, ouvimos alguém descer pela escotilha, certo?! — começa Henri. —

Quando fugimos, a única pessoa que não veio junto foi a Lorena, então, fui procurá-la hoje de manhã em seu dormitório e descobri que, em vez de fugir, ela ficou escondida nas sombras até conseguir ver quem havia entrado nos túneis.

— E quem era? — pergunto com medo da resposta.

— *Alma.*



CAPÍTULO SETE



Pegue minha mão

Tome minha vida inteira também,

Porque eu não consigo evitar

Me apaixonar por você

”Cant Help Falling in Love”, Elvis Presley^[9]

A brisa gélida que vem do mar sopra os fios do meu cabelo e faz com que os pelos do meu braço se arrepiem. Apesar de não estar com tanto frio, fecho o zíper do casaco e respiro fundo, aproveitando a maresia.

Quando eu era criança, não gostava muito de ir à praia. Eu me lembro das inúmeras vezes que meus pais desceram a serra comigo só para ficarmos dentro de casa, porque eu me negava a chegar perto do mar. Naquela época, eu acreditava que a qualquer momento uma onda gigante se formaria, carregando consigo tudo e todos com quem me importava. O medo foi substituído pela curiosidade, a ânsia de saber o que se escondia dentro de todo aquele azul. O oceano era tão gigante e misterioso que me fascinava. As coisas que me fascinam também me amedrontam.

— O que você tem aí na mochila? — pergunta Alma para Henri, enquanto vamos em direção à areia.

— Resumidamente, tudo o que nos deram para comer no jantar durante os últimos dias — responde meu amigo. Alma o olha intrigada. — Algumas frutas, barras de cereal e pacotes de bolacha roubados de outros campistas desatentos.

— Um piquenique e tanto! — ironizo. Fazer um piquenique na praia havia sido ideia de Henrique, então, ele tinha se encarregado de recolher os alimentos para que pudéssemos fazer o que planejávamos.

— Poderia ser pior. — Ele dá de ombros. — Poderíamos ter um piquenique sem comida.

Rimos.

Chegar à praia não foi tão difícil. Na verdade, foi até mais fácil do que eu esperava. No momento em que passamos pela lateral do acampamento e entramos na trilha da floresta que nos levaria até a orla, nos deparamos com os seguranças, cujo trabalho é manter os campistas dentro do Misfit. Então, Henri e eu nos esgueiramos por trás dos homens, enquanto Alma foi até eles a fim de distraí-los com a ideia de que estava ali a mando dos pais.

Alma chegou de mansinho, arrastando as sandálias na trilha de barro, sujando as beiradas do vestido marrom toda vez que dava alguns passos. Um dos

seguranças, provavelmente uns dez anos mais velho que ela, teve o semblante iluminado quando a avistou chegar e perguntou o que a trazia até aquela parte do acampamento. Alma arriscou, dizendo que a mãe havia perguntado se os seguranças tinham visto alguma coisa incomum durante as últimas noites em seus turnos, e eles balançaram a cabeça, negativamente. Enquanto Alma mentia, Henrique sorria ao meu lado, escondido entre os troncos das árvores.

— Ela é uma boa mentirosa — comenta.

Levanto uma das sobrancelhas e o encaro, interpretando a frase como uma acusação.

— Que foi? — pergunta baixinho. — Comentei isso muito cedo?

Reviro os olhos. Alma termina de conversar com os seguranças e diz que precisa ir até o final da trilha para verificar se consegue identificar alguma irregularidade. Os guardas se entreolham e, apesar de Alma não transparecer, sabem que ela está meio tensa.

— Tudo bem, pode ir — diz um deles, afinal.

Alma agradece e passa por debaixo da cancela que separa a trilha do restante do Misfit. Henrique e eu voltamos a andar por dentro da mata, camuflados pelas inúmeras árvores e moitas que cobrem o lugar.

Alguns metros depois, Alma se junta a nós e voltamos a caminhar juntos.

— Você é boa! — elogia Henrique, sorrindo para ela.

— Obrigada, você deveria andar mais comigo — agradece ela, dando uma piscadela e retribuindo o sorriso. — Posso te ensinar algumas coisas.

A maré está alta e não nos aproximamos demais da água. Vamos a um rochedo a alguns metros do mar, que nos proporciona a visão do oceano e de boa parte da praia, totalmente deserta.

— Em que parte do país estamos? — pergunto. Até então, não havia tocado nesse assunto com nenhum de meus amigos.

Henrique senta na rocha e ajeita o corpo, deixando os pés ao ar livre na ponta da pedra.

— Parte do país? — repete, franzindo as sobrancelhas. — Estamos em São Paulo, Demo.

Olho para Alma, esperando confirmação, mas ela não diz nada.

— Por que acha isso?

— Quando vim do Rio de Janeiro até aqui, não me trouxeram de avião nem demorou muito também — comenta Henri. — E você é de São Paulo, não é? Faço que sim com a cabeça.

— Já percebeu que a maioria dos campistas e dos coordenadores tem sotaque paulista? — pergunta.

Eu realmente não tinha notado aquele detalhe. Acho que por estar acostumado

com o sotaque da minha região, não lembrei que, se estivesse em um estado diferente, o jeito de falar também mudaria.

— Meu palpite é que estamos no litoral norte de São Paulo — arrisca Alma, finalmente falando alguma coisa. — A água é quase clara e não é tão quente quanto no resto do país, tem quase o mesmo clima da capital. — A garota falava com pausas, como se nunca tivesse dito aquilo em voz alta.

— Seu celular não tem gps? — dispara Henrique, eufórico e desconfiado.

Alma hesita, levando uma das mãos ao bolso onde estava o celular.

— Sim — responde, abaixando o olhar. — Mas está desativado... — Pausa. — Eu poderia ativar, se quisesse, mas nunca senti necessidade.

— Você passou todos esses anos aqui e não quer saber onde está exatamente? — pergunto. É meio surreal ouvir isso.

A garota desliza a mão pelo cabelo e respira fundo.

— Se eu soubesse, teria a ideia de querer descobrir o mundo lá fora, e não posso fazer isso — explica. — Por que sentir vontade de algo que sei que não poderia ter?

Ficamos os três em silêncio, apenas ouvindo o som das ondas quebrando abaixo de nós, batendo contra as paredes da rocha.

— Alguém está com fome? — Henrique acaba com o clima tenso que havia se instalado tirando um pacote de bolachas recheadas de dentro da mochila e nos entregando. — A conversa ficou dramática do nada — brinca.

Alma sorri de lado, pegando uma bolacha e a levando aos lábios.

— Claro que ficou dramática, tipo, somos nós, campistas de um acampamento para desajustados — ironizo.

Comemos algumas coisas que Henrique havia levado, nada que pudesse realmente nos alimentar, mas também não nos deixaria passar fome durante o tempo em que ficaríamos na praia. Quando ficamos satisfeitos, Alma sugere descermos até a areia e entrarmos na água, o que anima Henrique, fazendo-o aceitar a proposta na mesma hora.

— Acho que vou ficar apenas olhando. — Tento me manter fora da brincadeira, está um pouco frio demais para me molhar. Meus amigos me encaram com olhar de julgamento, mas dão de ombros. Sei que não me obrigariam a fazer algo que eu não quisesse.

Eu os acompanho até o fim da praia, onde as ondinhas se desenrolam e umedecem a areia. Lá, Henrique e Alma tiram as roupas e eu aproveito para tirar os sapatos.

Eu me surpreendo ao ver que, debaixo do vestido rodado, Alma veste um maiô levemente decotado e vermelho, com estampa de bolinhas pretas que lembram uma joaninha. A cor do maiô contrasta perfeitamente com sua pele, deixando-a

mais bonita do que nunca. Apesar de mostrar boa parte do corpo, ela curiosamente não parece estar envergonhada, e sim bem confortável com a presença de dois garotos ao seu lado.

Henrique também a observa, surpreso com a escolha da vestimenta. Ele tira a camisa e fica de sunga, como de costume. Eu me pergunto se ele sempre usa roupas para nadar ou se às vezes veste cueca por baixo das calças. Aquele pensamento faz todos os pelos de meu corpo arrepiarem, então, afasto os olhos de Henrique na tentativa de que ele não perceba que estou envergonhado.

— Está todo arrepiado, Demo — diz Henrique, chamando minha atenção. — Se estiver com frio, pode vestir minha camiseta. — Sorri.

— O-obrigado — respondo, sem jeito.

— Por Deus, Dimitri, você não sabe disfarçar mesmo, não é?! — diz ela baixinho, perto de mim. Então, se vira para Henrique e pergunta: — Vamos entrar?

Eles estão nadando há cerca de vinte minutos e eu os observo se divertirem ao longe, dando risadas cada vez que uma onda grande vem e os dois são engolidos por ela. Entre uma e outra braçada, eles conversam e acenam para mim. Não consigo deixar de sentir curiosidade.

Aos poucos, molho os pés e sinto o líquido frio em contato com meus calcanhares. Fecho os olhos e me permito desejar ir até eles. Senti aquela sensação muitas vezes depois que voltei do hospital pela primeira vez. Era familiar observar certas coisas à distância e me privar de determinados sentimentos com medo das consequências, me preocupando com o bem-estar do meu pai e dos meus amigos e esquecendo por completo o que a falta daquelas experiências me faria. Tenho uma teoria de que cada um de nós está dentro de sua própria bolha, sobrevoando e observando o mundo através das finas camadas de sabão, como paredes criadas por nós mesmos para nos proteger do desconhecido. No entanto, conforme crescemos, a bolha fica cada vez mais apertada e nos falta espaço, conforto e ar. Em busca de libertação, estouramos as bolhas e em queda livre chegamos à realidade, sem jamais conseguirmos voltar. Afinal, uma vez que você estoura uma bolha, ela deixa de existir. O mesmo acontece com os limites que colocam para você.

No momento em que me dou conta, tiro a camiseta e a água está na altura de meus joelhos, molhando totalmente minha calça. O medo de entrar no oceano permanece, mas não é maior que a vontade de estar perto de meus amigos. Vou mais fundo.

Alma e Dimitri me encaram surpresos e acompanham com os olhos meu trajeto até eles.

— Mudou de ideia, é? — pergunta Alma, vindo até mim e me abraçando. — A

água está gelada, mas logo se acostuma. — Ela tenta me tranquilizar ao ver meu corpo tremer. — Henri disse que você não sabe nadar.

— Ele me ensinou algumas coisas, mas não sou tão bom quanto ele — afirmo com dificuldade, os lábios tremendo.

— Segura minha mão e não solta, tudo ficará bem — propõe a garota, juntando nossas mãos debaixo da água.

Sorrio para ela em gratidão.

Henrique flutua ao nosso lado e balança com o movimento das ondas, mexendo os braços para se manter na superfície. Sinto a mão quente de Alma contra a minha no ambiente gelado e meu peito pesa ao ver Henrique sozinho do outro lado.

Sem pensar muito, estendo a mão livre para meu amigo e ele a agarra.

— No três... — Coloco-me em posição de mergulho.

Juntos fazemos a contagem regressiva e nos jogamos de cabeça para dentro do oceano.

A água congela meu rosto e sinto todo o corpo acordar, como energia que corre pelas entranhas de um robô há muito tempo desligado. Mesmo com os olhos semicerrados, sou capaz de ver meus amigos ao meu lado, entre as milhares de bolhas de ar que se formam ao nosso redor.

Com um pouco de dificuldade, abro totalmente os olhos e os vejo: Alma e Henrique juntaram as mãos, nos ligando e formando um círculo.

A pressão se choca contra meus ouvidos, mas não me incomoda tanto. É interessante ver o mundo por aquele ângulo. Nada acima de nós parece existir ou sequer importar. Submerso, tudo é quieto e pacífico, posso jurar que até o tempo passa mais devagar quando estamos lá, em câmera lenta, como se estivéssemos em nosso próprio universo ou *em nossa própria bolha*.

Henrique está sorrindo e seus olhos verdes estão mais claros do que nunca, enquanto os cachos de Alma se desprendem e dançam ao seu redor, como se possuíssem vida. Por um segundo, penso em minha mãe e a imagino nadando conosco. Em minha cabeça, eu a vejo usando um grande vestido branco, os olhos se fundindo com o oceano de tão azuis, sua imagem reluz com os raios de sol que atravessam a superfície e o pensamento desaparece.

Alma e Henri me puxam para cima e emergimos em busca de ar. Mesmo sem fôlego, acho que nunca me senti tão bem quanto lá embaixo.

Está começando a escurecer quando voltamos para a areia, então, Henrique decide fazer uma fogueira com os galhos que catou nas redondezas. Alma está um pouco relutante, com medo de que vejam a fumaça e nos encontrem. Não me importo muito. A verdade é que mal me lembro que ainda estamos no acampamento. Aliás, estávamos no Misfit para melhorar, não era?! Agora, me

sentia melhor do que em qualquer outro momento da minha vida, não poderiam me castigar por algo que faz com que me sinta tão bem.

Visto a camiseta. Ela está seca, mas minha calça continua molhada, é impossível que o frio não me alcance. Vou até a fogueira e sento perto dela, tentando me esquentar. Alma e Henrique se aproximam e se acomodam cada um de um lado. Ela encosta a cabeça em meu ombro e descansa com os olhos fechados. Vejo as mãos de Henri se movendo disfarçadamente em direção à minha e finjo não perceber quando seus dedos entram em contato com a parte de cima de minha mão. O frio vai embora e as borboletas estão de volta.

— Alma? — Henri corta o silêncio e chama a atenção da amiga, que abre os olhos e responde ao chamado. Tenho certeza de que ela consegue ver a mão de Henrique em cima da minha, mas não demonstra estranhamento.

— Sim?

— Posso te perguntar uma coisa que talvez pareça meio estranha? — pergunta ele. Pela maneira que fala, percebo que repassou aquelas palavras mentalmente milhares de vezes antes de realmente dizê-las.

— Acho que pode — responde insegura e desconfiada.

Sinto o estômago revirar, porque tenho ideia do que está por vir.

Puxo a mão.

— Você disse conhecer bem o acampamento... — começa, tomando cuidado. — Costuma andar por ele durante a madrugada?

A garota demora a responder, franzindo as sobrancelhas e recolhendo o corpo.

— Não... — afirma ela, abaixando o tom da voz. — Durmo cedo.

Henri respira fundo e expira.

— Estou perguntando porque uma amiga minha disse que a viu andando por aí depois do toque de recolher em lugares um pouco perigosos e... — Pausou.

Pronto, uma vez dito, não há como voltar atrás. — E eu estava me perguntando se o que ela viu era realmente verdade.

— Andar pelo acampamento durante a madrugada é proibido — ela dispara, fugindo da pergunta.

— Estar aqui na praia também é proibido, mesmo assim, estamos aqui — rebate Henrique, firme, deixando-a sem saída. — Você estava nos túneis?

Aperto os olhos, tentando me acalmar e não me intrometer na conversa, apesar de estar cem por cento envolvido. Sinto o coração bater mais rápido enquanto Alma demora a responder. Quero que ela negue, que não faça ideia do que ele está falando e que tudo aquilo não passe de uma mentira.

— Estava — murmura de cabeça baixa.

O céu está escuro e a luz que chega até nós vem da fogueira no centro. As chamas bruxuleiam e iluminam parte do rosto de Alma, refletindo a cor laranja

em seus olhos marejados.

Eu me pergunto se ela já conhecia os túneis, se sabe suas origens ou se tem ideia do que está atrás da porta trancada lá embaixo. Tudo parece meio confuso agora que sei que Lorena não estava mentindo e que foi realmente Alma quem ouvimos descer pela escotilha à noite.

Eu defendi Alma com unhas e dentes quando Serena e Diego tentaram me alertar sobre ela, jamais passaria por minha cabeça que não estivesse sendo sincera comigo. Tento não criar teorias, mas me sinto extremamente bobo ao pensar que a aproximação de Alma nos primeiros dias possa ter sido algo planejado, friamente calculado pelos coordenadores para um objetivo final que eu ainda não entendo.

— Por que não me contou antes? — Abro a boca pela primeira vez desde que havíamos sentado.

Alma funga e tenta secar com os dedos as lágrimas que brotam, mas eles estão cheios de areia e ela acaba secando no tecido de seu vestido.

— Eu não sabia como, Dimitri! — ela se justifica. Não digo nada, dou o tempo para ela se recompor e dizer o que tem para falar. — Mas não fazia a menor ideia de que havia túneis debaixo do Misfit — explica.

Parece genuíno, mas as palavras que Henrique disse mais cedo ressoam em minha cabeça.

“Ela é uma boa mentirosa.”

— E o que estava fazendo lá? — continuo.

— Seguindo você — assume.

Suas palavras confundem não só a mim, mas também ao Henrique. Ficamos sem saber como reagir à revelação.

— Me preparava para dormir quando o vi de relance passando por minha janela — conta. — Já era tarde e o toque de recolher havia sido dado, então, estranhei quando você passou.

Alma respira fundo e se coloca em pé, virada para o mar.

— Aí, saí escondida do quarto e o segui, mantendo distância. — Sua voz está trêmula. — Não te chamei porque não sabia o que você faria, fiquei com medo de você tentar fazer alguma coisa contra você mesmo. — Ela vira o rosto para mim e me encara. — Sabe, alguma besteira.

Abaixo a cabeça e encaro a areia.

— Fui atrás de você até o momento em que o vi sumir pela escotilha, então, esperei algum tempo para me certificar de que não havia mais ninguém ali e entrei também.

Fico aliviado ao ouvir o lado de Alma sobre o acontecimento que ambos havíamos vivenciado. Sabia que ela podia estar mentindo, mas minha intuição

dizia que contava a verdade e eu queria com todas as forças que não estivesse apenas me enrolando. Henrique relaxa os ombros e se deixa cair de costas na areia, sei que também acreditou nas palavras de Alma.

Levanto com calma, vou até minha amiga e a abraço.

— Desculpe por duvidar de você. — Sinto sua pele fria encostando na minha. — Mesmo que por um segundo.

— Tudo bem, eu deveria ter contado antes.

Sinto Henrique chegar por trás e se juntar ao abraço, nos esquentando. Quando faz isso, Alma estremece um pouco. Tenho medo de que a discussão tenha quebrado alguma coisa na nossa amizade.

— Também preciso pedir desculpas! — diz ele, arrependido.

Alma dá um sorriso amarelo e assente.

— Estamos bem — comenta, mas se desvencilha do abraço. — Meninos, preciso subir para o acampamento antes que os seguranças estranhem tanta demora e venham me procurar. — Apesar de termos descoberto o que Alma fazia nos túneis e termos nos entendido, acho que ela ainda precisa de um tempo sozinha para pensar sobre as coisas. — Vocês sobem comigo?

Henrique e eu nos entreolhamos, precisamos conversar a sós sobre o que tinha acabado de acontecer.

— Agora, não — digo. — Com o céu escuro, é fácil nos escondermos na trilha, acho que não teremos problemas.

Alma dá outro sorriso amarelo.

— Então, boa sorte! — Pega as sandálias na areia e as calça. — Obrigada pelo convite, adorei passar o dia com vocês!

— Também adoramos — Henrique e eu respondemos em coro enquanto observamos Alma caminhar e ir ficando cada vez menor, sumindo na entrada da trilha.

Olho para cima e percebo como a lua está grande, tão amarela e cheia que até parece feita de queijo. Fazia tempo que eu não olhava para um céu tão limpo. Com o campo de visão livre por conta do mar, consigo contar cada uma das estrelas sem dificuldade alguma.

— Conversa difícil, não é?! — Passo as mãos pelo cabelo.

— Nem me fale — confessa Henrique. — Me senti bem mal depois de descobrir que ela estava apenas seguindo você.

— Eu também.

Meu colega de quarto arrasta os pés e joga um pouco de areia nos meus de propósito. Eu o encaro e reviro os olhos.

— Então, perdeu o medo da água, é?!

— Acho que sim — respondo, sem muita certeza. — Mas por enquanto vou me

limitar a entrar somente quando estiver com outras pessoas. — Pauso. — Especialmente com Alma e você. — Fico corado.

Por um momento, me sinto envergonhado por estar com o rosto vermelho, mas, quando o encaro, vejo que ele também está.

Contenho um sorriso.

— Seu cabelo está desaparecendo.

Demoro um tempo até entender que ele está falando sobre a cor. Eu quase nem lembrava que havia tingido o cabelo pouco antes de chegar ao acampamento.

— Está, mesmo? — pergunto curioso.

— Sim — afirma, chegando perto de mim e olhando os fios do meu cabelo de perto. — Boa parte da raiz está preta, enquanto o azul desbotou completamente.

— Henrique bagunça meu cabelo com a mão e sinto como se fosse derreter com seu toque.

— É porque estou melhorando psicologicamente, então, ele está voltando ao natural — brinco.

Ele me fita com as sobrancelhas erguidas e o rosto inclinado e solta uma gargalhada.

— Por que pintou? — questiona, ainda rindo.

— Estava cansado de olhar no espelho e ver a mesma pessoa todos os dias — respondo, sem muito sentimentalismo. Não estava muito a fim de estragar o momento revelando para ele a história de como havia parado no Misfit.

— Também já me senti assim.

— É, acho que todos já nos sentimos.

Com o cair da noite, os grilos saem de seus esconderijos e passam a cantarolar, contrastando com o vibrar das árvores e o quebrar das ondas.

Está ficando tarde, mas não quero voltar para o acampamento, e peço mentalmente para que Henrique também não queira, já que não faz o menor sentido ficar aqui sem ele. Eu me censuro por meus pensamentos. Não posso continuar assim. Ou será que posso?

— No que está pensando? — pergunta ele, provavelmente observando minha expressão.

— Em casa — minto, tentando parecer realista. — Fico me perguntando o que estão fazendo agora que estou longe. — *Alma ficaria orgulhosa de me ver mentir tão bem.* — Você não pensa na sua casa? — Desvio o foco da conversa para ele.

O garoto demora a responder e me arrependo de ter feito a pergunta por lembrar que não faço a menor ideia do motivo de Henrique estar no acampamento.

— Evito pensar — diz, os olhos fixos no horizonte. — Não tenho uma boa relação com meus pais.

.

Automaticamente, sinto culpa pesando por ter trazido o assunto à tona. Foi egoísta de minha parte evitar falar sobre mim e manipular o rumo da conversa para que o foco fosse ele.

— Sinto muito! — Eu baixo o olhar. — Não deveria ter falado sobre isso, foi burrice minha.

— Não foi nada. — Sua voz é suave, quase tão calma quanto a brisa matinal. — Henrique senta na areia, desvia o olhar para mim e bate com a mão no chão, me convidando para sentar ao seu lado.

Faço o que ele pede e me ajoelho na areia úmida, com apenas alguns centímetros de distância entre nós. Tento ignorar a sensação de estar perto dele, mas é difícil. É como se fôssemos dois polos de um ímã. Não faço ideia de se ele também é capaz de sentir essa energia dançando a nossa volta, mas em minha cabeça enfio a ideia de que ele não percebe nada de diferente rolando entre a gente.

— Cresci num ambiente tóxico, sempre cercado de falsidade e falta de respeito — ele começa a contar, os olhos verdes encaram os meus como se eu tivesse a chave para abrir a porta dos segredos guardados dentro dele. — Apesar de terem boas condições financeiras, meus pais são extremamente intolerantes. Nunca me opus às ações de meus familiares porque nunca tinham me atingido.

Eu o ouço com atenção, sem dizer muita coisa porque sei que, provavelmente, não contara aquilo para muita gente. Ele está abrindo seu coração comigo e isso me deixa eufórico para entender o que se passa em seu peito.

— Até o dia em que não aguentei e deixei tudo para trás. Minha cabeça estava uma bagunça e eu passava a maior parte do tempo dentro da piscina, porque fora dela minha vida era como uma bomba-relógio prestes a explodir — ele continua a narrar a história, agora com os olhos marejados. — Conte para minha mãe tudo o que eu estava sentindo: sobre estar confuso e não conseguir lidar com aquilo sozinho. Ela disse que eu precisava de ajuda, e eu realmente precisava, mas não do tipo de ajuda que ela queria que eu tivesse.

Estendo o braço e o posiciono em seus ombros, confortando-o em seu desabafo.

— Então, passei a morar com um tio que me ajudou a entender as coisas, digo, não por completo, mas, ao menos, tentou — explica. — Dormi na casa dele durante algumas semanas até que meus pais decidiram se posicionar sobre minha situação e acabaram me jogando nesse acampamento.

— Então, tecnicamente, você está trancafiado no Misfit enquanto quem realmente tem problemas são seus pais? — pergunto, digerindo tudo o que ele me contou.

— Basicamente.

— E o acampamento te ajudou a melhorar de alguma maneira? — É estranho que eu tenha curiosidade sobre isso, até porque nunca cheguei a falar com

Henrique sobre as sessões dele com Suzana. Acho que pensava que falar sobre problemas pessoais com outros campistas era antiético.

— Ajudou — conta o garoto, estreitando os olhos. — Mas confesso que, ultimamente, tenho voltado a me sentir confuso.

— Quando isso voltou a acontecer? — pergunto, transmitindo preocupação na voz. — Quando seus pais vieram te procurar?

— Não — responde, firme. — Desde que te vi pela primeira vez.

Meu coração dispara ao ouvir a frase e as borboletas em meu estômago reaparecem de vez, batendo as asas com mais força do que nunca. Estou tão nervoso que mal consigo pensar. Nunca me falaram nada assim, pelo menos, não alguém com quem eu me importasse. Passei tanto tempo reprimindo desejos e afastando pensamentos que é difícil assimilar que o garoto ao meu lado acaba de dizer que eu o fazia se sentir confuso quanto aos seus sentimentos. O que ele não sabe é que ele também desorienta meus sentimentos. Na verdade, sempre fui muito perdido quando se trata de sexualidade. Nunca me senti atraído pelas pessoas da mesma maneira que meus amigos. Sou um enigma para mim mesmo. Sem saber o que fazer ou responder, eu o encaro em silêncio, contemplando o quanto é bonito. Seu cabelo ainda está um pouco molhado e cai sobre a testa, deixando-o com um visual rebelde. Ao olhá-lo tão de perto, posso ver cada detalhe de seu rosto, como as marcas de sol em sua pele, as olheiras em torno de seus olhos ou a barba por fazer que cresce aos poucos, planejando levar embora a cara de menino que ainda tem.

Desço o olhar até sua boca.

Sinto um formigamento subir dentro de mim e não faço ideia de onde ele veio, mas sei o que devo fazer.

Sem pensar duas vezes, puxo Henrique para perto de mim e junto seus lábios aos meus. O efeito é instantâneo. Meu corpo inteiro pega fogo e sei que ele vivencia a mesma coisa. Consigo sentir o desejo queimando através de seu beijo. Aos poucos, ele fica confortável com a minha presença e se acostuma com meu toque, suavizando os movimentos e encontrando o nosso ritmo. De repente, todas as minhas dúvidas desaparecem e não consigo pensar em mais nada. Só o que resta é a vontade de ficar entrelaçado com Henrique para sempre.

Levo a mão ao rosto dele e o acaricio. Sinto a barba quase inexistente pinicando na palma da mão e essa sensação faz meus pelos arrepiarem, como se sua pele me eletrizasse. Ele desce as mãos e agarra minha cintura, o que me faz perder os sentidos por alguns segundos e aumenta minha vontade de continuar beijando, então, o puxo para mais perto.

Henri é quente e seu corpo parece estar em chamas. Gosto da sensação, me traz paz e até certa comodidade, como se eu pudesse dormir aninhado em seus

braços.

Mesmo com os olhos fechados, sei que estão marejados, e não entendo o motivo. Henrique me impacta de maneiras às quais nem meu corpo sabe como reagir. Afasto um pouco nossos lábios à procura de oxigênio e ele aproveita para fazer o mesmo.

O céu troveja, nos avisando que logo começará a chover. Não encaro Henrique porque não sei como lidar com o que acabou de acontecer, então, coloco a cabeça em seu ombro e fico ali por um tempo, sentindo a quentura de seu pescoço e respirando seu cheiro. Apesar de ele ter passado o dia na água comigo, posso jurar que sinto seu perfume.

Quando me sinto confortável novamente, ergo a cabeça e finalmente o vejo. Seus olhos reluzem e me transmitem confiança e tranquilidade, coisa que jamais esperei que fosse descobrir nos olhos de outro garoto. Mas a vida tem maneiras estranhas e interessantes de nos surpreender, e eu aprecio isso.

Apesar das gotas frias de chuva que começam a cair em meu rosto, sinto como se tivesse o sol inteiro dentro de mim, aceso pela faísca que saiu daquele beijo e que, apesar de pequena, foi suficiente para incendiar meu corpo inteiro

Encosto o rosto no de Henrique e sorrio. Ele também abre um sorriso. Nossos lábios voltam a se encontrar.



CAPÍTULO OITO



**O sol se põe mais tarde
No lugar em que eu nasci
Onde sonhos vão para morrer
Enquanto se divertem
“Suburbia”, Troye Sivan^[10]**

— Está ansioso para voltar para casa?

Estou sentado no escritório de Suzana e ela quer saber se estou confortável com a ideia de voltar para o lugar que me fez tão mal algum tempo atrás.

— Acho que sim — digo. Pensando bem sobre o assunto, fico realmente curioso para saber como estão as coisas por lá, pois não tenho o mínimo contato com o mundo exterior dentro do Misfit. — Estou com saudade do meu pai.

Suzana abre um sorriso.

— Isso é bom, querido! — exclama, começando a anotar algumas coisas em meu relatório. — E conseguiu a pontuação exigida para que a visita seja feita? É claro que ela sabia a resposta: as pessoas que trabalhavam no acampamento controlavam os registros de todas as nossas atividades, quero dizer, *quase todas*. Eu me lembro de todas as regras que quebrei desde o dia em que cheguei e quase dou uma risada recordando que fiquei assustado quando Laura mostrou a lista de regras do lugar.

— Sim, consegui — respondo. — Passei boa parte das minhas tardes ajudando a limpar o lago, tirei notas boas nas provas e também auxiliei Alma na estufa — conto, orgulhoso, enumerando as coisas que fiz.

— Então, já pode começar a arrumar as bagagens — diz ela, em tom suave. — Aliás, tem tomado os remédios que lhe foram prescritos?

Faço que sim com a cabeça.

— Que maravilha! Está melhor do que planejávamos.

Comprimo os lábios, estranhando a excitação em sua voz.

— Provavelmente, esta será a última sessão que teremos antes de você partir para a visita, então, preciso que ouça com atenção o que tenho a dizer. — Suzana ainda fala de maneira gentil, mas o tom alegre diminui.

A mãe de Alma junta as mãos e cerra os olhos.

— Quando estiver de volta em sua casa — começa —, peço que não revele os detalhes do acampamento para seus familiares ou amigos. — Pisco duas vezes, digerindo a informação e tentando entender os motivos para ela estar pedindo aquilo. — Estamos enfrentando um período difícil com essa questão do

Fantasma e achamos que os responsáveis podem ficar assustados caso descubram o que vem acontecendo no Misfit. — Uma expressão sombria toma seu rosto e a excitação dá lugar à preocupação, revelando que a animação de antes era apenas para mascarar o que estava realmente sentindo.

Eu me pergunto se alguém já teria pensado em desistir do acampamento por causa do Fantasma. Apesar de não ter atacado com frequência, ele plantou dúvidas sobre a confiabilidade do Misfit na cabeça dos campistas e abalou as estruturas do acampamento. Poderia ser fatal para a instituição se os responsáveis soubessem que, em vez de ajudar os filhos, o lugar estivesse propiciando um ambiente que os aterroriza.

— Então, este pode ser nosso segredo? — pergunta Suzana, afinando a voz e forçando um sorriso. — Se a situação fugir do controle, você pode não conseguir voltar para o acampamento.

Abaixo a cabeça e encaro o chão, sentindo o peso de seu olhar sobre mim.

— E você precisa voltar, não é, Dimitri?



Estamos quase em meados de junho e o clima esteve realmente muito gelado nos últimos dias, o que fez com que as atividades no lago fossem suspensas e transferidas para as piscinas aquecidas no ginásio, que eu nunca visitei porque não fazia muita questão de ir até lá. Henrique passa boa parte de seu tempo ali. Prefere nadar nas águas do lago, é claro, mas está desconfortável demais até para ele.

Observo o movimento do acampamento pela janela do quarto e sinto um nó na garganta lembrando o que havia acontecido na praia. Henri e eu não conversamos sobre nossos beijos, e evitar aquela conversa prolonga a minha confusão e o medo de que a amizade possa ser afetada. Na verdade, não acredito que nossa relação possa ficar ruim, mas temo que tenhamos nos precipitado, agindo sem pensar.

Na noite após o beijo, voltamos para o dormitório em silêncio. Ele se deitou na cama de cima como se nada tivesse acontecido e mal tive coragem de responder quando me desejou boa noite.

Parte de mim tinha medo do que acontecia porque nunca tinha sentido algo tão forte e verdadeiro emanando do meu corpo. Era um sentimento arrebatador que me consumia, e não havia uma parte de mim que não se acendesse quando eu me lembrava do toque dos dedos de Henrique. Mas pensar que aquilo era causado por um garoto bagunçava toda a minha cabeça.

Nunca fui preconceituoso, jamais tive problemas em aceitar as diferenças e não sou o tipo de cara que cresceu em uma família perfeita. Meus pais me ensinaram

a respeitar e apreciar tudo o que divergia do mundo com que eu estava acostumado. Lembro que certa vez, quando era criança, estava recortando palavras de uma revista qualquer enquanto fazia o dever de casa e passei a encarar a tesoura de uma maneira diferente: olhava para ela e então para meu cabelo no reflexo de suas lâminas. Quando minha mãe chegou à sala, me encontrou com um novo corte de cabelo, totalmente assimétrico e esquisito. Ao contrário do que a maioria das mães faria, a minha mãe não surtou nem brigou comigo, apenas riu. Sua risada preencheu o cômodo inteiro e chamou a atenção de meu pai nos fundos da casa. Quando ele veio ver o que estava acontecendo, me encarou por alguns segundos e repetiu a reação da minha mãe.

— Como você vai para a escola agora? — perguntou ele, enquanto retirava a tesoura de meus dedos.

— De carro. — Lembro que respondi, sem entender o que queria dizer. — Do mesmo jeito que fui hoje!

Mamãe voltou a rir, mas sua expressão se suavizou quando se aproximou de mim para pegar os fios de cor escura que sujavam o chão.

— Ele está certo, querido — disse ela. — Não há nada de errado com o cabelo dele.

No outro dia, quando as crianças começaram a zombar de mim pelo que eu havia feito, as palavras de minha mãe dizendo que não havia nada de errado comigo ecoavam por minha mente.

Minha mãe estava certa, não havia nada de errado comigo.

— Alô, Terra chamando Dimitri.

Paro de observar o acampamento e volto a atenção para dentro do quarto, de onde Henrique me chama, arrancando-me da nostalgia.

— Desculpa, não te vi chegar — falo, comprimindo os lábios.

— Estou aqui há uns dez minutos — diz, levantando uma das sobrancelhas. — Você está bem?

Sei que juntar as mãos passa a impressão de insegurança, mas não consigo evitar, estalando os dedos conforme as movimento.

— Acho que sim — respondo, mas não o encaro. — É só que... tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Henrique fica em silêncio e nossa respiração é a única coisa que consigo ouvir. É estranho como os corpos se comunicam sem que precisemos abrir a boca para falar. As conversas mais significativas tendem a ser aquelas em que mal trocamos palavras porque estamos conectados o suficiente para entender o que a outra pessoa quer dizer.

E entendo sobre o que Henrique quer conversar quando se aproxima de mim, fazendo meu corpo enrijecer.

— Eu sou gay — diz ele, como se estivesse tirando um peso das costas. Os olhos de Henri encontram os meus e enxergo certa culpa, como se assumir aquilo em voz alta fosse igual a me contar que fez algo errado.

— Está tudo bem — digo, mantendo o olhar fixo e o puxando para um abraço. Quando voltamos a nos tocar, sinto a energia fluindo em nós, como se fôssemos condutores elétricos.

— É por isso que meus pais me odeiam — confessa Henrique, com a cabeça apoiada em meu ombro. Sinto suas lágrimas molhando minha camiseta. — Eles me mandaram para cá porque não queriam que o restante da família soubesse o que eu sou. — O garoto treme enquanto fala, e sinto a tristeza fluir de dentro dele. — Eles têm vergonha de mim.

Ouvir aquilo quebra meu coração em mil pedaços.

— Não diga isso — disparo, tirando-o de meus braços e passando a segurar seu rosto em minhas mãos, de frente para mim. — Eles não têm vergonha de você.

— Então, por que não me aceitam? — Vejo que Henrique se culpa por ser quem é e carrega muita dor. Seus olhos verdes brilham cheios d'água.

Demoro a responder.

— Porque o mundo é *fodido*. — Faço uma pausa. — As pessoas estão tão presas a estereótipos, fantasias e padrões irreais que se deixam cegar. Em vez de aceitarem a realidade como ela é, querem podá-la para que caiba dentro de suas cabeças, para que caiba dentro do que é aceitável. — Não tenho certeza do que estou falando, mas sei que as palavras saem de dentro de meu peito. — Você é do jeito que é e não precisa da aprovação de ninguém para ser.

Ao dizer aquelas coisas, percebo que não falava somente para Henrique, mas também para mim.

Não importava o que eu era, eu só precisava ser.

Puxo Henrique para perto e o beijo.

O mundo que adormecia desperta e eclode. É como se o relógio estivesse parado aquele tempo todo e os ponteiros voltassem a girar.

Henri desliza as mãos para trás de minha cabeça e meu corpo se contrai, reagindo ao seu toque suave. Eu me sinto tão bem que parece que vou explodir. Minha mente se apaga e não consigo pensar em mais nada, todos os medos e inseguranças foram para outro lugar. Só o que sinto é felicidade. Meu coração está mais quente do que nunca e bate tão rápido que mal consigo acompanhar. De um momento para o outro, as músicas voltam a fazer sentido, o sol se torna mais brilhante, certos poemas ficam mais fáceis de entender e as flores florescem sem nem estarmos na primavera.

— Eu ainda não sei o que estamos fazendo. — Separo nossos lábios por um segundo. — Mas espero que, seja o que for, continue.

Com os olhos um pouco vermelhos e emocionados, ele sorri.

— Eu também.

Furacão

Chegou assim, sem ser convidado.

Inesperado,

Como visita em dia de semana.

*Espalhando calor por onde passava e
sem nem perceber,*

Me esquentando.

Intenso como tempestade,

Que deixa seus rastros quando vai embora

Ou como furacão,

Que arrebatou tudo consigo.

Mergulho em cada pinga de chuva

como se fosse oceano

e voou no centro do furacão

como se possuísse asas,

Talvez, com você,

Eu realmente as tenha.



Caminhar entre os bairros próximos de onde moro depois de alguns meses fora é estranho. Apesar de ter morado a vida inteira ali, eu me senti como um intruso.

Voltei para casa no dia anterior, quando José, o mesmo motorista que me levou para o acampamento, vendou meus olhos novamente e me enfiou no carro.

Dessa vez, ele falou um pouco mais do que antes, conversando sobre o período que passei no Misfit e querendo saber das minhas experiências e amizades no lugar. Não contei muito mais do que o necessário e dormi pelo resto da viagem. Quando chegamos à minha casa e fui autorizado a tirar a venda, fiquei um pouco inseguro e sem saber o que encontraria dali para a frente. Estar no escuro é uma metáfora e tanto. Assim que abri os olhos e desci do carro, dei de cara com meu pai na porta de casa à minha espera. Senti uma pontada de dor ao vê-lo sozinho encostado no portão. Estava mais magro do que eu me lembro e parecia um pouco abatido.

A primeira coisa que passou por minha cabeça é que eu não deveria tê-lo abandonado. O arrependimento borbulhou em mim e quase desejei ter uma máquina do tempo para poder decidir não ir para o acampamento alguns meses antes, mas conforme fui me aproximando pude enxergar o sorriso sincero em seu rosto. Não importa o que ambos passamos, estamos juntos novamente.

— Senti tanto a sua falta! — disse ele, me puxando e me envolvendo em um

abraço apertado.

— Eu também, pai.

— Você está bem? — quis saber, mas ficou um pouco sem jeito ao lembrar que aquela pergunta comum e habitual poderia ser aplicada de maneira diferente a mim. Fui ao acampamento para melhorar.

— Muito bem — disparei. — Em todos os sentidos possíveis.

Meu pai me abraça mais forte.

— E você?

— Por que falar de mim se você está de volta? — ele tentou fugir do assunto e pareceu esconder alguma coisa, o que me deixou um pouco frustrado.

O motorista se despediu, deu partida no carro e nos deixou a sós para entrarmos em casa. Desde então, tudo foi como antes, como se eu não tivesse deixado aquele universo familiar para trás e ido ao acampamento para tentar aprender a lidar com a minha personalidade tóxica.

Apesar de ser sábado, meu pai saiu para trabalhar e me deixou sozinho em casa. Estranho, porque ele nunca teve o hábito de trabalhar nos fins de semana, mas como ultimamente eu não estava por perto, não fazia ideia de como era sua atual situação financeira. Antes, eu ajudava um pouco com meu salário da locadora. Durante o café da manhã, encontro algumas cartas de cobrança com valores altíssimos em cima da mesa. Fico aflito, pensando no que posso fazer para ajudá-lo. A primeira e única solução em que pensei foi ligar para meu avô, porque ele tem dinheiro sobrando e sem sombra de dúvida pode ajudar o filho. O único problema é que meu pai não aceitará nem um tostão. É orgulhoso demais para isso, além de apreciar a sua liberdade e independência.

Eu preciso pôr um fim nessa relação conturbada dos dois. Apesar de tudo, ainda são uma família, tratando de dinheiro ou não.

Pego o telefone e disco o número do meu avô. A ligação cai direto na caixa postal, mas faço questão de deixar uma mensagem de voz.

— Vô, sou eu, Dimitri — começo, após o bip que sinaliza o início da gravação.

— Estou ligando para agradecer por ter me colocado no acampamento, tem sido uma experiência e tanto. — Faço uma pausa. — Na verdade, não é apenas por isso — corrijo, respirando fundo. — Meu pai está passando por uma fase difícil e eu gostaria muito que você e ele retirassem essa pedra do meio da relação, porque, apesar de tudo, vocês ainda são uma família e têm um ao outro, é isso que importa. Meu pai pode ser um pouco cabeça-dura, mas aposto que, se você passar a entendê-lo, ele também te entenderá. — Aperto o botão de desligar e coloco o telefone de volta no lugar.

Quem diria que um dia eu tentaria selar um acordo de paz entre meu pai e meu avô? *Minha mãe diria*, penso.

Vou até o quarto e paro no meio dele, encarando o ambiente. Escolhi deixar minhas coisas no Misfit, então, não precisei desfazer malas ao chegar nem reorganizar nada.

Sem saber o que fazer durante a ausência do meu pai, decido procurar por meu celular. Já não tinha mais o hábito de usá-lo e estranho um pouco quando o encontro em minha gaveta ao lado de algumas meias e cuecas. O aparelho demorou a ligar porque estava sem bateria havia meses, então, o conectei no carregador.

No momento em que a tela se acendeu e o aparelho encontrou o Wi-Fi da minha casa, o celular explodiu em notificações. Eram milhares de mensagens e atualizações de redes sociais que ficaram encobertas por meses sem que ninguém pudesse acessá-las.

Entre as abas, vi descer o nome de Clarissa. Sinto um pouco de medo ao clicar para abrir as mensagens e ver o que ela me enviou.

Demo, você faltou a semana inteira, está bem?

Você está doente?

Alô?

Dimitri, por que não está respondendo minhas mensagens?

Ligação perdida de Clarissa 6x

Já que não quer atender, vou até sua casa.

...

Seu pai contou que você foi embora por um tempo.

Podia ter se despedido.

Onde você está?

Sinto sua falta.

Fecho os olhos e agarro o celular junto ao peito. Por mais que eu tentasse ignorar, é impossível não me sentir culpado por abandonar Clarissa sem nem explicar para onde fui. Foi uma atitude totalmente egoísta e não pensei em como se sentiria ao me ver partir.

Clarissa é uma desajustada como eu. Vive sem saber o que está fazendo com sua vida e não tem muitos amigos, além de mim e Bernardo. Apesar de ralar para manter sua imagem de durona, é uma das pessoas que mais se preocupa com os amigos quando estão em situações difíceis.

Arrepentido, corro a ponta dos dedos pelo teclado e aperto o botão de enviar.

Ei, está aí?

Não há resposta.

Da mesma maneira, também não há mais tempo a perder.

Espero que a bateria do celular chegue pelo menos até a metade e começo a planejar um jeito de encontrar Clarissa. Na correria, minha letra sai totalmente

estranha no bilhete que escrevo para meu pai, mas sei que ele não precisa de muito para entender o que quero dizer na mensagem. Colo o *post-it* avisando que vou sair na porta da geladeira e fecho o zíper da jaqueta de couro até o fim. Saio de casa quando o sol está se pondo. A sensação de sair para o mundo exterior é tão nostálgica que faz os ossos do meu corpo vibrarem.

O metrô não está tão cheio, e agradeço mentalmente porque consigo sentar em um dos bancos e olhar São Paulo correr pela janela, um dos pequenos prazeres de viver em uma cidade grande. Gosto de observar o cenário mudando conforme o trem avança sobre os trilhos, ver pessoas diferentes entrando pela porta automática e se enfiando em algum canto, tentando não trocar olhares com as demais. Gosto de ouvir as histórias que contam umas para as outras, como se não tivesse mais ninguém ao redor delas.

O metrô chacoalha e as luzes piscam, o que é típico daquela parte do percurso, mas, apesar de banal, faz com que os olhares dos passageiros se ergam. Um desses olhares cruza com o meu, uma senhora me encara quieta e com atenção. Algo em mim a intriga e não sei o que é. A primeira coisa que penso é que ela devia estranhar meu cabelo colorido, mas lembro que a tinta havia começado a sair algumas semanas atrás, deixando os fios parcialmente naturais. Então, apenas a encaro de volta e, para minha surpresa, ela abre um sorriso com os lábios fechados, revelando as rugas em seu rosto. Fico confuso, sem entender muito bem o motivo de ela estar sorrindo para mim, mas chego à conclusão de que não há motivo para ser tóxico com a senhora, então apenas sorrio de volta. Aquilo me faz pensar em todas as vezes que evitei contato e tratei mal as pessoas apenas por pensar que elas me achavam estranho.

Ouçó a voz da mulher do metrô anunciando o nome da estação e desço na Consolação, me enfiando em um mar de gente que perambula por aquela parte da avenida Paulista no fim do dia. Eu me esgueiro entre os pedestres, passando pelos feirantes que vendem arte na rua, e começo a descer a rua Augusta, indo em direção ao bar em que Bernardo trabalha. Fico um pouco inseguro de aparecer sem avisar, mas já esperei demais para entrar em contato com meus amigos. Eles merecem saber o que aconteceu comigo.

Quando me aproximo da fachada do bar, o segurança pede minha identidade e é como se eu levasse uma rasteira. Não tenho mais documento falso, então, será impossível entrar. Peço desculpas para o segurança e tento dizer que preciso conversar com uma das pessoas que trabalha ali. Ele me encara mantendo a expressão rígida até que finalmente diz que verá o que consegue fazer.

Depois de um tempo, vejo Bernardo passar pela porta junto com o segurança. Ele me vê e parece falar algo para o homem, levantando uma das mãos no ar como se dissesse que me conhece. Então vem até mim.

— O que está fazendo aqui? — dispara Bernardo, em um tom que, apesar de revelar surpresa, não foi tão agradável quanto eu esperava.

Diante a reação dele, decido ser direto.

— Estou procurando pela Clarissa — respondo. — Por você também, claro. O garoto me observa, cruzando os braços por cima do avental de bartender e levantando as sobrancelhas.

— Clarissa não está por aqui. — Ele faz uma pausa, pensativo. — Para ser honesto, faz dias que não a vejo — continua. — Já não falo tanto com ela desde que decidi se meter com um pessoal estranho.

— Pessoal estranho?

— Sim, gente estragada — Bernardo explica, passando a falar um pouco mais baixo do que antes. — Que usa drogas e tudo mais.

— Nós também já usamos drogas — eu o interrompo, lembrando-o dos tempos em que queríamos desbravar o mundo como se não houvesse consequências.

— Não é assim, Demo — adverte. — Eles usam porque são *viciados*, não porque querem se divertir.

Eu congelo. Pensar que Clarissa poderia estar usando drogas pesadas faz meu estômago revirar. Mesmo que tenhamos errado no passado, nunca fomos longe demais por saber que tínhamos limites, e que o caminho de volta era difícil de trilhar.

— Eu pedi para você ficar de olho nela. — É o que digo para ele quando minha cabeça começa a girar. — Antes de ir embora, te mandei uma mensagem pedindo para você cuidar dela.

Bernardo cerra os olhos, provavelmente, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Coloco em minha mente que a imagem que ele tem de mim é a mesma que tinha alguns meses atrás, então, ele ainda me enxergava como o Dimitri descuidado, imprudente e venenoso.

— Eu não posso controlar as escolhas das outras pessoas, Demo! — diz, com pesar na fala. — E você sumiu do nada, sabe?!

Ele está completamente certo. Clarissa não precisa de ninguém tomando conta dela. Ela é a garota que socou a cara daquele playboy na última noite em que saímos juntos. Ela jamais faria algo com que não concordasse, mas eu preciso encontrá-la e saber como ela está.

— Sabe onde ela costuma ficar? — Mudo de assunto para o que realmente interessa.

— Acho que tenho ideia.



Estou há cerca de quinze minutos em frente ao endereço que Bernardo me

passou, reunindo coragem para entrar no prédio que se estende diante de mim. Tive que andar apenas algumas quadras para conseguir chegar, e não precisei pensar duas vezes antes de deixar Bernardo para trás e partir. Tinha esperanças de que ele me acompanhasse, mas sabia que precisava manter o emprego no bar e não podia simplesmente sair quando bem entendesse, então, não liguei quando me desejou boa sorte e deu meia-volta, entrando de volta no estabelecimento.

Ouçõ passos e vozes à distância descendo pela rua, e tento me misturar ao ambiente, como se estivesse acostumado a passear pelo local. Decidido, vou até a fachada e olho ao redor à procura de um porteiro. Não fico surpreso ao descobrir que não existe. Aquele não parece o tipo de lugar que precise de segurança. Puxo a maçaneta e a passagem se abre sem muita dificuldade, revelando correspondências que jamais foram abertas espalhadas pelo chão e deixando claro que o lugar poderia ser considerado como abandonado.

Antes de adentrar e subir para os apartamentos, reparo na figura que assombra o canto do ambiente e se apoia no corrimão próximo à escada. O indivíduo me acompanha com o olhar conforme caminho.

— Tá querendo comprar alguma coisa, parceiro? — pergunta, suas características encobertas pela escuridão.

Nego, balançando a cabeça para os lados.

— Então, o que veio procurar? — Eu me assusto quando ele vai até a luz, revelando dentes podres e quebrados ao mexer os lábios. O cara deve ter mais ou menos a minha idade, mas parece cansado e desgastado, a pele é coberta por tatuagens, os olhos esbugalham quando fala e as mãos estão totalmente sujas.

— Uma amiga — digo, direto e sem temer sua reação. — Clarissa é o nome dela, conhece?

O jovem assente, o movimento da cabeça faz com que a touca surrada balance. Fico esperando que continue a revelar o que sabe sobre Clarissa, mas o jovem permanece calado e não dá mais nenhuma informação, parecendo pouco interessado em contar onde minha amiga está. Sei que estou em um ambiente hostil, então, não tomo atitudes precipitadas. Devo respeitar o ritmo das pessoas ali, qualquer passo em falso pode ser perigoso.

— Sabe me dizer onde ela está? — Mantenho distância da figura que me encara de longe.

— Até sei, mas preciso de um incentivo para te contar — responde. De forma automática, já sei que quer dinheiro em troca de informação. Tiro a carteira do bolso e percebo que não tenho muito dinheiro, apenas alguns trocados que separei para pagar as passagens de metrô. Tiro uma de vinte e a levanto.

— É tudo o que tenho — anuncio, com firmeza. — É pegar ou largar.

O jovem se aproxima com tanta rapidez que mal consigo vê-lo deslizar pelo

escuro. Quando percebo, ele já está ao meu lado, agarrando o dinheiro com seus dedinhos magros e espalhando seu fedor ao meu redor.

— Ela está no quarto andar — diz.

— Em qual apartamento?

— Não sei, não sou vidente — retruca, em tom de zombaria.

Sinto a raiva chegando, tenho vontade de voar para cima do cara e enterrar meu punho em seu rosto, mas afasto o sentimento e me mantenho no controle. Corro até a escada, deixando o malandro para trás, e me jogo no escuro, sem saber o que está por vir.

Demoro a encontrar Clarissa, não faço ideia de quanto tempo passa exatamente. Perco a noção à medida que bato na porta dos apartamentos e dou de cara com os moradores, que, para ser bem sincero, não parecem estar lidando muito bem com as próprias vidas. Eles se alternam em me perguntar se estou ali para consumir drogas ou me atender de maneira hostil, quase ameaçadora.

Quando estou quase desistindo, ouço alguém chamar o nome de minha amiga e vou na direção do som. A porta está escancarada e não me dou ao trabalho de bater na madeira para alertá-los de minha presença, apenas entro. O lugar está imundo, como se não fosse limpo há semanas. As paredes são encardidas e o piso está forrado de jornais, pedaços de comida e sujeira.

Clarissa está na sala, deitada no sofá. Sua cabeça pende na beirada do móvel e os cabelos escorrem pelas almofadas, balançando com a brisa que vem da janela.

Ela não me vê chegar porque está inconsciente. O desespero me toma por não saber se está passando mal ou apenas dormindo.

Vou até ela, coloco os dedos em seu pescoço e sinto que sua pulsação está normal, relaxo os ombros.

— Quem é você? — Ouço alguém dizer às minhas costas. — E que porra está fazendo dentro da minha casa?

Viro e diante de mim encontro a garota mais pálida que já vi na vida. Ela tem a cabeça raspada, e uma maquiagem preta ao redor dos olhos escorre por todo o seu rosto, como aquarela quando se mistura com água.

— Eu te fiz uma pergunta — ela reforça, indo até a bancada e sacando um canivete. Sem hesitar, o aponta em minha direção.

— Calma. — Levanto as mãos. — Sou amigo da Clarissa.

A garota arqueia uma das sobrancelhas, não acreditando muito no que sai de minha boca.

— Isso não te dá o direito de entrar em minha casa sem ser convidado — dispara, fria.

Ela está certa, então, me desculpo.

— Foi mal, estava preocupado com a Clarissa — tento justificar meu erro. — A

propósito, meu nome é Demo. — Estendo uma das mãos.

A garota não retribui.

— Demo, não é?! Clarissa chegou a falar de você.

— Falou? — pergunto. A garota ainda está com o canivete nas mãos, por isso fico em alerta para qualquer sinal de que possa vir para cima de mim.

— Sim — responde, com deboche. — Você é o amigo que a abandonou. — Ela faz uma pausa. — Várias vezes.

Droga, minha fama de péssimo amigo havia se espalhado.

— Não foi bem assim, posso explicar.

— É o que vocês sempre dizem — ela me interrompe, se aproximando. — Vêm e vão quando bem entendem e nos deixam como se não tivéssemos valor. — A garota discursa com rancor, fico tenso por um momento e tenho medo do que ela é capaz de fazer.

— É por isso que vim, para pedir desculpas para ela — confesso.

A garota ri de maneira sarcástica, debochando de minhas explicações enquanto anda ao meu redor, me cercando como se fosse um leão faminto e eu, um pedaço de carne. Enrijeço os músculos.

— Não precisa ter medo de mim, riquinho — ela zomba —, não vou fazer nada contra você, só quero que vá embora. Se não for, aí, sim, terei de tomar providências quanto a você.

— Já estou de saída — minto; não sairia dali sem conversar com minha amiga.

— Clarissa, sou eu — falo em voz alta, tentando acordá-la. — O Dimitri.

A garota pálida e sem cabelos revira os olhos.

— Patético! — diz.

Clarissa se move lentamente, acordando aos poucos. Vou até ela e me ajoelho ao seu lado. Minha amiga não parece entender o que está acontecendo e passa os dedos sobre os olhos, pressionando-os para tentar despertar. Quando percebe quem está diante dela, arregala os olhos.

— Demo?! — Ela se espanta, perguntando mais a si mesma do que para mim.

Faço que sim com a cabeça.

Ela fica em silêncio, digerindo as informações enquanto me encara. Suas sobrancelhas se estreitam e seu semblante fica tempestuoso.

— Vá embora — ordena, a voz trêmula.

— Vim pedir desculpas — arrisco, na esperança de que me deixe ficar.

— Não importa. — Clarissa está mais magoada do que achei que estaria. —

Apenas suma daqui, como você já fez outras vezes.

Não sei o que fazer nem o que dizer. Tenho ideia do que fiz a ela e devo respeitar o momento. Vim atrás de Clarissa para me desculpar, mas ela não quis dar ouvidos, então, não há nada mais que eu possa fazer além de esperar a hora

em que ela estiver preparada para me perdoar. Ela não é obrigada a fazer isso, mas queria que o fizesse. Sinto falta da nossa amizade.

Obedeço ao pedido, levanto e vou em direção à saída.

Ouçó a garota de pele pálida dar uma leve risada antes de bater a porta com força atrás de mim.

Desço as escadas devagar, contando degrau por degrau e pensando na conversa que acabei de ter. Tenho que encarar a realidade e assumir que deixei meus amigos de São Paulo para trás, e eles me esqueceram também. É difícil aceitar que não quero ficar sozinho, já estive tanto tempo em minha própria companhia que a ideia me assusta. Penso em Henrique e Alma, me lembrar deles faz com que minha mente se acalme. Eu os carrego comigo, apesar da distância.

Na saída do prédio, trombo com o jovem de dentes podres e tatuagens, nossos corpos se esbarram e vou de encontro ao chão. O cara não se desculpa, apenas sai correndo escada acima. Eu o xingo, alto o suficiente para que o prédio todo possa ouvir. Quando levanto, passo a mão no bolso e congelo ao perceber que meu celular não está mais lá. Penso na possibilidade de ter sido roubado durante a colisão. Estou com tanta coisa na cabeça que nem me importo de perder o aparelho, não preciso mais dele, de qualquer jeito.

Mesmo a caminho de casa, não sinto como se estivesse voltando para lá. Temo que o tempo que passo visitando a cidade possa atrapalhar minha recuperação e eu volte a ser o que era antes. Penso em ligar para Suzana e pedir para retornar antes, mas desisto. Tenho que encarar as consequências dos meus atos. Perder os amigos talvez seja apenas o carma me atingindo por tê-los feito sofrer de alguma forma no passado.

Após grandes períodos de felicidade, sempre vem a tristeza. Uma vez que você atinge o ápice, o caminho que resta é ir para baixo.



CAPÍTULO NOVE



Eu ando em uma estrada solitária

A única que eu sempre conheci

Não sei até onde vai

Mas é lar para mim e eu ando só

“Boulevard of Broken Dreams”, Green Day^[11]

“Desde 1989, o Acampamento Misfit abriga e ajuda centenas de jovens que necessitam de um tempo longe de tudo para encontrar a si mesmos. Garotos e garotas adolescentes desfrutam de um ambiente tranquilo que os habilita a retornar a uma vida saudável e contribuir positivamente com a sociedade.”

É o que diz na página principal do site oficial do acampamento. Decidi aproveitar que tenho acesso à internet no notebook do meu pai para pesquisar sobre o lugar e ver se consigo descobrir alguma coisa relacionada aos túneis ou até mesmo à organização, para acabar de uma vez por todas com as dúvidas que Serena, Diego e o Fantasma colocaram em minha cabeça.

“Por quase três décadas, nosso grupo de profissionais tem alcançado o sucesso ajudando jovens a se reintegrar por completo, educando-os, acompanhando-os e tirando-os dos maus costumes. Até mesmo os casos mais difíceis, envolvendo adolescentes rebeldes, trouxeram resultados positivos no acampamento. Cuide de quem você ama, ligue para nós e um de nossos profissionais irá até você!”

A interface do site é inteiramente verde-musgo e contém informações sobre a criação do acampamento na década de 1980, sob o comando dos avós de Alma. Aparentemente, o negócio foi passado de pai para filho. No menu, há abas com alguns depoimentos de ex-campistas contando as experiências maravilhosas que tiveram no Misfit. A localização do acampamento não está disponível em lugar algum. Na categoria “SOBRE NÓS”, diz-se que não é possível saber onde o Misfit se localiza por questões de privacidade e segurança, além de atrapalhar a imersão dos campistas.

Fora isso, não há nada de interessante naquela página, nem mesmo fotos do território do acampamento. O máximo que encontro são descrições breves das atividades e das áreas em que são realizadas.

Jogo o nome do acampamento no Google e não obtenho resultado diferente do que encontrei no site oficial, apenas as mesmas informações inúteis e positivas sobre o lugar. Volto à página e copio o nome do fundador do Misfit: “Vladimir Lafaiette”. Quando pressiono o botão e atualizo a busca a partir do nome, vou descendo a página de busca e, lá perto do fim, um dos resultados prende minha

atenção.

“MILIONÁRIO É SENTENCIADO E CONDENADO POR COMANDAR ESQUEMA QUE ENVOLVIA AGRESSÃO E VIOLÊNCIA CONTRA MENORES.”

Clico no título desesperadamente, como se minha vida dependesse do que estava escrito naquela matéria. O endereço demora a carregar e, quando penso que as informações vão aparecer, uma mensagem dizendo que aquele conteúdo não está mais disponível pisca na tela. Sem saber o que fazer, aperto F5 inúmeras vezes na esperança de que talvez seja apenas um erro momentâneo e a página acabe carregando normalmente, mas isso não acontece.

Tento continuar procurando matérias que falem sobre Vladimir, mas é como se aquele homem não tivesse existido. Os resultados sempre me levam a páginas em branco.

Preciso falar com Henri sobre o que descobri.

Logo no Facebook e tento procurar por ele, mas percebo que não faço a menor ideia de qual seja seu sobrenome nem mesmo se ele tem perfil naquela rede social. Meu estômago revira ao pensar que, caso Henri não volte para o acampamento depois das “férias”, talvez eu nunca mais o veja.

Eu me desespero. Passo a tentar lembrar qualquer coisa que possa me ajudar a encontrá-lo. Penso em todas nossas conversas desde que nos conhecemos, procurando possíveis detalhes que posso ter deixado passar enquanto estava ao seu lado. Estou quase deslogando quando lembro que, uma vez, ele disse a Alma que era tão viciado em natação que chegou a fazer parte de um grupo do esporte. Devo ter entrado em praticamente todas as páginas sobre natação existentes no território carioca e quando desço uma delas, lá está ele, posando em cima do pódio de uma competição de que participou, segurando o troféu. Henrique está bem mais novo na fotografia, o corpo, nem de longe tão definido como da última vez que o vi e os traços, infantis. Tinha provavelmente uns quinze anos. Ao seu lado está um homem loiro de meia-idade, vestindo uma camisa polo verde.

Parece uma versão mais velha de Henrique. Passo o mouse sobre a imagem e não encontro nenhuma marcação de perfil. Murmuro um palavrão. Clico para ver quem curtiu a foto e comemoro: “Henrique Gomez”. Sem hesitar, entro no perfil do garoto e envio solicitação de amizade.

O pedido é aceito cinco minutos depois e o barulho de notificação apita na tela, avisando que havia uma nova mensagem.

Que surpresa maravilhosa!

Como me achou?

Se te contar, terei que te matar.

Idiota. Tento encontrar seu perfil desde que cheguei em casa, mas sou péssimo

com tecnologia.

Como você está?

Sobrevivendo.

E você?

Com saudades.

Sorrio ao ler a frase, também sinto falta dele e sei que, se estivesse comigo, me ajudaria a lidar melhor com as coisas. Deixo a saudade de lado apenas por alguns segundos e lembro o motivo de tê-lo procurado na rede social: mostrar o que tinha encontrado sobre o Misfit. Envio o print do título da matéria sobre Vladimir e aguardo que ele termine de ler.

Nossa... agressão?

Será que Alma sabe alguma coisa sobre isso?

Não faço ideia.

Talvez saiba, é o avô dela.

A mensagem **“Henri está digitando”** aparece e permanece na janela de conversa por algum tempo, depois some, como se ele tivesse apagado o que escrevia.

Acha que é a isso que o Fantasma se referia quando disse para não confiarmos nos coordenadores do acampamento?

Por que ele sabe que tem algo que não estão nos contando?

Parece história de seriado da Netflix.

Realmente, parece mesmo.

Estou pensando em algum seriado para responder à piada de Henrique quando ouço a campainha tocar. Eu me levanto do sofá para atender, mas meu pai sai da cozinha e vai em direção à porta. Quando gira a chave no trinco e puxa a maçaneta, vejo Clarissa parada na soleira, cabisbaixa com as mãos no bolso do moletom.

Preciso ir.

Também estou com saudade.

Sinto falta dos seus beijos.

Termino de digitar rapidamente e fecho o computador, deixando-o de lado e encarando Clarissa.

— Podemos conversar? — pergunta. Ela não está usando maquiagem, então, consigo ver as olheiras debaixo de seus olhos.

— Não só podemos como devemos — respondo.

O olhar do meu pai vai de Clarissa até onde estou e ele deduz, pelo clima, que precisamos de um pouco de privacidade, então, caminha de volta para a cozinha. Mesmo com meu pai longe, eu a levo até o quarto e fecho a porta, para que nada do que conversarmos no cômodo possa ser ouvido por ele.

— Antes do que você tem para me dizer — começo. — Quero me desculpar por ter sido tão idiota com você. Foi puro egoísmo ir embora sem nem me despedir, sendo que sempre fomos amigos. — As palavras fluem naturalmente, sem dificuldade alguma. — Pronto, agora você pode me xingar, me odiar e me esmurrar do mesmo jeito que fez com aquele cara no bar.

Clarissa ri, não de maneira exagerada ou como se achasse graça no que acabei de dizer, mas dá um sorriso que demonstra que aceitou o pedido de desculpas.

— Você foi mesmo um idiota — diz, franzindo o cenho. — E eu com certeza te daria um soco se eu não estivesse de ressaca — ironiza. — Já que cumpriu sua obrigação de pedir desculpa, também preciso me desculpar por ter te expulsado do apartamento no fim de semana.

— Não precisa.

— Preciso, sim — reforça. — Você foi idiota de me deixar para trás e eu fui mais imbecil ainda por não te dar a chance de se explicar. Foi por isso que vim até aqui, para saber o seu lado da história.

Sento na cama, respiro fundo e começo a contar tudo o que aconteceu desde o dia em que causamos a confusão no bar. Conto sobre a ida ao acampamento, sobre Alma, Suzana e até as aparições do Fantasma. Fico um pouco nervoso ao mencionar Henrique e revelar para ela que estava me relacionando com o garoto, mas digo de uma vez. Quando termino, Clarissa está com as duas sobrancelhas arqueadas.

— Caramba! — exclama. Estou um pouco receoso com a reação dela sobre o que contei. — Então, quer dizer que, apesar das coisas ruins, você ainda arrumou um gostoso para dar uns pegadas? — E começa a rir, me encarando com olhar malicioso.

Sinto meu rosto corar.

— Cala a boca! — respondo, brincando. — Eu te conto sobre algo supersério e é assim que você reage?

Clarissa dá de ombros.

— É o que importa, bebê! — diz. — Agora, sem brincadeiras, fico feliz que você esteja feliz — confessa, me puxando para um abraço. — Mas, da próxima vez, me avise antes de sumir, nem que seja apenas um “fui”.

— Prometo que te mantereii informada. Aliás, quem era a garota careca e ranzinza no apartamento?

Clarissa me fuzila com os olhos.

— Não fale assim dela — repreende. — O nome dela é Ágata e ela é forte pra cacete. — Pausa, esperando que eu conserte o que acabei de falar. — Acho que é a garota mais forte que conheço.

— Ela pareceu realmente forte com o canivete na mão — brinco, lembrando do

acontecido. — Fiquei com medo de levar um golpe, sério.

— Claro que não, ela só machuca quem merece. — Clarissa para de falar, olha para mim e reflete. — Ah, é, você merecia, então, fez certo de ficar com medo — zomba, rindo da minha cara.

Reviro os olhos.

— Mas me deixe perguntar... — ela começa, mas sei que não precisa de minha autorização para perguntar o que quer saber. — Então, quer dizer que você é gay?

— Estar apaixonado por outro garoto me torna gay?

Clarissa me encara e ergue as mãos, como se a resposta fosse óbvia.

— Não sei — digo, sem muita convicção.

— Você é confuso, Dimitri.

Levanto uma das sobrancelhas e fecho os olhos.

Eu sei.

— A propósito, posso dormir na sua casa hoje? — pede Clarissa, tirando os sapatos e se jogando em minha cama, que estava bagunçada com cobertores.

— Pode — sorrio com o canto dos lábios. — Passei tanto tempo dormindo no mesmo quarto que o Henrique que me desacostumei a dormir sozinho, é legal que você esteja aqui.

— Vocês dormem no mesmo quarto? MEU DEUS, você precisa me contar tudo, mesmo.

Antes de explicar todos os detalhes sobre Henri para Clarissa, vou até a porta para avisar a meu pai que ela irá passar a noite conosco. Ao puxar a maçaneta, dou de cara com ele passando pelo corredor e me assusto.

— Clarissa vai dormir aqui — digo meio tenso depois de vê-lo tão perto do meu quarto.

— Tudo bem — diz ele, seguindo em direção à sala e demonstrando indiferença.

— Boa noite, pessoal!

Minha amiga agradece e grita de volta, desejando boa noite para ele também. Já eu fico quieto, pois só consigo me perguntar se ele ouviu a conversa com Clarissa sobre o que está acontecendo entre mim e Henrique.



A luz fraca da sala não ilumina muito bem o ambiente. Como acordei bem mais cedo do que estou acostumado, estou um pouco sonolento e disperso. É madrugada e finalmente chegou o dia de retornar para o acampamento. Por incrível que pareça, me sinto confortável em pensar que estou voltando. Claro que é difícil deixar as pessoas que amo para trás outra vez, mas, pelo menos, agora é como se tivesse me despedindo da maneira correta, como deveria ter

feito da primeira vez. Meu pai muda de canal na televisão e atrai minha atenção, sentado ao meu lado. Ele também espera ansioso pela chegada do carro que virá me buscar.

— Não tem mais nada que preste na televisão atualmente — murmura, ainda apertando os botões.

Concordo, balançando a cabeça.

— Acho que é porque quase ninguém mais assiste à televisão. — Dou de ombros. — Os jovens têm coisas mais interessantes para ver on-line.

Meu pai me encara com um olhar malicioso e percebo a ambiguidade do que acabei de dizer, acabo rindo.

— Aposto que têm, mesmo — diz ele, também rindo.

Decido aproveitar aquele momento de descontração para tentar pela última vez saber realmente como ele está lidando com as coisas, já que foge do assunto todas as vezes.

— Pai, está tudo bem com as coisas aqui em casa? — Acabo soando um pouco mais preocupado do que gostaria.

— Esses dias, assisti a uma série muito interessante sobre crianças órfãs, já assistiu, filho?

Sei o que ele está fazendo. Está fingindo não ouvir o que acabei de perguntar.

— Você tem falado com o meu avô? — pressiono; não vou desistir.

Meu pai respira fundo e me olha com o canto dos olhos, praticamente levantando bandeira branca.

— Não. Não nos falamos desde o dia em que você foi para o acampamento — responde, calmo. — Não há mais o que conversar com ele, Dimitri, queria que você entendesse.

— Não, não consigo entender — retruco. Sei que meu avô foi uma pessoa distante com meu pai, mas eles deveriam ao menos tentar se entender. — E se... eu morresse?

— Não seja bobo — ele me repreende, franzindo as sobrancelhas.

— Não, sério — continuo —, se eu não estivesse mais aqui, você ficaria sozinho pra sempre e sem família nenhuma? — Dizer aquelas palavras me machuca um pouco, mas preciso que ele entenda o que quero dizer. — Aposto que a vovó sente sua falta e você nem ao menos tenta voltar a ter contato com eles.

Meu pai abaixa a cabeça e larga o controle da televisão no sofá.

— Acho que você está certo. — Suspira. — Mas é impossível lidar com ele, Dimi.

— Ao menos, tente, então — peço. — Mesmo que você não se sinta confortável, o vô está pagando as despesas do acampamento e fazendo bastante coisa por mim — continuo. — Não acho que seja uma pessoa ruim.

Ele assente, fechando lentamente os olhos, como se estivesse pensando sobre o assunto.

— O senhor ainda não respondeu à primeira pergunta — eu o lembro, comprimindo os lábios. — Como estão as coisas por aqui? Encontrei algumas cobranças atrasadas espalhadas pela casa.

Meu pai ri.

— Você soa exatamente como seu avô — diz, brincando. — Sim, tenho contas altas, mas, continuo trabalhando para pagá-las e não me importo. Tudo tem solução.

Ainda não dou o assunto por encerrado, mas, quando tento voltar a falar sobre a relação do meu pai com meu avô, ouço um carro buzinar lá fora. Minha carona de volta ao acampamento chegou.

Eu me levanto e meu pai me abraça tão carinhosamente que me sinto como uma criança outra vez. Fecho os olhos e imagino mamãe ali conosco, me abraçando também. *Cuide dele até eu voltar*, peço a ela em pensamento.

— Onde quer que sua mãe esteja, está orgulhosa de você, filho — diz, como se soubesse o que estou pensando. — Nós dois estamos.

Eu me lembro da noite em que achei que meu pai tivesse ouvido minha conversa com Clarissa e não posso deixar de pensar que está dizendo isso em referência àquilo; o abraço com ainda mais força.

Quando saio, ainda está escuro.

O carro que me levará ao Misfit está parado e tem a porta do carona aberta, para que eu embarque.

— Então, acho que é isso — digo ao meu pai.

— Volte logo — responde ele. — E volte para ficar — continua. Mesmo tentando evitar ao máximo, vejo as lágrimas brotando em seus olhos.

Caminho até o carro sem carregar coisa alguma, nem malas, nem sacolas. E estou prestes a entrar quando ouço alguém gritando meu nome no fim da rua. Cerro os olhos para enxergar a origem da gritaria e vejo Clarissa e Bernardo correndo desesperados em minha direção.

— Espere! — grita Bernardo, quando os dois estão se aproximando.

Enfio a cabeça dentro do carro e peço ao motorista para esperar. Ele apenas gesticula “ok” com a mão.

— Que surpresa ver você aqui! — digo eufórico, caminhando até Bernardo e estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Não esperava vê-lo tão cedo.

— Não poderíamos deixar que você fosse embora outra vez sem se despedir — responde, buscando ar enquanto fala.

— Eu avisei que você estava indo embora hoje. — Clarissa chega segundos depois, também ofegante de tanto correr.

— Então, quer dizer que vocês voltaram a conversar normal? — pergunto, desconfiado.

Clarissa revira os olhos e Bernardo levanta uma das sobrancelhas.

— Contanto que ela não envolva os novos amigos dela em nossos assuntos — responde, hesitante.

— Cala a boca — briga Clarissa. — Você nem os conhece.

— Eles parecem ter saído de *Skins* para a vida real. — Entro no meio dos dois. Bernardo solta uma gargalhada. Clarissa resiste um pouco, mas acaba rindo também.

— Parecem, mesmo — assume, fingindo-se de irritada.

O motorista buzina novamente, atrapalhando nossa conversa.

— Acho que isso significa que devo ir, não é? — ironizo, apontando para o carro.

Bernardo se aproxima e me abraça, sinto o cheiro forte do seu perfume e penso em todas as vezes que aquele mesmo cheiro me fez ter pensamentos que não conseguia entender muito bem na época. Depois de beijar Henrique, tudo havia se encaixado.

— Se cuida, Demo — diz, se afastando.

— Valeu.

Clarissa está chorando, mas nada escandaloso demais ou dramático. As lágrimas passam por sua maquiagem e escorrem negras, manchando seu rosto.

— Vem cá. — Eu a puxo para um abraço apertado. — Você é incrível.

— Eu sei — diz ela, fungando.

— Se cuida, tá?! — peço, olhando no fundo dos seus olhos. — Juízo!

Ela assente.

Aceno para meu pai uma última vez e sorrio para cada uma daquelas pessoas. Meu coração se aquece e entro no carro, onde já encontro a venda. O motorista liga o motor e começo a colocá-la, mas, antes de encaixá-la totalmente, vejo o carro do meu avô virando a esquina.

— Você precisa colocar a venda, Dimitri — ordena o motorista.

Vibrando com a imagem do meu avô chegando e indo ao encontro do meu pai, cubro os olhos e tudo volta a ficar escuro.



— Sabia que a flor de lótus era um símbolo meio importante para o povo do Egito? — pergunta Alma, abaixando o livro sobre jardinagem e revelando o rosto.

— Quê? — devolvo, confuso.

— Sim — ela continua —, eles gostavam dela porque simbolizava a

ressurreição, uma vez que todas as noites ela se recolhia e submergia, para no dia seguinte desabrochar linda e pura novamente.

— Não, eu quis dizer, por que você está me contando isso?

Alma fecha o livro e caminha até onde estou sentado, andando cuidadosamente para não pisar nas plantas da estufa.

— Porque, além de ser uma informação extremamente interessante, achei que fosse te animar um pouquinho — explica, se ajeitando ao meu lado. — Você parece tão distraído e desanimado depois que voltou da visita.

— Impressão sua — digo, mesmo sabendo que não é verdade.

— Sempre que você vem para a estufa, fica com essa expressão pensativa — ela brinca. — Você chegou a detalhar para minha mãe como foi a sua visita?

— Sim — minto. Não era como se eu estivesse mentindo completamente.

Depois que voltei precisei conversar com Suzana e contar tudo o que tinha acontecido durante o tempo que passei em casa, mas após descobrir que havia, de fato, algo que a coordenação estava escondendo, passei a evitar me abrir demais com a acompanhadora. — Já percebeu que sempre me pergunta se estou falando com ela?

— Porque me preocupo — responde, diretamente. — Você está assim porque *ele* ainda não voltou, não é?!

Quanto a isso, Alma estava certa. Henri ainda não havia voltado da visita e, apesar de me manter calmo na maior parte do tempo, eu começo a ficar com medo de que ele não retornasse. Não que eu vá piorar sem sua presença ou algo do tipo, porque minha melhora não depende dele, mas é bom tê-lo ao meu lado enquanto lido com as coisas com que ainda não sei muito bem como lidar.

— Sim — respondo, mantendo o olhar baixo. — Estou com saudade dele e tenho medo de que não volte — revelo, olhando para ela.

Alma desvia o olhar e pigarreia, o que estranho um pouco.

— Ele vai voltar! — afirma, sem jeito. — Já foi confirmado.

Coloco-me em pé, surpreso.

— Como assim, “confirmado”?

— Eu simplesmente sei — diz, dando de ombros.

Alma está escondendo alguma coisa. Continuo encarando enquanto ela levanta e pega novamente o livro que estava lendo momentos antes, tentando escapar da minha pergunta.

— Alma, como você sabe que o Henrique está voltando?

A garota suspira, relaxando os ombros.

— Eu meio que vi no sistema — confessa, franzindo as sobrancelhas.

— Você o quê???

— Vi no sistema — repete, agora mais confiante sobre o que está contando, mas

ainda carregando certa culpa no olhar. — Quando você chegou e o Henri não tinha retornado, fiquei preocupada — explica. — Então, entrei no computador do meu pai escondido e busquei pelo nome de Henrique até encontrar um e-mail do tio dele que dizia que ele precisaria de um pouco mais de tempo em casa até conseguir voltar para cá — diz ela, ficando em silêncio à espera de minha resposta.

Droga. Se Henri estava com o tio, então, certamente, alguma coisa deu errado em relação aos pais dele. O que será que havia acontecido? Estremeço ao pensar nele sendo rejeitado pela própria família e tendo que lidar com as crises sozinho. Fico desesperado.

— Preciso do seu celular — disparo.

— Você sabe que não posso entregá-lo pra você, Demo — responde ela, desanimada. — Eu já quebrei regras demais.

Ela tem razão. Se Alma não se sente confortável fazendo aquilo, eu não deveria de jeito nenhum pressioná-la, é completamente errado.

— Tudo bem, obrigado — termino, comprimindo os lábios. — Vou tentar falar com ele de outra maneira.

Começo a caminhar em direção à saída, pensando na possibilidade de implorar para que Suzana me dê autorização para entrar no Facebook e mandar uma mensagem para Henrique, mas sei que aquilo seria quase impossível.

— Ei, Demo — Alma chama, me fazendo parar. — Mesmo se entregasse o celular pra você, não teria internet para conversar com ele.

Concordo com a cabeça. É completamente compreensível; não quero que Alma se sinta culpada por algo que não está em seu alcance.

— Fique tran... — tento responder, mas ela me interrompe.

— Mas sei de um lugar onde tem internet — confessa, dando um sorrisinho de lado. — Só porque eu não posso quebrar mais regras, não significa que não possa te ajudar a quebrar algumas.



CAPÍTULO DEZ



Eu levei meu amor e o destruí

Eu escalei uma montanha e voltei

E eu vi meu reflexo nas colinas cobertas de neve

E a avalanche me derrubou

“Landslide”, Fleetwood Mac^[12]

O escritório do pai de Alma ficava no segundo andar do casarão principal do acampamento, onde era proibida a entrada de campistas. Porém, como as salas de Suzana e Laura ficavam no mesmo andar, Alma e eu esperamos o horário em que mais adolescentes estavam na parte de baixo para conseguirmos distração e subimos pela escada de emergência sem que nos vissem. O barulho de nossos sapatos no chão de mármore era quase imperceptível; mesmo assim, ainda tomamos cuidado para que ninguém nos ouvisse caminhar.

— Siga até o fim — sussurra Alma, indicando que o escritório do pai está atrás da última das inúmeras portas do corredor.

— Você tem certeza de que ele não está lá? — tento falar o mais baixo que consigo. Alma comprime os lábios e faz um bico, pensativa.

— Não — diz. — Por isso, irei na frente para conferir.

Ela destrava a maçaneta aos poucos, olhando pela fresta da porta para ver se o pai está lá dentro. Quando termina de abrir, sinaliza com a mão que não há ninguém na sala, o que significa que podemos seguir com o plano.

Começamos a procurar pelo notebook. Pensamos que estaria na mesa principal do escritório, mas, como não o encontramos, passamos a vasculhar tudo, o que é mil vezes mais arriscado caso alguém entre e nos veja.

— Você procura pela esquerda e eu, pela direita — Alma dispara, indo em direção à estante de livros.

Concordo, olhando para os armários de documentos no lado em que eu havia sido designado a procurar. Puxo a primeira gaveta e descubro que está trancada, xingo em voz baixa. Consigo abrir outra, mas me surpreendo ao perceber que está vazia, assim como a terceira gaveta. Chamo Alma e mostro o que encontrei, ou melhor, o que não encontrei. A garota me encara confusa.

— Que estranho — diz. — Alguns meses atrás, meu pai comprou armários novos justamente porque disse que não tinha mais espaço para guardar os documentos do acampamento. — Alma começa a abrir cada uma das gavetas e nos damos conta de que não há nada em nenhuma delas.

Vou até a estante de livros, começo a retirá-los das prateleiras e empilhá-los na

mesa ao lado para ver se o notebook está escondido no espaço atrás deles, mas percebo que há muitas prateleiras e levaria horas até que eu conseguisse retirar tudo sozinho. Então, Alma passa a me ajudar, devolvendo aos seus lugares os livros em que eu já havia mexido. Entre uma prateleira e outra, percebo que ela olha fixamente para o livro que segura nas mãos, a capa é escura e o título o revela como um dicionário da língua portuguesa.

— Dimitri, acho que encontrei algo — diz ela, me encarando com as sobrancelhas baixas, tensa.

— O notebook? — pergunto, mesmo sabendo que seria impossível enfiar um aparelho eletrônico daquele tamanho dentro do livro. — Ou outra coisa?

— Outra coisa — Alma responde, usando as mesmas palavras que eu.

Assim que me aproximo, ela vira o miolo do livro na minha direção e percebo que as páginas estão cortadas no meio para que pudessem guardar coisas ali.

Mesmo assim, quando fechado, parece um livro normal no meio de tantos outros.

No esconderijo, me deparo com uma chave, antiga e corroída pelo tempo. Com cuidado, Alma retira a chave do livro e o coloca de volta na prateleira, respeitando a ordem em que tudo estava antes de nossa inspeção.

Ouçõ o barulho de passos no corredor e, sem pensar duas vezes, pego a chave da mão de Alma e a enfio no bolso da calça. Ela me olha com reprovação, mas depois ignora ao lembrar que estaríamos ferrados caso o pai dela nos visse em seu escritório.

Não tenho certeza de se o que ouvi eram realmente passos ou se foi apenas minha cabeça pregando peças, mas não posso arriscar.

— Vamos sair daqui — disparo, o coração acelerando.

— Sem falar com o Henri? — pergunta Alma, se certificando de que eu não iria me arrepender depois. — Não quer continuar procurando o computador?

— É perigoso demais — explico. Não gosto de ficar em estado de alerta o tempo todo, e pensar que alguém pode entrar por aquela porta principal a qualquer segundo me deixa ansioso. — É melhor irmos.

Alma concorda, mas, antes de sair, sugere que devemos terminar de arrumar a bagunça que fizemos. Terminamos de organizar os livros e saímos do escritório. Assim que descemos os degraus, respiramos aliviados.

— Droga — desabafo. — Queria ter falado com ele.

Alma assente.

— Podemos tentar de novo amanhã — responde, na esperança de conseguir me animar.

— Não sei... — digo. Quero saber quando Henrique irá voltar, mas agora a chave que está em meu bolso não me permite pensar em mais nada. — Talvez.

— A chave está com você, não é? — pergunta, e procuro sinais de preocupação ou acusação em seu tom de voz, mas não encontro.

— Está — respondo, pegando o objeto do bolso e o levando à altura de nossos olhos. — E não consigo tirá-la da cabeça. Acho que devemos testá-la na fechadura dos túneis — disparo. — Pode ser que o computador esteja lá. Sei que as chances de o notebook estar na sala secreta são praticamente nulas, mas não custa tentar. Além disso, preciso descobrir o que há por trás daquela porta e os motivos para o pai de Alma mantê-la de forma tão sigilosa.

— Não sei, Demo — retruca ela, mas se interrompe. — Ao mesmo tempo que quero descobrir o que está escondendo, também tenho medo de invadir a privacidade dele.

— Mais do que já invadimos hoje? — ressalto, lembrando que havíamos acabado de entrar no escritório de seu pai. — O que você acha que tem lá embaixo?

— Sei lá, espero que sejam coisas velhas e que ninguém mais usa aqui no acampamento.

— E se for algo maior? Alguma coisa sobre a qual você não faz ideia.

Alma franze o cenho.

— Tipo o quê? — pergunta.

Penso em falar do título da matéria que li sobre o avô dela ter sido preso, mas acabo desistindo porque sei que não é muito educado nem agradável falar coisas desse tipo de repente.

— Sei lá, um quarto erótico — brinco, tentando desfazer o clima tenso que eu mesmo criei.

— Que horror, Dimitri! — exclama, cobrindo os lábios com as mãos ao rir. — Não quero nem imaginar esse tipo de coisa.

Começo a rir também. Conversar sobre aquilo com Alma faz com que suas bochechas fiquem vermelhas; certamente, não costumava falar, sequer pensar, sobre o assunto. Alma interrompe a risada e olha por cima de meus ombros, então, acabo ficando tenso. Quando olho para trás, vejo Serena se aproximando, caminhando lentamente pelo corredor com expressão curiosa.

— O que não consegue nem imaginar?

Tento colocar a chave de volta no bolso sem chamar a atenção de Serena, mas é tarde demais, ela encara o objeto e levanta uma das sobrancelhas.

— Isso é o que estou pensando? — pergunta, a voz fica aguda de excitação.

É inútil mentir para Serena porque ela está literalmente de cara com a verdade.

Aperto a chave na mão e sinto o metal gelado na pele. Alma me olha com o canto dos olhos e assente, indicando para ir em frente.

Respiro fundo.

— Sim, achamos que é a chave da sala dos túneis.

Serena fica com a boca semiaberta e estende a mão para que eu entregue o objeto, mas não faço o que ela quer.

— Quando é que vamos tentar abrir? — dispara, percebendo que não lhe darei a chave.

— Não sei. Acho mais justo esperar o Henrique voltar.

Alma se movimenta desconfortável atrás de mim.

— Ele pode demorar semanas para voltar — ressalta minha amiga, o que me deixa surpreso, porque não esperava essa reação partindo dela.

— Concordo com Alma. — Serena aproveita para tentar conseguir o que quer a partir da fala de Alma, concordando com o que fala mesmo não gostando dela.

— Vamos tentar abrir esta noite, então. — Alma se coloca na minha frente, posicionando-se contra Serena.

— Combinado — concorda a outra.

Quando Serena se dá por satisfeita e vai embora, nos deixando sozinhos no corredor do do casarão, estremeço com a ideia de descer nos túneis mais uma vez.

— Ela sempre conversa comigo com esse tom superior — exclama Alma, irritada. — Vou esfregar na cara dela que eu não tenho nada para esconder.

— De onde veio toda essa atitude? — pergunto, admirado.

— Sei lá. Só cansei de ser subestimada por ela.

— Gostei.

É bom ver as pessoas de quem gostamos saindo de suas zonas de conforto e enfrentando o mundo. Puxo Alma para perto e passo o braço por cima de seu ombro, e, assim, saímos juntos do casarão.



O chão está úmido e há mais goteiras do que nunca ecoando pelas paredes do túnel. Piso em algumas poças de água enquanto caminho em direção à porta secreta e sei que sou parte responsável por aquela semi-inundação, porque abri a saída que dá para o lago na última vez em que estive aqui.

Somos um quarteto agora: Serena, Diego, Alma e eu. Os dois primeiros andam atrás de mim, desesperados e inquietos para saber o que há atrás da porta, conversando coisas que não consigo entender.

A chave continua comigo porque não confio em Serena nem em Diego o suficiente para deixar com eles. Apesar de Alma estar comigo, não me sinto totalmente à vontade naquele ambiente. Meus ombros estão enrijecidos e tenho uma dor de cabeça que vai e volta a cada cinco minutos. Sem Henrique, é como se estivesse traindo sua confiança, e é estranho desvendar o mistério sem tê-lo por perto.

— Vamos acabar com isso logo de uma vez, cara — exclama Diego, ordenando de maneira rude que eu abra a porta com mais agilidade.

Eu me seguro para não revirar os olhos ou soltar um palavrão.

— Por que eles ainda não namoram? — brinca Alma, cochichando em meu ouvido a pergunta sarcástica. — Serena e ele combinam tanto em questão de chatice.

Dou um sorriso com o canto dos lábios porque sei que ela ironizou a situação para tentar amenizar o meu nervosismo e acalmar minha ansiedade.

Vou até a porta secreta, retiro a chave do bolso e a encaixo na fechadura. Eu me assusto quando a viro e ouço o estalo responsável por destrancar a porta.

Atrás de mim, os campistas deixam de respirar por alguns segundos. Num ato de coragem, empurro a porta e ela se abre.

Está escuro lá dentro, então tateio a parede à procura de um interruptor. A sala se ilumina. É um pequeno espaço, pouco maior que meu dormitório. Não vejo nenhuma janela, mas está recheada de armários iguais aos do escritório do pai de Alma. Eu me lembro do que a garota me falou de tarde, que seu pai havia encomendado mais armários para guardar os documentos, e me pergunto se são esses.

Serena e Diego correm para dentro da sala num piscar de olhos. Com Alma, acontece o contrário. Ela está hesitante na soleira da porta e seus grandes olhos encaram o ambiente, parecendo temer qualquer informação que possa encontrar. Eu a chamo, encorajando-a a se juntar a mim, mas ela não se move.

Ouço o barulho de uma das gavetas sendo aberta e percebo que Serena já tem em suas mãos alguns papéis. Ela os segura e passa os olhos por cima rapidamente, tentando obter informações que julgue úteis. Diego faz o mesmo do lado oposto da sala. O garoto folheia simultaneamente vários papéis, como se tivesse a capacidade de ler todos ao mesmo tempo.

— Vocês são rápidos — ironizo, mais jogando uma indireta do que tentando elogiá-los.

— Estamos esperando por isso há meses, então, faz sentido estarmos curiosos, não é?! — responde Serena, retoricamente.

— Além disso, acho que até você agiria rápido se percebesse o conteúdo desses papéis. — Diego entra na conversa, estendendo em minha direção uma das pastas repletas de folhas que está segurando. — Veja com seus próprios olhos. Assim que pego os documentos, sinto como se fizesse algo errado, mas, no momento em que meus olhos batem na primeira linha do papel, não consigo mais parar de ler.

“Jovens torturados em acampamento finalmente quebram o silêncio.”

É o título.

Pisco os olhos algumas vezes para ter certeza de que não estou lendo errado.
— Caramba, isso é pesado! — exclamo, mais para mim mesmo do que para as pessoas que estão ali comigo.

Encaro Alma e me pergunto se fiz a coisa certa ao envolvê-la e aceitar trazê-la. Agora sei do que os papéis tratam, e seu conteúdo pode acabar com a imagem que ela tem da família.

Abro uma por uma as gavetas que ainda não foram abertas e começo a deslizar pelos documentos. Cada um deles conta detalhes sobre os primórdios do Misfit. Dezenas de reportagens, documentos da polícia e depoimentos relatam o que aconteceu com os jovens que estavam no acampamento algumas décadas atrás e o que sofreram nas mãos de Vladimir Lafaiette, avô de Alma.

Resumidamente, esta é a história: Vladimir fundou o Misfit no final da década de 1980 para poder ajudar jovens rebeldes, no auge de suas vidas e levando a frase “sexo, drogas e rock’n’roll” como mantra, a se reintegrarem na sociedade. A maioria deles, porém, era colocada ali contra a própria vontade, apenas para que não fizessem nada que pudesse manchar a imagem de suas famílias – muitas, abastadas e pertencentes à classe alta.

No entanto, como foi descoberto mais tarde, a situação saiu do controle quando os jovens começaram a se rebelar ao terem seus direitos de liberdade revogados. Foi aí que Vladimir, em meio à confusão e com medo de ver seu império ruir, permitiu que os profissionais que trabalhavam no Misfit na época castigassem de maneira violenta quem violasse as regras.

Resultado: as agressões acabaram sendo denunciadas pelos próprios funcionários e o acampamento fechou as portas sete anos após a abertura, devendo milhares de reais em indenização aos campistas e com muitos processos nas costas.

Então, o pai de Alma decidira reabrir o Misfit anos depois mesmo sabendo que o acampamento carregava uma história tão cruel e pesada em seu passado?

— RATOS NOJENTOS! — grita Serena. — Eu sabia que estavam escondendo alguma coisa grave!

— É doentio — concorda Diego, enojado. — Como é que conseguiram varrer essa sujeira toda para debaixo do tapete?

Fico em silêncio, terminando de ler os papéis.

— Sabe o que é mais doentio ainda? — Serena caminha devagar até o meio da sala, seu tom de voz está alterado e consigo sentir o clima pesando. — Ela nos observar como se não soubesse de nada. — Aponta para Alma.

Minha amiga não parece tão surpresa com essa atitude, mas sei que não fazia ideia da história por trás do acampamento, caso contrário, teria me contado.

Serena, no entanto, nunca gostou de Alma, e descobrir a verdade apenas ressaltou o que sentia.

— Ela não sabia de nada — disparo, entrando no espaço entre as duas.

Serena dá uma risada irônica e me fuzila com o olhar.

— Dimitri, ela é neta do criador disso aqui! — exclama. — É claro que sabe de tudo!

Alma decide entrar na sala, anda até meu lado e delicadamente segura a minha mão.

— Sei do quê? — pergunta, meio rouca.

Com cuidado, explico lentamente o que acabamos de descobrir sobre o passado do acampamento. Pela expressão de Alma, vejo o mundo dela se esvair diante de seus olhos.

— Além de falsa, também é atriz? — provoca Serena.

— Vê se dá um tempo! — retruco.

Alma abre a boca para falar, mas acaba não dizendo nada.

— E agora? Como vamos derrubar este lugar?

Enquanto Serena e Diego falam, uma folha caída no chão atrai minha atenção. É um depoimento de um dos ex-campistas que passaram meses trancafiados. A foto da matéria do jornal foi o que prendeu meu olhar: o garoto nela tem cabelos claros, olhos verdes e pele bronzeada. Um arrepio sobe por minha espinha ao perceber a semelhança com alguém que conheço. Agarro a folha e começo a ler à procura de um nome. Não demoro muito a achar: logo abaixo do depoimento, escrito em letras garrafais, está o nome “Álvaro Gomez”, mesmo sobrenome de Henrique. Sei que poderia ser apenas uma coincidência, mas, cada vez que volto a olhar para a foto de Álvaro, mais semelhanças encontro entre aquele jovem torturado e o tio de Henrique na foto do Facebook do garoto.

— Naquela noite em que o Fantasma me colocou no lago — começo —, vocês já o ajudavam?

A discussão acaba no momento em que faço a pergunta. Diego e Serena trocam olhares, calados. Começo a ranger os dentes de ansiedade.

— Isso foi há meses, por que quer saber disso agora? — Serena tenta se esquivar da pergunta, mas não vou deixá-la fugir do assunto.

Estico a folha com a foto do tio de Henrique para que todos possam ver. Eles demoram um pouco para entender, mas, finalmente, chegam à mesma conclusão que eu.

— Não sabíamos o motivo por que *ele* estava fazendo aquilo — Diego começa.

— M-mas ele também nunca deixou claro seus motivos para nós — gagueja, despejando a verdade em cima de mim.

Reparo que o rosto de Serena está completamente vermelho, e ela cerra os punhos após ouvir o amigo confessar o que sabia.

— O quê? — pergunto, talvez eu saiba a resposta, mas não quero dizer em voz

alta para que não pareça verdade.

— Henrique é o Fantasma — responde Serena, seca e sem indício de compaixão em sua fala. — Descobrimos na noite em que te colocamos no lago, e, por acaso, sim, fomos nós dois que te enfiámos lá depois de colocar uma coisa na água do seu quarto para fazer você dormir. — Ela aponta para Diego. — *Sorry*, só queríamos dar um sustinho na coordenação. Você tinha acabado de chegar e defendia o acampamento, não foi nada pessoal.

Meu sangue começa a ferver de raiva. Busco ajuda no olhar de Alma, mas ela está completamente perdida nas próprias frustrações.

— Henrique ficou muito bravo depois que descobriu o que fizemos com você e se assumiu como o Fantasma. Antes disso, eu achava que ele era só mais um que apoiava as ações — explica Diego. — Mas não tínhamos a menor ideia do motivo de ele agir daquele jeito. Ele dizia que precisava abrir a sala secreta para conseguir entender.

Sinto como se o mundo estivesse desabando à minha volta, como se um apito fosse colocado no volume máximo em minha orelha. Meu estômago revira como se estivesse fazendo a coreografia mais complicada que existe, me fazendo ter náuseas e achar que posso vomitar a qualquer momento.

É como se tivesse entrado de volta em minha bolha, mas ela se fecha cada vez mais e me sufoca, não me deixando fugir. Quero respirar, mas não consigo, e isso me desespera. Minha mente se resume em um monte de rabiscos, um turbilhão de informações e emoções, como se tudo tivesse se transformado em chiado. Sou como uma televisão fora do ar, distante da realidade e bagunçada, sem conseguir captar com clareza qualquer coisa a minha volta.

Largo as pastas, que caem no chão. Os papéis voam para todos os lados. Saio correndo da sala e acabo esbarrando em Alma, que me pergunta alguma coisa, mas não consigo responder. Agarro a escada de ferro e subo cambaleando em direção à escotilha; preciso de ar.

Penso no que posso fazer para parar de me sentir mal, mas desisto. Quando finalmente estou fora dos túneis, corro pela floresta e em segundos estou de volta ao meio do acampamento. Sinto os braços doerem e, quando olho para o meu corpo, estou cheio de hematomas, por esbarrar nas árvores no meio do caminho. Entro no dormitório ignorando os olhares em minha direção. Os campistas à minha volta riem, conversam e vivem suas próprias vidas como se fosse apenas uma noite normal. São coadjuvantes, personagens secundários deste filme de terror em que estou preso. Quando chego ao quarto, vou direto para o banheiro e me jogo no chão diante do vaso sanitário. Meu estômago se revira e começo a vomitar, a ardência machuca minha garganta e sinto as lágrimas escorrendo por meus olhos. É como se alguém tivesse chacoalhado minha cabeça e bagunçado

tudo o que eu achava saber. Minha mente não consegue assimilar quase nada e só o que ouço saindo de meus lábios trêmulos são lamentações que nem eu mesmo consigo entender.

Do outro lado do quarto, percebo a porta de entrada bater e os passos de alguém correndo em direção ao banheiro, tentando abrir desesperadamente a porta que eu havia trancado. Sinto o medo e a vergonha de ser visto naquela situação, então, me encolho no lado oposto por alguns segundos.

Penso em permanecer em silêncio e fingir que estou bem, mas a pessoa está aflita e começa a tentar arrombar a porta.

Ainda deitado no chão e debruçado no vaso sanitário, estico o braço e destravo o trinco.

A primeira coisa que percebo são os olhos verdes me encarando assustados, e tremo por inteiro ao vê-lo outra vez.

Ele está de volta.

Henrique se aproxima e se ajoelha do meu lado.

— Você mentiu pra mim — digo, deixando a mistura de dor e raiva fluir por meus lábios.

Então, ele me abraça.



CAPÍTULO ONZE



Pois somos os mestres de nosso próprio destino

Somos capitães de nossas almas

“Lust for Life”, Lana Del Rey^[13]

É como se eu estivesse partido ao meio.

Uma parte de mim quer que Henrique vá embora e nunca mais volte e a outra metade quer que ele fique ao meu lado para sempre naquela posição, com minha cabeça aninhada em seu peito.

Cada vez que tento dizer alguma coisa, ele me abraça mais forte. Apesar de não me deixar ser abraçado por ele, também não tenho vontade de afastá-lo de forma brusca.

Minha respiração é turbulenta, inconstante, desesperada. Abro a boca à procura de ar, mas, não importa o quanto tente respirar, não pareço me satisfazer e acabo ficando com tontura.

— Você mentiu — repito, meu nariz e meus olhos ardem, mas ignoro a sensação.

— Calma — ele pede, sussurrando em meu ouvido. Sua voz é suave e o sotaque carioca é tão forte quanto eu lembrava.

Quando sinto o corpo dele me esquentando é que percebo que estou com frio e que meus membros não param de tremer.

— Nunca tive calma, Henrique — respondo, levantando a cabeça e o encarando. Seus cabelos estão bagunçados e ele está vestindo a camiseta branca que já o vi vestir centenas de vezes. Agora, está totalmente amassada pelo contato dos nossos corpos.

Henrique afaga carinhosamente a minha cabeça e assovia uma melodia que reconheço no momento em que chega o refrão. É “Can’t Help Falling in Love”, do Elvis Presley.

— Sabe, sempre gostei dessa música — diz ele, parando de assoviar. — Meu tio costumava colocar para tocar em seu quarto na época em que morei com ele. Sinto uma pontada no coração ao ouvi-lo mencionar o tio.

— E, no dia em que contei para ele que gostava de garotos, numa noite chuvosa e solitária, meu tio apenas caminhou até o rádio e apertou o botão do play — conta. — “Like a river flows, surely to the sea / Darling, so it goes somethings are meant to be”^[14], ele cantou para mim.

— Por que está me contando isso agora? — pergunto, entredentes.

— Porque você precisa entender o motivo pelo qual fiz o que tive de fazer.

Congelo. Não sei se devo acreditar assim no que ele me conta, afinal, ele traiu minha confiança antes, não é?! Mordo a ponta da língua e aperto os olhos, na esperança de conseguir controlar as lágrimas.

— Então você realmente é... — É difícil dizer em voz alta. — O Fantasma? Henrique respira fundo, até que assente.

Meu coração se quebra em mais mil pedaços e não tenho forças para continuar fazendo perguntas. Quando tento dizer quaisquer palavras, sou interrompido por meu próprio soluço, como se não tivesse mais voz. Enterro o rosto no ombro dele e o deixo terminar o que tinha para me dizer.

— Como já havia dito para você na praia, meu tio foi a única pessoa que realmente se importou comigo na época em que eu mais precisava. Eu estava em um péssimo período e ele praticamente me tirou do chão para me ensinar a amar quem eu era e ter orgulho da pessoa que sou. Por esse motivo, quando ele me contou sobre o que havia passado no acampamento, eu fiquei indignado. — Ele fala como se sentisse o efeito de cada palavra que sai de seus lábios. — Às vezes, ele tinha pesadelos com as lembranças dos meses que passou trancafiado nas mãos do Vladimir, acordava aos gritos no meio da noite e pedia para que eu não ficasse com medo caso o encontrasse perambulando choroso no meio da casa. Mesmo com vários anos de terapia, alguns dias ainda são extremamente difíceis para ele. Pesquisando sobre o passado do meu tio, descobri por acaso que o Misfit havia sido reaberto pelo filho do Vladimir e que ele tentava apagar toda a imagem ruim da família sobre o que havia acontecido anos antes para retornar com os negócios. Mas é impossível querer esconder algo tão terrível, é como tentar varrer um elefante para debaixo do tapete.

Minha respiração está voltando ao normal e já não me sinto mais tão enjoado.

— Ainda antes de vir para o Misfit, descobri que, apesar de Vladimir ter sido preso, ele não permaneceu em cárcere por muito tempo, porque tinha muito dinheiro. Acabou vivendo a vida como se nunca tivesse causado sofrimento a ninguém — Henrique continua. — E Álvaro, seu filho, estava fazendo tudo o que podia para encobrir o passado do pai. Vim para o acampamento por esse motivo. Já que o sistema deixou o Misfit se reerguer das cinzas sem punições, eu tentaria destruir o acampamento de dentro, assustando os campistas e revelando a verdade para cada um deles.

— Então, seus pais nunca te mandaram para cá por ser gay? — indago. Apesar de entender os motivos, ainda não consigo acreditar que ele mentiu para mim durante tanto tempo, me contando uma versão editada da sua vida. Eu me sinto bem idiota por ter me sentido mal por ele. Fui estúpido, inocente e burro. Quero me soltar dos braços de Henrique e estapear meu rosto para deixar de ser tão tonto, quero tatuar a frase “não confie em ninguém” por toda a minha pele para

nunca mais me esquecer disso.

— Não! — exclama. — Quero dizer, sim — corrige, apertando os olhos. — Não via meus pais fazia um tempo, desde que havia ido morar com meu tio. Então, foi ele quem assinou os documentos para me mandar para cá depois que eu lhe contei o que estava planejando — explica. — Todo o resto que te contei era verdade, Demo. Meus pais não me aceitam!

Fico em silêncio, imaginando como seria ser rejeitado pela família e ver o único parente que te acolheu sofrer enquanto as pessoas que o torturaram continuaram livres pelo mundo.

— Diego e Serena me contaram que não foi você que me colocou no lago naquela noite.

Henrique tira minha cabeça de seu ombro e olha bem nos meus olhos. Tento desviar, mas acabo sempre olhando de volta para ele.

— Eu parei de trabalhar no meu plano no momento em que você chegou, Dimitri — diz ele, e encaro seus lábios rachados enquanto ele articula as palavras. — No momento em que você entrou pela primeira vez pela porta do quarto, meu mundo inteiro virou de ponta-cabeça e eu não conseguia pensar em nenhuma outra coisa. Descobri que Diego e Serena haviam se transformado em meus seguidores, ou melhor, seguidores do Fantasma, e tentariam fazer as próprias armações para derrubar o Misfit. Foi aí que percebi que as coisas poderiam sair do controle e eu seria o culpado por prejudicar campistas que estão aqui porque realmente precisam de ajuda, então, deixei tudo de lado.

— E seu tio?

— Conversei com ele nestas últimas semanas, foi por isso que demorei a voltar — conta. — Falei para ele tudo o que havia acontecido e ele decidiu que tinha sido uma péssima ideia me deixar fazer isso, que era adulto e tentaria resolver da maneira dele.

— É muita coisa para absorver — é o que consigo dizer. Ainda me sinto traído por ele ter escondido tanta coisa de mim, mas, após ouvir sua versão da história, entendo perfeitamente seus motivos. Acho que eu faria qualquer coisa desse tipo caso algo acontecesse com meu pai. Na maioria das vezes, não medimos esforços para ajudar quem amamos e isso só comprova o sentimento, esse querer tão grande que não enxerga limites, embaçando até as barreiras do que é certo e do que é errado.

Desta vez, sou eu quem o abraço mais forte, mas ainda não estou preparado para deixá-lo voltar a minha vida. A linha entre a confiança e o medo de me machucar por confiar na pessoa errada é tênue.

Henrique desarma o corpo e derrete perto de mim, relaxando ao perceber que também estou ficando mais calmo com a situação.

— Preciso de um tempo para pensar — concluo, achando que era a melhor coisa a dizer naquele momento. Minha respiração fica cada vez mais linear enquanto estamos abraçados.

— Você tem todo o tempo do mundo — responde ele.

Ficamos em silêncio por algum tempo, apenas sentindo um ao outro.

— Nessa volta para casa, conversei com meus pais. — Henrique respira fundo e prende a voz, como se estivesse esperando muito tempo para me contar aquilo.

— E o que aconteceu? — pergunto, quase sussurrando.

Ele demora a responder e não sei muito bem o que esperar.

— Eles continuam achando que preciso arrumar um jeito de “virar hétero” — ele lamenta. — Ainda querem me proibir de ser quem eu sou.

— Não entendo por que as pessoas ainda acham que podemos “virar” algo — protesto, me afastando um pouco. — Não faz sentido, você é assim e pronto. — Ele assente. — Você está bem em relação a eles não te aceitarem?

— Não — diz ele, e posso ver a frustração em seus olhos. — Mas o mundo é grande demais para deixar de ser quem eu sou por causa de pessoas com mentes tão pequenas.

É estranho como o clima muda em questão de minutos quando se trata de emoções e pessoas. Palavras realmente são poderosas e conseguem reconstruir uma cena inteira. Sentimentos são assim, bons ou ruins: eles vêm para cima de nós como ondas gigantes, sem se importar se seremos capazes de atravessá-las. Simplesmente vêm e nos arrebatam, afogam e chacoalham, nos deixando na beira da praia para que, quando levantarmos, possamos olhar para o horizonte e perceber o mundo de uma maneira diferente.

Eu me levanto ainda meio trêmulo e Henrique também fica de pé. Vou até a pia e escovo os dentes enquanto ele me observa encostado na parede.

Tenho coisas para dizer e perguntas a fazer, quero que fiquemos bem novamente, mas precisamos de tempo para voltar ao normal. Não sei quais serão os efeitos dos acontecimentos que recairão sobre nós, mas não quero que as coisas mudem demais.

Quando termino de limpar a boca, começo a sentir um cheiro forte de queimado, o que acho estranho.

— Você tá sentindo esse cheiro?

Antes que Henrique consiga responder, um alarme soa acima de nós, o som se espalha por cada canto do quarto.

Ficamos parados e sem reação, nunca ouvi aquele alarme antes e não faço a menor ideia do que significa. A resposta para minha pergunta vem segundos depois, quando um campista invade o quarto e nos pega de surpresa. O jovem está pálido e parece assustado.

— O acampamento está pegando fogo! Todos estão fugindo — diz ele, ficando parado por um momento e então desaparecendo pelo corredor.

Com a notícia, meu sistema nervoso parece ficar em alerta novamente, mas tento me controlar para não desabar outra vez.

Agarro o braço de Henrique e o puxo para fora, ele se assusta, mas entende meu desespero e passa a correr comigo. Como o corredor está cheio de campistas, nossa passagem está bloqueada. O cheiro provocado pelo fogo fica cada vez mais forte e começo a entrar em pânico quando vejo a fumaça se espalhando pelo ar. Perco a paciência, empurro algumas pessoas e volto para o quarto, arrastando Henrique. Abro a janela e o mando sair. Ele não espera que eu peça duas vezes, apenas se enfia por lá e vai para o lado de fora. Eu faço o mesmo. O lugar está um caos. Há campistas correndo para todos os lados, gritando à procura dos amigos e alguns até tentando carregar os pertences, deixando cair os objetos no caminho. O ar está pesado e é difícil respirar com tanta fumaça. Por enquanto, estamos seguros, o fogo não chegou perto do dormitório masculino, se alastra para o lado oposto ao do lago, onde começa a floresta.

Fico aliviado ao ver que não há ninguém onde o incêndio realmente está acontecendo, agradeço por termos sido avisados antes que o pior pudesse ter ocorrido.

Henrique me tira do lugar e me guia em direção ao casarão principal, por onde precisamos passar para chegar ao estacionamento, mas ele congela momentos antes de entrarmos na fila com os outros jovens que esperavam para sair.

— Ditrimi, você percebeu onde o incêndio começou? — A voz dele está tensa. Não preciso responder para saber o que está querendo dizer.

Incêndios não começam por acaso, e era possível observar que aquele havia começado especificamente no lugar onde mais queimava: na floresta.

Quase desabo no chão ao pensar que os túneis ficavam no meio das árvores e que quando eu saíra correndo de lá, Alma, Diego e Serena permaneceram no lugar.

— Temos que voltar — exclamo, desesperado.

Henri não tenta me impedir, sabe o que está acontecendo e parece tão assustado quanto eu. Enquanto todos correm para a saída, vamos contra o fluxo, esbarrando nos campistas aflitos. Os jovens gritam e fazem perguntas, apontando para as chamas na direção em que estamos indo, mas não paro de correr. De relance, vejo algumas pessoas paradas, como se estivessem apenas esperando que o fogo as alcançasse e as consumisse, sem mais esperanças sobre o futuro. Peço ao universo que alguém apareça para tirá-las de lá antes que seja tarde demais.

O calor é cada vez mais intenso quando nos aproximamos. Mal conseguimos

encontrar o caminho para a trilha que leva até os túneis.

Chumaços de folhas queimadas nos acompanham, voando com o vento enquanto caminhamos. Elas grudam no meu rosto e tingem minha pele de preto. Seguro firme a mão de Henrique e ele aperta a minha. Tento ignorar o medo que começa a crescer dentro de mim, mas o som da floresta queimando é alto demais para que eu possa esquecer onde estou.

A poucos metros da escotilha, enxergo um corpo na grama lamacenta. Troco olhares com Henrique e percebo que está tão assustado quanto eu; mesmo assim, corremos para conseguir ver melhor.

É Diego: ele está deitado no chão de barriga para cima, coberto de sujeira, e tem dificuldade para respirar.

— Você está bem? — disparo, temendo a resposta.

Ele tenta falar, mas dá início a uma crise de tosse que parece não ter fim. Fico agoniado de assistir a Diego se esforçando para tentar respirar em meio à fumaça asfíxiante.

— Ele precisa sair daqui — grita Henrique, agachando, verificando se Diego está bem e o ajudando a se sentar.

Enquanto Henri ajuda o amigo, começo a procurar por qualquer sinal de Alma pelo chão, mas não encontro nada que poderia indicar que esteve por perto.

— Onde está Alma? — pergunto, desesperado.

Diego arregala os olhos e engole em seco, tossindo em seguida ao se ajeitar na terra suja.

— Serena — balbucia ele — colocou fogo. — Sua fala é seca e rouca, quase como a daquelas pessoas que fumaram durante a vida inteira.

— Alma ainda está nos túneis? — Minhas pernas amolecem ao ouvir o que havia acontecido.

Com dificuldade, ele balança a cabeça e assente. Depois disso, fecha os olhos e tomba com a cabeça para o lado.

— Preciso tirá-lo daqui — diz Henrique. Seu rosto está coberto de fuligem, ressaltando os olhos no mar de escuridão e fogo.

Começo a caminhar de um lado para o outro para me concentrar e descobrir o que fazer em seguida.

— Não posso ir embora sem Alma! — disparo. Sei que posso estar arriscando a vida ao decidir buscar minha amiga, mas prefiro correr esse risco a viver sabendo que a deixei para trás. — Ela não me deixaria.

Henrique assente em silêncio porque sabe que o que estou dizendo é verdade.

— Então, irei com você! — responde Henrique, levantando-se. — Não quero ficar longe outra vez.

Antes de descer pela escotilha e entrar nos túneis, eu o beijo uma última vez.

Sinto cada parte do meu corpo se movendo, não sei se é medo ou alívio, mas sei que é

sinto cada parte do meu corpo queimar, não apenas por conta das labaredas do fogo, mas pelo que sinto por ele.

Passo pela escotilha e piso na escada. Henrique está logo atrás carregando Diego nas costas, o que me deixa apreensivo, porque Henri tem dificuldade em manter o equilíbrio enquanto desloca o pé de degrau em degrau.

Minha voz ecoa sem parar gritando o nome de Alma. Quando finalmente chegamos ao fundo, o subsolo está mil vezes mais quente do que o exterior e parece que estou em um forno prestes a explodir. Ainda não há sinais de fogo naquela área, o que me dá a esperança de que minha amiga esteja bem.

Por quanto tempo ainda estaremos a salvo? É difícil saber, a estrutura toda pode começar a ruir a qualquer momento.

Mal sinto meus pés tocando o chão enquanto deslizo entre os corredores do túnel. Sei que Henrique está atrás de mim porque ouço seus passos pesados e também consigo ouvir Diego, que, apesar de praticamente desacordado, não para de tossir.

Vou direto para a sala secreta, desejando que Alma esteja onde nos vimos pela última vez. Quando chego, a primeira coisa que percebo é que a porta está fechada. Falo um palavrão alto. Frustrado e irritado, toco a maçaneta para tentar abrir, mas o metal quente queima minhas mãos e me faz recuar.

— Está quente demais! — digo para Henrique, erguendo uma das mãos e mostrando a pele vermelha recém-queimada para ele.

O garoto me encara com as sobancelhas levantadas. O suor escorre por sua testa e desce até o pescoço, molhando a gola da camiseta. Henrique respira com dificuldade, arfando muito enquanto segura o corpo de Diego para não deixá-lo cair.

— Dimitri, é você? — Ouço, vindo de trás da porta de metal. Mesmo com o som abafado, sei que é a voz de Alma. Depois de tantas conversas na estufa, eu a reconheço mesmo a quilômetros de distância.

— Sim, estou aqui — grito, aliviado por finalmente ter encontrado minha amiga.

— Você está bem? — continuo, preocupado.

— Não — responde ela, rápido. — Serena me trancou aqui e não consigo sair.

— Ela levou a chave com ela?

— Sim, levou.

Fico em silêncio, para não transparecer a insegurança em minha voz.

Se não conseguíssemos tirar Alma da sala secreta, ela mal veria o fogo chegar e seria queimada viva sem nem saber o que havia ocorrido do outro lado da porta. Chacoalho a cabeça e expulso aquela imagem da cabeça. Não deixaria isso acontecer de jeito nenhum, daríamos algum jeito.

— Ainda está aí? — pergunta ela.

Sim

— Sim.

— O que está acontecendo aí fora?

— Serena colocou fogo no acampamento — explico, olhando para Henrique de canto de olho. Ele está com os olhos fixos no chão, assim como eu, provavelmente, pensando em mil e uma maneiras de contornar a situação.

— Em todo o acampamento? — pergunta, surpresa. — Meu Deus, isso é horrível, preciso sair daqui! — Sinto seu desespero. É tão triste vê-la naquela situação que quase desabo em lágrimas.

Abaixo a cabeça por alguns segundos para pensar, tentando colocar o cérebro para funcionar, mas não há muito o que fazer. Procuro a chave pelo chão, mas tudo o que encontro é terra e sujeira.

Agarro a maçaneta e a giro algumas vezes, dando trancos para tentar abrir a porta, mas nada acontece. Quando retiro a mão, está ainda mais vermelha e machucada, ardendo com a queimadura. *Passo errado, Dimitri*, penso.

— Machucou muito? — pergunta Henrique.

— Mais ou menos — digo, escondendo a mão para que ele não veja o dano real, mas a mentira não permanece oculta por muito tempo, e ele percebe que estou machucado.

— Precisamos derrubar a porta! — Henrique assume o controle da situação. Ele comprime os lábios e franze o cenho, parece preocupado. Henri ajeita Diego de volta no chão e vem até onde estou parado. — Alma, afaste-se da entrada! — pede.

— O que planeja fazer?

Sem responder, ele se aproxima da porta e a chuta com força. O metal treme, mas não cede. Ele tenta novamente, agora com mais intensidade, mas, assim como antes, nada acontece. Henrique não parece aceitar a resposta que o material lhe dá, então, passa a chutar a porta mais algumas vezes. Ele grita de dor e frustração a cada pontapé que dá sem resultado.

— A estrutura da porta foi afetada pelo calor — Henri afirma. — Pode cair se colocarmos força o bastante, não sei se consigo sozinho.

Balanço a cabeça, entendendo o que quer dizer.

— Vamos empurrá-la juntos, então — proponho, puxando as mangas da camiseta.

— Quando quiser — diz ele, afastando-se alguns centímetros e posicionando o corpo.

Faço o mesmo e então corremos em direção à porta, colocando toda a nossa força nas laterais do corpo, nos preparando para o impacto.

Batemos com violência no metal. Dou um grito de dor ao sentir uma forte pancada nos ossos do ombro, mas a porta ainda não cai e o impacto nos joga de encontro ao chão.

CHOCANDO O CHÃO.

— Vocês estão bem? — pergunta Alma, preocupada.

Desta vez, não respondo, pois temo ter deslocado alguma parte do corpo.

— Estamos — dispara Henrique, enquanto se recoloca de pé e estende uma das mãos para me ajudar a levantar. Meu ombro dói demais e não consigo me levantar daquela maneira.

— Vou tentar novamente — diz ele.

— Não — interrompe Alma, decidida. — Afastem-se da porta. Com o golpe de vocês, um dos trincos internos rachou e acho que consigo derrubar.

Eu me arrasto para o lado contrário e me apoio na parede. Sinto o corpo pulsar com a dor do impacto, mas tento me manter firme por Alma. Henrique também dá alguns passos para trás, mas não se distancia tanto quanto eu.

Ouçó Alma recuar, reunindo forças, e então começar a correr dentro da sala.

Com um único chute, a porta vem a baixo, fazendo a terra tremer e produzindo um estrondo ensurdecedor nos corredores dos túneis.

Ignoro a dor no momento em que vejo Alma sair triunfante da sala no meio de tanta poeira. Ela está coberta de suor e areia da cabeça aos pés, mas não hesita em me abraçar quando levanto com dificuldade.

Não sei como Alma conseguiu ficar tanto tempo trancafiada naquela sala.

Percebo que o lugar está tão abafado que é difícil até para respirar.

— Obrigada! — diz ela, em meio às lágrimas.

— Pelo quê? — pergunto. — Você derrubou uma porta de ferro sozinha! — exclamo.

— Por não ter ido embora — diz. Seus lábios tremem e por um instante acho que começará a chorar, mas nada acontece, e ela apenas leva o indicador ao rosto e se mantém firme.

Eu a abraço e digo que tudo ficará bem, na esperança de que conseguiremos sair daquela situação.

— Alma. Você. Está. Viva! — Diego parece ter acordado do desmaio e olha para a minha amiga, dizendo as palavras ainda com certa dificuldade.

Henrique corre novamente para perto de Diego e pergunta se quer que o coloque de volta em seus ombros, mas ele rejeita a oferta. Parece ter se recuperado ao menos um pouco, dizendo que consegue nos acompanhar com os próprios pés. Com dificuldade, corremos apressados na direção da escotilha.

Chego à escada antes dos outros. Olho para cima e vejo que as chamas já tomaram conta do caminho pelo que passamos para chegar até ali. A escada de ferro se retorce ao entrar em contato com a chama quente e alguns pedaços começam a cair lá de cima. Eu me afasto para não ser atingido.

Não existe possibilidade de sair pela floresta.

— Temos que sair pelo lago — disparo, alertando meus amigos de que não

sobreviveríamos caso saíssemos pelo caminho principal.

Ficamos nos encarando, trocando olhares de desespero enquanto o som de nossas respirações falhas ecoa pelas paredes e se mistura com o barulho do mundo queimando acima de nós.

— O que estamos esperando? — pergunta Alma, indo em direção à saída do lago e me tirando do transe.

Henrique e eu a acompanhamos com passos rápidos, esperando por Diego às nossas costas. Sinto a camiseta colando em meu corpo com o calor e de repente tenho um mal-estar pelo suor nojento escorrendo em mim. Quando me aproximo da saída, vejo Alma lutando para abrir a segunda escotilha. Torço para que Serena tenha conseguido escapar após ter colocado fogo na floresta, caso contrário, já estará morta.

A saída finalmente é aberta e a água começa a jorrar em nossos pés, a brisa fresca me atinge e a sensação é incrível. Respiro fundo, aproveitando o ar gélido que vem de fora.

— Você primeiro — diz Henrique, me empurrando para que eu fique à sua frente.

— Não — digo, pegando na mão dele. — Vamos juntos!

Alma nos observa com olhos brilhantes e certo grau de empatia. Estendo a mão para ela, que a agarra de primeira, formando uma corrente entre ela, Henrique e eu. Sem demorar ainda mais tempo, nos jogamos na água.

Abro os olhos em meio à escuridão molhada e não consigo enxergar um palmo à minha frente. A água esfria meu corpo e acalma meu coração. Bato as pernas, me impulsionando para cima, e vou para a superfície.

Sou o primeiro a emergir e respiro ofegante, mas tenho a chance de ver cada um de meus amigos aparecendo, flutuando até que estejam parcialmente fora d'água. Juntos, nadamos em direção à terra e nos jogamos no chão para recuperar o fôlego. A grama pinica em minhas costas, mas, em vez de me incomodar, faz com que eu fique grato por ter conseguido fugir dos túneis. *Se sinto isso, é porque estou vivo.*

— Nós escapamos — comemora Diego ao meu lado, respirando com dificuldade.

— Sim! — responde Henrique, olhando para mim e para Alma. — Mas precisamos sair antes que o fogo chegue até aqui também — alerta, se colocando em pé e me ajudando a levantar. O machucado do ombro começa a pulsar quando me levanto. Alma também fica de pé e auxilia Diego, os dois estão encharcados e molham os lugares por onde passam.

Lentamente, caminhamos em direção ao casarão principal, onde ficavam os escritórios de Suzana, Álvaro e Laura. Lá, dezenas de campistas e funcionários

se mantêm amontoados enquanto esperam por sua vez de ir embora.

Tiro um último minuto para olhar para trás e ver o acampamento ruir. As chamas estão altas e se alastram tão rápido que conseguiram chegar até os dormitórios. O lugar que foi meu abrigo nos últimos meses se desfaz como se fosse de papel. As madeiras caem e as paredes de concreto se tornam escuras, apagando as histórias ali construídas.

De repente, Alma se separa de nós, correndo em direção à multidão e se misturando entre os campistas. Entendo o que aconteceu quando me deparo com Suzana e Álvaro andando em meio aos jovens. Eles parecem preocupados e deixam de lado a expressão rígida que costumam exibir, estão no meio de outras pessoas sem qualquer distinção de cargos. Nesse momento, não deveria haver qualquer tipo de separação.

Assim que os pais veem Alma, correm para abraçá-la, puxando-a para seus braços e agradecendo por ela estar bem. Apesar de tudo, Alma ainda os ama, e sei que enfrentará todos os problemas que possam aparecer em seu caminho. Agora que o Misfit teve seu fim, a garota finalmente terá a chance de conhecer o mundo e reclamar sua liberdade.

Olho para o garoto loiro ao meu lado e percebo que ele me encara, sorrindo de maneira suave.

Apenas o observo de volta, porque minha mente está ocupada demais pensando no que sinto por ele e é incapaz de formular qualquer outra coisa.

— Você é lindo — diz Henrique, acariciando meu rosto. O toque dele faz com que meu corpo todo arpie e, em seguida, relaxe.

Sorrio de volta, olhando para ele e me perdendo na imensidão de seus olhos verdes.

— Eu te perdoo. — Minha voz não sai muito alta nem muito firme, mas é o suficiente para que ele consiga ouvir.

Então, ele derruba uma ou duas lágrimas, que seco delicadamente com os dedos. Ouço sirenes se aproximando e logo depois vejo os bombeiros disparando pelo acampamento para lutar contra o fogaréu. Com experiência e agilidade, começam a apagar o fogo, e a multidão se acalma, deixando o estado de pânico e indo em direção à saída com menos desespero.

No meio das pessoas, tenho um breve vislumbre de Serena, escoltada por José e Laura. Ela está em prantos, descontrolada, provavelmente, será entregue à polícia ou a qualquer lugar onde tenha de lidar com as consequências de seus atos.

Não consigo deixar de sentir pena, porque sei que sua intenção não foi das piores. Quis terminar o trabalho que o Fantasma começou para não deixar que todo o passado cruel do acampamento fosse apagado ou esquecido, mas vingou

as pessoas que sofreram da maneira errada e causou ainda mais sofrimento.

Dor nunca pode ser solucionada com mais dor.

Passei tanto tempo brigando contra mim mesmo enquanto procurava resultados instantâneos que exterminassem meus medos e acabassem de vez com os problemas que me deixei cegar.

Pela primeira vez na vida, consigo realmente imaginar um futuro em que estou rodeado de pessoas que amo e completamente feliz. Posso estar nessa luta diária. Na verdade, acho que sempre batalharei para me sentir bem. Sei que não é fácil e que a tristeza não irá embora da noite para o dia, mas estou grato por estar vivo para poder continuar.

O ambiente que conhecemos foi derrubado, mas isso não nos destruiu.

Seguro com firmeza a mão de Henrique e, em meio à multidão, atravesso o portão de saída, deixando o acampamento para trás.

Agradecimentos

Assim como Dimitri, desde pequeno lido com uma tristeza que, infelizmente, me persegue até nos melhores momentos. Não foram poucas as vezes em que me vi preso a um cômodo, tendo como companhia apenas a cabeça cheia de pensamentos rebuscados e um gigantesco aperto no peito. Por essa razão, contar a história deste livro foi doloroso, pessoal, mas extremamente necessário. Além de passar a mensagem que eu gostaria, tive a oportunidade de me entender um pouco mais e de mostrar a todos que se sentem como eu que não estão sozinhos, que há outras pessoas aqui por eles. Foi como escrever uma versão nova do que vivi em um universo paralelo ficcional (claro, com diálogos mais divertidos e um pouquinho mais de aventura).

Agradeço, então, a todos que estiveram ao meu lado durante o processo de escrita, ainda que seja um período silencioso e solitário. Certas companhias foram extremamente necessárias para que o livro fosse concluído. Agradeço especialmente a Vitor, Jheniffer, Kelvin, Igor e Ana Paula. Obrigado por me aguentarem e me incentivarem nos momentos em que achei que esta história nunca sairia do papel. Amo vocês!

Meu muito obrigado a toda a equipe da Editora Planeta por novamente me dar a oportunidade de transformar palavras em livro e levá-lo até o público: vocês são demais!

Agradeço também a você que está lendo, que me acompanha e que esperou quase dois anos para novamente se perder comigo em minhas palavras. Sou muito grato por me darem a chance de viver este sonho e espero que meus livros possam retribuir parte do carinho que recebo de vocês. Seu apoio durante o lançamento de *Traços* foi essencial e continua me surpreendendo. Espero que tenham gostado desta nova aventura.

Por fim, lembrem-se, assim como Dimitri deu um passo à frente, pequenos atos podem mudar vidas, incluindo a sua. Você não deve nem precisa se sentir sozinho, há um mundo inteiro lá fora a sua espera. Afinal, ainda estamos todos aqui, não é?! Vamos fazer este tempo valer a pena.

Até a próxima história,

EDUARDO CILTO

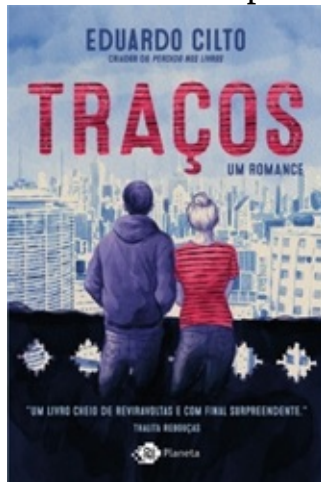
CVV (Centro de Valorização da Vida)

Site: <http://www.cvv.org.br>

Telefone: 141 para todo o Brasil, ou por chat ou e-mail no site.

“Sinto como se um elefante subisse em meus ombros. Aquele era um dos meus pontos mais sensíveis, porque era difícil que as pessoas entendessem ou simplesmente acreditassem que era impossível equilibrar algumas coisas com tanta facilidade. O meu ‘defeito’ estava em um lugar muito mais distante, onde eu não tinha controle. Só havia uma pessoa capaz de compreender o que acontecia comigo nesses momentos, e esse alguém já não estava mais ao meu alcance para me dar conselhos.”

Leia também o primeiro romance do autor:





EDUARDO CILTO sempre se identificou mais com personagens dos livros do que com as pessoas que conhecia. Nascido em 1996, na cidade de Santo André/SP, ele passa boa parte do seu tempo deslizando os olhos entre páginas de livros e tem o costume de inventar histórias sobre as pessoas que vê na rua. Em 2012, sua paixão por livros fez com que criasse o canal *Perdido nos livros*, no YouTube, no qual expressa suas opiniões e surta sobre seus personagens favoritos junto com mais de 300 mil seguidores. *Também* é autor de *Traços*, lançado pela Editora Planeta.



@eduardocilto



@perdidonoslivros



@perdidonoslivros

1. “Ride”, Lana Del Rey, Justin Parker; Polydor, 2012.
2. “The House of the Rising Sun”, música tradicional com arranjo de Alan Price; ABKCO Records, 1964.
3. “Dream a Little Dream of Me”, Fabian André, Gus Kahn, Wilbur Schwandt; MCA, 1968.
4. “Leaving on a Jet Plane”, John Denver; BMG Heritage, 1969.
5. “You Belong with Me”, Liz Rose, Taylor Swift; Big Machine Records, 2008.
6. “Feeling Good”, Leslie Bricusse, Anthony Newley; Universal Distribution, Verve, 1965.
7. “Ride”, Tyler Joseph; Fueled by Ramen Records, 2015.
8. “Stand by Me”, Ben E. King, Jerry Leiber, Mike Stoller; Rhino, 1961.
9. “Can’t Help Falling in Love”, Luigi Creatore, Hugo Peretti, George David Weiss; RCA Victor, 1961.
10. “Suburbia”, Alexandra Hughes, Bram Inscore, Brett McLaughlin, Troye Sivan Mellet; Capitol, Virgin EMI, 2015.
11. “Boulevard of Broken Dreams”, Billie Joe Armstrong, Green Day; Reprise, 2004.
12. “Landslide”, Stevie Nicks; Warner Bros., Reprise, 1975.
13. “Lust for Life”, Lana Del Rey, Max Martin, Rick Nowels, Abel Tesfaye; Interscope, Polydor, 2017.
14. Como um rio que corre, certamente para o mar / Querida, é assim, algumas coisas estão destinadas a acontecer.

“É no caos que minha mente se esvazia e meus pensamentos se encontram.”

Aos dezessete anos, Dimitri não é mais capaz de enxergar a si mesmo quando encara o próprio reflexo no espelho. Dividindo seu tempo entre o colégio e um emprego na última locadora de filmes da cidade, ele vê sua realidade colidir quando um simples encontro com os amigos acaba sendo gatilho para uma de suas maiores crises.

Lutando contra a nova vida e consigo mesmo, Dimitri é obrigado a passar o resto do ano em um acampamento para jovens desajustados que promete colocá-lo de volta aos eixos. Porém, um lugar que abriga tantos desajustados pode não ser tão perfeito quanto todos pensam. O que antes parecia ser a solução dos problemas, acaba se tornando apenas o começo de um dos maiores deles.

Eletrizante.

Emocional.

O retrato de uma geração.



 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br